

**ESTUDO**  
**SOBRE**  
**A**  
**FÉ SALVÍFICA**

ARTHUR W. PINK



**MONERGISMO.COM**

*“Ao Senhor Pertence a Salvação” (Jonas 2:9)*

[www.monergismo.com](http://www.monergismo.com)

Traduzido do original inglês  
*Studies on Saving Faith* (1932)

Tradução: Vanderson Moura da Silva (exceto parte importante do sexto capítulo, de autoria da Chapel Library, e ligeiramente modificado).

Biografia de Arthur W. Pink: Vanderson Moura da Silva

Edição, Revisão e Projeto Gráfico: Felipe Sabino de Araújo Neto

Primeira edição em português: 2006

As citações escriturísticas utilizadas neste livro são da Edição Revista e Corrigida de Almeida, da Imprensa Bíblica do Brasil, exceto quando uma outra versão é indicada.

# CONTEÚDO

<b>NOTA DE AGRADECIMENTO .....</b>	<b>4</b>
<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>5</b>
<b>PARTE 1 – SINAIS DOS TEMPOS .....</b>	<b>7</b>
PARTE 1 - SINAIS DOS TEMPOS .....	7
<b>PARTE 2 – FÉ SALVÍFICA.....</b>	<b>13</b>
PARTE 2 - FÉ SALVÍFICA .....	13
1. SUAS FALSIFICAÇÕES .....	14
2. SUA NATUREZA .....	19
3. SUA DIFICULDADE .....	25
4. SUA COMUNICAÇÃO .....	31
5. SUAS EVIDÊNCIAS.....	37
<b>PARTE 3 – VINDO A CRISTO .....</b>	<b>43</b>
PARTE 3 – VINDO A CRISTO.....	43
6. OBSTÁCULOS PARA VIR A CRISTO .....	46
7. VINDO A CRISTO COM O NOSSO ENTENDIMENTO .....	51
8. VINDO A CRISTO COM NOSSAS AFEIÇÕES .....	57
9. VINDO A CRISTO COM A NOSSA VONTADE.....	61
10. TESTES.....	65
<b>PARTE 4 - SEGURANÇA .....</b>	<b>67</b>
11. INTRODUÇÃO .....	67
12. SUA NATUREZA .....	74
13. SUA BASE .....	80
14. SUA OBTENÇÃO .....	86
15. SEUS SUJEITOS.....	91
16. SEUS IMPEDIMENTOS .....	93
17. SUA MANUTENÇÃO.....	96
18. SEUS FRUTOS.....	99
19. DIÁLOGO 1: SR. CONFIANÇA CARNAL .....	100
20. DIÁLOGO 2: AS QUESTÕES DO SR. CORAÇÃO HUMILDE .....	106
21. DIÁLOGO 3: O EDITOR VISITA CORAÇÃO HUMILDE .....	112
22. DIÁLOGO 4: O ESPÍRITO ELEVADO DE CORAÇÃO HUMILDE .....	117
<b>UMA BREVE BIOGRAFIA.....</b>	<b>122</b>

## NOTA DE AGRADECIMENTO

A presente obra, disponível agora no portal *Monergismo.com*, é o primeiro fruto do “Projeto de Tradução”, que lançamos há menos de um ano.

Nossa mais sincera gratidão ao tradutor, Vanderson Moura da Silva, que se dedicou, sozinho e gratuitamente, a verter em nosso idioma este valioso livro para o benefício espiritual de muitas pessoas.

Agradecemos profundamente também ao Rev. Odayr Olivetti, o qual, em meio às suas muitas obrigações, se dispôs, de imediato e de bom grado, a prefaciar essa versão em português.

É nossa oração que Deus use a leitura deste livro, não somente para a edificação dos seus eleitos, mas também para chamar e despertar muitos deles que ainda possuem a mente obscurecida.

Rogamos ao Espírito de Deus sua bênção sobre nosso labor, e que ele se digne a transportar, mediante a leitura dos capítulos seguintes, muitos das trevas para o maravilhoso Reino do Filho de Deus, fazendo com que a bendita luz do Evangelho raie no coração de cada um deles.

Aproveitamos esta oportunidade de lançamento para convidar todos os irmãos que se sentem especialmente capacitados a trabalhar com literatura cristã sadia que se unam a este projeto para que outras obras de extremo valor sejam disponibilizadas gratuitamente em nossa língua, tão carente da sã teologia e da mais edificante doutrina.

Nisto, como em tudo o mais, *solí Deo gloria!*

Felipe Sabino de Araújo Neto  
Cuiabá, 02 de janeiro de 2006

## PREFÁCIO

Antes de falar algo sobre o livro em epígrafe, tomo a liberdade de fazer algumas observações, calcado nos estranhos traços da personalidade e da vida do Autor.

Homem difícil de encaixar nos mais diversos ambientes, não agüentou mais que dois meses no Instituto Bíblico Moody – o que já nos deixa entrever alguns aspectos, confirmados por sua decidida tomada de posição na corrente das gloriosas doutrinas da graça, comumente chamada calvinista. Porque, como Spurgeon alertou, foi com as pregações de Moody (sumamente bem intencionado) que as multidões que freqüentavam o “Tabernáculo” de Spurgeon em Londres começaram a debandar, e a evangelização antropocêntrica expandiu-se.

É notável que somente depois da morte de Pink seus escritos passaram a ser devidamente avaliados e difundidos. Notável, mas não estranho. Tem sido comum isso, tanto no campo da religião como no das artes. Muitos artistas (pintores, músicos, escritores) só têm sido adequadamente apreciados depois da sua morte. Com João Calvino, felizmente, aconteceu um repúdio cedo demais, com tempo para ser reconhecido o erro e ele, expulso de Genebra, foi procurado e trazido de volta à cidade que ele encontrou imunda, em todos os aspectos, e que deixou um exemplo de limpeza, em todos os aspectos.

Graças a Deus que, embora tarde para Pink, suas obras ganharam a devida circulação. E aqui temos a tradução deste precioso estudo sobre a fé verdadeira, a verdadeira fé salvadora.

Uma preocupação que tenho em nosso tempo foi a preocupação do Autor em seu tempo: a preocupação com a ilusão otimista de muitos quanto ao aparente e falso progresso da causa do Evangelho.

Objetivo do Autor: Não sair atrás de culpados, mas mostrar como a evangelização que se fazia – e que se faz – era defeituosa em suas ênfases e em suas omissões, com gravíssimas conseqüências para os que aceitam sua falsa, enganosa e diabólica mensagem.

O Autor descreve sucintamente o que o Evangelho não é, e se estende em mostrar o que o Evangelho é, fundamentado na Escritura Sagrada, e termina a Parte 1 perguntando o que o povo de Deus deve fazer, e respondendo com a Bíblia.

A Parte 2 é uma descrição da fé salvífica – falsificações, natureza, dificuldade, comunicação da fé salvífica. Sempre com forte e pertinente argumentação bíblica, o autor lamenta o fato de que florescem os cultos anticristãos por toda parte, não escapando os “setores ‘ortodoxos’ da cristandade”. — Tenho notado que muitos cristãos enxergam alguns desses males atualmente, mas poucos oferecem o antídoto: a pregação da Palavra integral de Deus. Pink o faz.

Parte 3 – Vindo a Cristo. O Autor começa citando um bom número de passagens desafiadoras do Novo Testamento. Passa depois a expô-las. Divide o assunto nos seguintes pontos: obstáculos para vir a Cristo. — destaque que faço: mostra com grande competência que o homem natural, não regenerado, é incapaz de “vir a Cristo”; vindo a Cristo com o

nosso entendimento; vindo a Cristo com os nossos afetos; vindo a Cristo com a nossa vontade. — Mente, coração, volição. Graças às operações do Espírito Santo. Pink apresenta sete testes da fé salvífica, comentando com discernimento sete fundamentos falsos da fé cristã. Pessoas que confundem produtos da mente natural com as reais evidências ou provas da conversão genuína.

Parte 4 – Segurança — incluindo as idéias de certeza e segurança.

No item 11, Introdução, o Autor faz um esboço histórico da doutrina da segurança, da Idade Média ao presente (início do século vinte). — No segundo parágrafo, a declaração que faz quanto à posição dos Reformadores sobre a doutrina da segurança, especialmente em contraste com a declaração feita pouco antes sobre os puritanos, é uma generalização. Como tradutor dos quatro volumes das *Institutas* de João Calvino (de sua edição original francesa de 1541), posso assegurar que Ele foi em extremo cuidadoso para evitar extremos como o aqui indicado.

Nos itens 12 em diante a argumentação é sobre a natureza, a base, a obtenção, os sujeitos, os impedimentos, a manutenção e os frutos da segurança (três frutos são explicitados com base em passagens bíblicas pertinentes).

Em função de reações posteriores à publicação dos estudos sobre a fé salvífica, o Autor acrescentou quatro diálogos: um com o Sr. Confiança Carnal e três com o Sr. Coração Humilde. São sumamente interessantes e esclarecedores. Focalizam aspectos práticos, mas fundamentados na mesma cerrada argumentação bíblica que caracteriza o livro todo.

A divulgação do presente livro é de suma relevância na presente situação da causa do Evangelho. Queira Deus, por Sua graça e por Seu Espírito, despertar os corações adormecidos pelo narcótico das ilusões e abrir os olhos que o deus deste século cegou, para que se interessem por obras como a que acabo de comentar e para que marchem humildes e confiantes rumo às prístinas fontes da Revelação, e cheguem com o coração transformado pelo fogo do Espírito ao Calvário, para que possam realmente rejubilar-se ante o túmulo vazio!

Rev. Odayr Olivetti  
*Águas da Prata, 2 de janeiro de 2006*

## PARTE 1 – SINAIS DOS TEMPOS

### *Parte 1 - Sinais dos Tempos*

É geralmente reconhecido que *espiritualmente* a Cristandade está numa maré baixa e não poucos percebem que a *sã doutrina* está em rápida decadência, todavia muitos dentre o povo de Deus ficam confortados ao supor que o Evangelho ainda está sendo amplamente pregado e que, por isso, grandes multidões estão sendo salvas. Ai!, tal suposição otimista está mal fundada e alicerçada na areia. Se a “mensagem” agora sendo entregue em Missions Hall for examinada, se os “folhetos” que são espalhados entre as massas de fora da igreja sofrerem escrutínio, se os oradores “de ar livre” forem cuidadosamente ouvidos, se os “sermões” ou “discursos” de uma “campanha para ganhar almas” forem analisados; resumindo, se o moderno “evangelismo” for pesado nas balanças das Sagradas Escrituras, será achado em falta — carecendo do que é vital a uma genuína conversão, *sem* aquilo que é essencial caso se mostre aos pecadores sua necessidade de um Salvador, *sem* aquilo que produzirá as vidas transfiguradas de novas criaturas em Cristo Jesus.

Não é com espírito implicante algum que escrevemos, procurando fazer homens culpados por uma palavra. Não é que estejamos buscando perfeição, e queixamo-nos por não achá-la, nem criticamos outros porque não estão fazendo as coisas como julgamos que deveriam ser feitas. Não; não, é uma matéria de longe mais séria que isso. O “evangelismo” de hoje não é apenas superficial até o máximo grau, mas é *radicalmente defeituoso*. A ele falta uma base na qual se fundamentar para apelar a pecadores para vir a Cristo. Há não somente uma lamentável falta de proporção (a misericórdia divina sendo posta com muito mais proeminência que Sua santidade, Seu amor mais do que Sua ira), mas também uma *fatal omissão* daquilo que Deus dá para comunicar um conhecimento de pecado. Há não só uma repreensível introdução de “brilhante cantoria”, gracejos bem humorados e anedotas para entreter, mas uma *estudada omissão do negro pano de fundo* sobre o qual unicamente o Evangelho pode eficazmente brilhar.

Realmente é séria a denúncia acima, mas isso é somente a metade — o lado negativo, o que está faltando. Pior ainda é o que está sendo vendido pelos evangelistas bufarinheiros dos dias atuais. O *conteúdo positivo* da mensagem deles é nada senão o atirar de areia nos olhos do pecador. Sua alma é posta para dormir pelo narcótico do Diabo, ministrado numa forma a mais insuspeita. Aqueles que realmente recebem a “mensagem” a qual está agora sendo anunciada da maioria dos púlpitos e tribunas “ortodoxos” atualmente, estão sendo fatalmente enganados. É um caminho que ao homem parece direito, mas, a menos que a soberania divina intervenha por um milagre da graça, todos os que o seguem certamente descobrirão que os seus fins são os caminhos da morte. Dezenas de milhares que confiantemente imaginam que estão destinados ao Céu, terão uma terrível desilusão quando se virem no Inferno.

*O que é o Evangelho?* É uma mensagem de boas novas do Céu para fazer com que rebeldes que desafiam a Deus fiquem à vontade em sua impiedade? É dado com o propósito de dar a certeza a jovens loucos por prazeres que, contanto que apenas “creiam” não há nada

para temerem no futuro? Certamente se pensaria assim pela maneira na qual o Evangelho é apresentado — ou antes pervertido — pela maioria dos “evangelistas”, e mais ainda quando olhamos *a vida* de seus “convertidos”. Seguramente aqueles com qualquer grau de discernimento espiritual devem perceber que para se assegurar aos tais que Deus os ama e Seu Filho morreu por eles, e que um perdão pleno por todos os seus pecados (passados, presentes e futuros) pode ser obtido por simplesmente “aceitar a Cristo como seu Salvador pessoal”, não é nada senão atirar pérolas aos porcos.

*O Evangelho não é uma coisa à parte.* Não é algo independente da revelação anterior da Lei de Deus. Não é um anúncio de que Ele afrouxou Sua justiça ou rebaixou o padrão de Sua santidade. Longe disso, quando *escrituristicamente exposto* o Evangelho apresenta a mais clara demonstração e climatérica prova da inexorabilidade da justiça de Deus e de Sua infinita abominação do pecado. Porém, para biblicamente exporem o Evangelho, jovens imberbes e homens de negócio os quais devotam seu tempo livre ao “esforço evangelístico” estão *totalmente desqualificados*. Ai!, o orgulho da carne consente a tamanhos incompetentes para se lançarem aonde os muito mais sábios temem pisar. É essa multiplicação de neófitos que é amplamente responsável pela funesta situação que agora nos confronta, e por as “igrejas” e “assembléias” estarem tão grandemente preenchidas com *tais* “convertidos”, explica o porquê de eles serem tão anti-espirituais e mundanas.

Não, meu leitor, o Evangelho está muito, muito longe de dar pouca importância ao pecado. O Evangelho nos mostra o quão francamente Deus trata com o pecado. Ele revela-nos a terrível espada da Sua justiça castigando Seu amado Filho a fim de que a expiação pudesse ser feita pelas transgressões do Seu povo. Longe de o Evangelho pôr de lado a Lei, ele exhibe o Salvador suportando a maldição dela. O Calvário forneceu a mais solene e inspiradora mostra de temor reverente do *ódio de Deus* ao pecado que o tempo ou a eternidade jamais fornecerão. E você imagina que o Evangelho seja exaltado ou Deus glorificado sendo oferecido aos mundanos e dizendo-lhes que eles “podem ser salvos neste momento por simplesmente aceitar a Cristo como o seu Salvador pessoal”, *enquanto estão* apegados aos seus ídolos e seus corações ainda amantes do pecado? Se o fizer, eu contar-lhes-ei uma *mentira*, perverterei o Evangelho, insultarei a Cristo, e tornarei a graça divina em lascívia.

Não há dúvidas de que alguns leitores prontamente objetarão às nossas “ásperas” e “sarcásticas” colocações acima perguntando, Quando se pôs a questão, “Que devo fazer para ser salvo?”, o apóstolo inspirado não diz expressamente “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo?” Podemos incorrer em erro, se dissermos ao pecador a mesma coisa hoje? Não temos nós a garantia divina para assim proceder? Verdade, tais palavras estão nas Sagradas Escrituras, e porque *estão*, muitas pessoas superficiais e não versadas concluem que estão justificadas repetindo-as para todo mundo. Mas seja assinalado que Atos 16.31 não foi dirigido a uma multidão promíscua, mas *para um indivíduo em particular*, o qual texto ao mesmo tempo sugere que *não* se trata de uma mensagem para ser indiscriminadamente proclamada, mas antes uma palavra especial, àqueles *cujos caracteres correspondam* àquele a quem ela pela primeira vez foi falada.

Versículos das Escrituras não devem ser tirados de seu contexto, mas examinados, interpretados, e aplicados *de acordo com o seu contexto*, e exigem que se os considerem em atitude de oração, de meditação cuidadosa, e de estudo prolongado, e é o fracasso *nesse* ponto que explica essas “mensagens” artificiais e sem valor dessa era de pressa e precipitação. Vejamos o contexto de Atos 16.31, e o que encontramos? Qual foi a ocasião, e *a quem* foi



que o apóstolo e seus companheiros disseram “Crê no Senhor Jesus Cristo?” Sete respostas são dadas ali, as quais fornecem um esquema contundente e completo do caráter daqueles a quem estamos nós autorizados em dar essa palavra verdadeiramente evangelística. Enquanto resumidamente mencionamos esses sete detalhes, que o leitor *pondere* cuidadosamente neles.

Primeiro, o homem a quem aquelas palavras foram faladas havia acabado de testemunhar *o poder de Deus de operar milagres*. “E de repente sobreveio um tão grande terremoto, que os alicerces do cárcere se moveram, e logo se abriram todas as portas, e foram soltas as prisões” (Atos 16.26). Segundo, em consequência disso o homem ficou profundamente agitado, a ponto mesmo de se desesperar: “Tirou a espada, e quis matar-se, cuidando que os prisioneiros já tinham fugido” (v. 27). Terceiro, ele sentiu *a necessidade de iluminação*: “E, pedindo luz,...” (v. 29). Quarto, sua *autocomplacência foi expressamente despedaçada*, pois “saltou... todo trêmulo” (v. 29). Quinto, ele se pôs em seu devido lugar (perante Deus) — *no pó*, pois ele “se prostou ante Paulo e Silas” (v. 29). Sexto, ele demonstrou respeito e *consideração pelos servos de Deus*, pois ele “... tirando-os para fora,...” (v. 30). Sétimo, então, com uma *profunda preocupação por sua alma*, ele perguntou, “Que é necessário que eu faça para me salvar?”

Eis, então, algo definitivo para nossa orientação — se estivermos desejosos de ser orientados. Não foi uma pessoa inconstante, negligente, despreocupada, que foi exortada a “simplesmente” crer; antes, porém, alguém a quem foi dada clara evidência que uma poderosa obra de Deus já tinha sido operada nele. Foi uma *alma despertada* (v. 27). Nesse caso não houve necessidade alguma de pressioná-lo por sua condição perdida, pois obviamente ele a sentiu; nem foram os apóstolos exigidos para insistir com ele sobre a obrigação do arrependimento, pois seu procedimento inteiro indicou sua contrição. Mas aplicar as palavras faladas a *ele* àqueles que estão totalmente cegos para seu estado depravado e completamente morto para com Deus, seria maior tolice que colocar uma garrafa de sais para cheirar no nariz de quem acaba de ser arrastado inconsciente da água. Que o crítico deste artigo leia cuidadosamente todo o livro de Atos e veja se consegue achar um simples exemplo dos apóstolos discursando a uma audiência promíscua ou uma companhia de pagãos idólatras e “simplesmente” dizendo-lhes para crer em Cristo.

Assim como o mundo não estava pronto para o Novo Testamento antes de ter recebido o Antigo; assim como os judeus não estavam preparados para o ministério de Cristo até João Batista ter ido adiante dEle clamando para que se arrependessem, também o não salvo não está em condição alguma hoje para o Evangelho até *a Lei* ser aplicada a seus corações, pois “pela lei vem o conhecimento do pecado” (Romanos 3.20). É uma perda de tempo semear em solo que jamais tenha sido arado ou cavado! Apresentar o sacrifício vicário de Cristo àqueles cuja paixão dominante é se encher de pecado, é dar aquilo que é santo aos cães. O que os não convertidos necessitam ouvir é sobre o caráter dAquele com quem eles tem que se haver, Suas reivindicações sobre eles, Suas justas exigências, e a infinita enormidade do desprezo que nutrem por Ele e que estão trilhando seus próprios caminhos.

*A natureza da salvação de Cristo é tristemente mal retratada pelo “evangelista” do presente. Ele anuncia um Salvador do Inferno, ao invés de um Salvador do pecado. E daí a razão de muitos estarem fatalmente ludibriados, pois há multidões que desejam escapar do Lago de fogo que não têm desejo algum de serem libertas de sua carnalidade e mundanismo. A primeiríssima coisa que é dita dEle no Novo Testamento é, “chamarás o seu nome Jesus; porque ele salvará o seu povo (não “da ira vindoura”, mas) dos seus pecados” (Mateus 1.21). Cristo é um Salvador para aqueles que se dão conta da extraordinária maldade do pecado, que*

sentem o pavoroso fardo dele em suas consciências, que desprezam a si mesmos por isso, que anelam ser libertos de seu terrível domínio; e um Salvador *para não outros mais*. Fosse Ele “salvar do Inferno” aqueles que ainda estivessem afeiçoados ao pecado, seria o Ministro do pecado, indultando a impiedade deles e colocando-se do seu lado contra Deus. Que coisa indizivelmente horrível e blasfema com que se acusa o Santo!

Caso o leitor exclame, *eu não estou cômico da odiosidade do pecado nem me curvei com um senso de minha culpa quando Cristo me salvou*. Então, sem hesitar, respondemos, ou você nunca foi salvo mesmo, ou não foi salvo há tanto tempo assim como supõe. Verdadeiramente, à medida que o cristão cresce na graça ele tem uma mais clara percepção do que o pecado é — rebelião contra Deus — e um mais profundo aborrecimento e desgosto por ele; mas pensar que alguém cuja consciência nunca foi golpeada pelo Espírito e cujo coração não ficou contrito ante Deus possa ser salvo por Cristo, é imaginar algo que não existe no domínio dos fatos. “Não necessitam de médico os sãos, mas sim os doentes” (Mateus 9.12): só quem realmente procura alívio do grande Médico são aqueles que estão *enfermos pelo pecado* — que anelam ser libertos de suas obras que desonram a Deus e das contaminações que mancham suas almas.

Considerando, então, que a salvação de Cristo é uma salvação do pecado — do amor a ele, do seu domínio, da sua culpa e da sua punição — então se segue necessariamente que a primeira grande tarefa e o principal trabalho do evangelista é pregar sobre PECADO: definir o que ele (visto que distinto de crime) de fato é, mostrar em que sua infinita enormidade consiste; traçar suas múltiplas ações no coração; indicar que nada menos que o castigo eterno é o seu merecimento. Ah, mas pregação sobre pecado — não meramente expressar algumas platitudes a seu respeito, mas devotar sermão após sermão para explicar o que o pecado é *à vista de Deus* — não tornará o evangelista popular nem atrairá as multidões, tornará? Não mesmo, e sabendo disso, aqueles que amam o louvor dos homens mais do que a aprovação de Deus, e que dão maior valor aos seus salários que às almas imortais, tratam de cortar aquela parte. “Mas tal pregação *irá* afastar o povo!” Ao que respondemos, melhor afastá-lo a afastar o Espírito Santo por infielmente servir aos interesses carnis.

*Os termos da salvação de Cristo são erroneamente declarados pelo evangelista atual*. Com raríssimas exceções ele conta aos seus ouvintes que a salvação é pela graça e é recebida como dom gratuito; que Cristo fez tudo *pelo pecador*, e nada mais resta a ele senão “crer” — confiar nos infinitos merecimentos de Seu sangue. E tão amplamente essa concepção agora prevalece em círculos “ortodoxos”, tão grande a frequência com que são os ouvidos ensurdecidos, tão profundamente isso se arraigou nas mentes, que para alguém agora desafiá-la e denunciá-la como sendo tão inadequada e parcial quanto *ludibriadora e errônea*, será instantaneamente tachado com o estigma de herege, e acusado de desonrar o trabalho completo de Cristo por inculcar salvação pelas obras. Não obstante, este escritor já se preparou bem para correr esse risco.

A salvação *é* pela graça, pela graça *somente*, pois a uma criatura caída não há nada que possa ela fazer para merecer a aprovação divina ou ganhar a sua aprovação. Contudo, a graça divina não é exercida à custa da santidade, pois a última nunca transige com o pecado. É igualmente verdade que a salvação é um dom gratuito, mas uma mão *vazia* é que deve recebê-la, e não uma que ainda se agarra fortemente ao mundo! Porém, não é verdade que “Cristo fez tudo pelo pecador”. Ele não encheu Sua barriga com as alfarrobas dos porcos, julgando-as incapazes de satisfazê-lo. Ele não retornou à terra longínqua, levantou-se, foi ao Pai, e reconheceu seus pecados — esses são atos *os quais o próprio pecador deve executar*.

Sim, ele não será salvo *por* executá-los, todavia é também fato que não poderá ser salvo *sem* a sua execução — não mais do que o príncipe poderia receber o beijo Paterno e o anel enquanto ainda permanecesse a uma culpável distância dEle!

Algo mais do que “crer” é necessário à salvação. Um coração de aço que esteja em rebelião contra Deus não pode crer para a salvação: antes tem de ser quebrado. Está escrito “se vós não *arrependerdes*, todos de igual modo perecereis” (Lucas 13.3). Arrependimento é não menos essencial que fé, sim, não pode haver o último sem o primeiro. “Nem depois vos arrependestes *para* o crer” (Mateus 21.32). A ordem é clara e suficientemente formulada por Cristo: “Arrependei-vos, e crede no Evangelho” (Marcos 1.15). Arrependimento é afligir-se pelo pecado. Arrependimento é um repúdio de coração ao pecado. Arrependimento é uma determinação de coração para deixar o pecado. E onde há verdadeiro arrependimento a graça está livre para atuar, pois as exigências de santidade são conservadas quando se renuncia ao pecado. Assim, é a obrigação do evangelista bradar “*Deixe* o ímpio o *seu caminho*, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converta ao Senhor, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar” (Isaías 55.7). Sua tarefa é apelar para que seus ouvintes deponham as armas de sua batalha contra Deus, e então suplicar a misericórdia através de Cristo.

O *caminho* da salvação está falsamente definido. Na maioria das vezes o “evangelista” moderno assegura a sua congregação que *tudo* que qualquer pecador tem de fazer para escapar do Inferno e ter a certeza do Céu é “receber a Cristo como seu Salvador pessoal”. Mas tal ensino é expressamente enganador. Ninguém pode receber a Cristo como seu Salvador enquanto *rejeita-O como Senhor*. É verdade que o pregador acrescenta que, o que aceita Cristo deve também se render a Ele como Senhor, mas ele imediatamente estraga tudo ao garantir que ainda que o convertido falhe aí, contudo o Céu está destinado a ele. Esta aí uma das mentiras do Diabo. Somente aqueles que estejam espiritualmente cegos declararíamos que Cristo salvará qualquer que despreze Sua autoridade e recuse o Seu jugo: *isso* seria, meu leitor, não graça, mas *uma desgraça* — *acusar* Cristo de dar um prêmio à iniquidade.

É em Seu ofício *de Senhor* que Cristo mantém a honra de Deus, desempenha Seu governo, impõe Sua Lei, e se o leitor se voltar para estas passagens — Lucas 1.46, 47; Atos 5.31 (príncipe e Salvador); 2 de Pedro 1.11; 2.20; 3.18 — onde ocorre os dois títulos, descobrirá que é sempre “Senhor e Salvador”, e *não* “Salvador e Senhor”. Portanto, aqueles que não se curvaram ao cetro de Cristo e O entronizaram em seus corações e vidas, e, todavia, imaginam que estão confiando nEle como seu Salvador, estão iludidos, e a menos que Deus os liberte dessas ilusões, descerão às chamas eternas com uma mentira na sua mão direita (Isaías 44.20). Cristo é “a Causa de eterna salvação para todos os que Lhe *obedecem*” (Hebreus 5.9), mas a atitude daqueles que não se submetem ao Seu Senhorio é “*não queremos que Este reine sobre nós*” (Lucas 19.14). Faça uma pausa então, meu leitor, e honestamente encare a questão:  *você* está sujeito ao Seu querer, está sinceramente se esforçando para guardar Seus mandamentos?

Ai! Ai! O “caminho da salvação” *de Deus* é quase inteiramente desconhecido hoje, a *natureza* da salvação de Cristo é quase universalmente mal entendida, e os *termos* da Sua salvação mal representados em ambos os seus aspectos. O “Evangelho” o qual está sendo agora proclamado é, de nove em dez casos, apenas *uma perversão* da Verdade, e dezenas de milhares, certos de que irão para o Céu, estão agora se apressando para o Inferno, tão rápido quanto o tempo possa permitir. As coisas estão de longe, *de longe, pior* na Cristandade do

que até o “pessimista” e o “alarmista” supõe. Não somos um profeta, nem nos permitiremos qualquer especulação sobre o que as profecias bíblicas predizem — homens mais sábios que o escritor freqüentemente se fizeram de tolos ao assim procederem. Somos francos em dizer que não sabemos o que Deus está por fazer. As condições religiosas estavam muito piores, isso na Inglaterra, cento e cinquenta anos atrás. Mas isso nós grandemente tememos: a menos que a Deus agrade conceder um real avivamento, não demorará e “as trevas cobrirão a terra, e a escuridão os povos” (Isaías 60.2, ARA), pois o “evangelismo” constitui, em nosso julgamento, o mais solene de todos os “sinais dos tempos”.

O que deve o povo de Deus fazer face à situação existente? Efésios 5.11 fornece a resposta divina: “*não comuniquéis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as*”, e tudo que é *oposto* à luz da Palavra é “treva”. É obrigação que cada cristão deve assumir o não ter negócios com a monstruosidade “evangelística” corrente: *deixar de dar qualquer apoio* moral e financeiro às mesmas, não freqüentar nenhum de seus encontros, não fazer circular nenhum de seus folhetos. Aqueles pregadores que contam aos pecadores que eles podem ser salvos *sem* largar seus ídolos, *sem* arrepender-se, *sem* render-se ao Senhorio de Cristo são tão errôneos e perigosos como outros que insistem que a salvação é pelas obras e que o Céu deve ser ganho por nossos próprios esforços.

## PARTE 2 – FÉ SALVÍFICA

### *Parte 2 - Fé Salvífica*

“Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado” (Marcos 16.16). Essas são palavras de Cristo, o Cristo ressurreto, e são as últimas que Ele proferiu antes de deixar esta terra. Outra mais importante jamais foi dirigida aos filhos dos homens. Elas reclamam a nossa mais diligente atenção. Elas são da maior consequência possível, pois nelas estão expostas os termos da felicidade ou da miséria eterna; vida e morte, e as condições para ambas. Fé é a principal graça salvífica, e incredulidade o principal pecado que leva à condenação. A lei, a qual traz ameaça de morte para qualquer pecado, já deu a sentença de condenação para todos, pois que todos pecaram. Essa sentença é tão peremptória que admite apenas uma exceção — todos serão executados se não crerem.

A condição de vida conforme nos é dada a conhecer por Cristo em Marcos 16.16 é dupla: a principal, fé; a acessória, batismo; acessória, assim a definimos, porque não é absolutamente necessária à vida, tal como o é a fé. Prova disso é achada no fato de sua omissão na segunda metade do verso: não é “quem não for batizado será condenado”, mas “quem não crer”. Fé é tão indispensável que, ainda que alguém seja batizado, contudo não creia, será condenado. Como dissemos acima, o pecador já está condenado: a espada da Divina justiça já está mesmo desembainhada e somente aguarda para dar o golpe fatal. Nada pode desviá-la senão a fé salvífica em Cristo. Meu leitor, continuar na descrença faz com que o Inferno seja tão certo como se você já lá estivesse. Permanecendo na incredulidade, você está sem “esperança, e sem Deus no mundo” (Efésios 2.12).

Agora, se crer for tão necessário, e não crer tão perigoso e fatal, interessa-nos profundamente *saber* em que se *deve* crer. Incumbe a cada um de nós fazer a mais diligente e meticulosa investigação quanto à natureza da fé salvífica. Tanto mais pelo fato de que nem toda fé salva; sim, nem toda fé em Cristo salva. Multidões estão enganadas sobre essa matéria vital. Milhares daqueles que sinceramente crêem que receberam Cristo como seu Salvador pessoal e estão descansando em Sua obra, estão construindo sua casa sobre a areia. Vastos números que não têm dúvida alguma de que Deus os *aceitou* no Amado, e que estão eternamente seguros em Cristo, somente serão despertados dos seus tão agradáveis sonhos quando a fria mão da morte os agarrar; e aí será tarde demais. Indizivelmente solene isso. Leitor, será *esse* o seu destino? Outros que estavam tão seguros da salvação quanto você, estão agora no Inferno.

## 1. Suas Falsificações

Há aqueles que têm uma fé que é tão semelhante àquela que é salvífica que eles próprios reputam-na de fato como tal, e outros igualmente podem considerá-la suficiente, sim, até mesmo outros com o espírito de discernimento. Simão, o mago, é um caso desses. Dele está escrito: “E *creu* até o próprio Simão; e, sendo batizado, ficou de contínuo com Felipe” (Atos 8.13). Tal era a fé que ele tinha, e assim a expressou, que Felipe o reputou como um genuíno cristão, e o admitiu àqueles privilégios que são peculiares a esse povo. Todavia, pouco tempo depois, o apóstolo Pedro disse a Simão: “Tu não tens parte nem sorte nesta palavra, porque o teu coração não é reto diante de Deus... vejo que estás em fel de amargura, e em laço de iniquidade” (Atos 8.21,23).

Um homem pode crer em *toda* a verdade que conheça das Escrituras, e pode estar muito mais familiarizado com elas do que muitos cristãos autênticos. Pode ter estudado a Bíblia por um tempo maior, e assim sua fé pode compreender muita coisa que esses ainda não tenham alcançado. Visto ser seu conhecimento mais extenso, assim sua fé pode ser mais completa. Nessa espécie de fé ele pode ir tão longe quanto o apóstolo Paulo foi, quando ele disse: “Mas confesso-te isto: que, conforme aquele caminho que chamam seita, assim sirvo ao Deus de nossos pais, crendo *tudo* quanto está escrito na lei e nos profetas” (Atos 24.14). Mas isso não prova que tal fé seja salvífica. Um exemplo disso é visto em Agripa: “Crês tu nos profetas, ó rei Agripa? Bem sei que *crês*” (Atos 26.27).

Chame a fé acima de meramente histórica, se você preferir, todavia as Escrituras também ensinam que pessoas podem possuir uma fé *que não seja salvífica*. Tal fé a qual agora aludimos tem dois ingredientes os quais nem educação nem esforço próprio podem produzir: luz espiritual e um poder divino que move a mente para o consentimento. Então um homem pode ter tanto a iluminação quanto a inclinação do céu, e, todavia, não estar regenerado. Temos uma prova solene disso em Hebreus 6.4-6. Ali lemos a respeito de um grupo de apóstatas, a respeito dos quais é dito, “é impossível... sejam outra vez renovados para o arrependimento”. Contudo, *desses* se diz que foram “iluminados” e que “provaram o dom celestial”, o que quer dizer que não apenas o perceberam, mas tiveram inclinação por ele e o abraçaram; e ambos, porque foram eles “participantes do Espírito Santo”.

As pessoas podem ter uma fé divina, não somente em seu poder originador, mas também em sua fundação. O fundamento da sua fé pode ser o testemunho divino, nos quais eles repousam com inabalada confiança. Podem dar crédito ao que crêem não apenas por que lhes parece razoável ou mesmo certo, mas porque estão plenamente persuadidos de que se trata da Palavra de Aquele que não pode mentir. Crer nas Escrituras na base de serem elas a Palavra *de Deus*, é uma fé divina. Tal era a fé que possuía a nação de Israel após o seu maravilhoso êxodo do Egito e livramento do Mar Vermelho. Dessa nação está registrado: “E temeu o povo ao Senhor, e *creram* no Senhor, e em Moisés, seu servo” (Êxodo 14.31); contudo da grande maioria deles é dito, “Cujos corpos caíram no deserto... e a quem jurou que não entrariam no seu repouso” (Hebreus 3.17,18).

É de fato solene e esquadrinhador um fiel estudo das Escrituras nesse ponto, e descobrir quanto é dito de pessoas não salvas as quais têm fé no Senhor. Em Jeremias 13.11 descobrimos Deus dizendo, “Porque, como o cinto está ligado aos lombos do homem, assim



eu *liguei* a mim toda a casa de Israel, e toda a casa de Judá, diz o Senhor”, e “ligar” a Deus é o mesmo que “confiar” nEle; vide 2º Reis 18.5,6. Todavia daquela mesmíssima geração Deus disse, “Este povo maligno, que se recusa a ouvir as minhas palavras, que caminham segundo o propósito do seu coração, e anda após deuses alheios, para servi-los, e inclinar-se diante deles, será tal como este cinto, que para nada presta” (Jeremias 13.10).

O termo “firmar-se” é outro que denota firme confiança. “E acontecerá naquele dia que os resíduos de Israel, e os escapados da casa de Jacó, nunca mais se estriarão [=se firmarão] sobre o que os feriu; antes se *estriarão* sobre o Senhor, o Santo de Israel, em verdade” (Isaías 10.20). “Tu conservarás em paz aquele cuja mente está *firme* em ti” (Isaías 26.3). E, contudo, descobrimos uma classe de que se está registrada: “E até da cidade santa tomam o nome, e *se firmam sobre* o Deus de Israel” (Isaías 48.2). Quem duvidaria de que *isso* tudo não era a fé salvífica? Ah, não sejamos apressados demais em pular para as conclusões: desse mesmo povo Deus disse: “eras duro, e a tua cerviz um nervo de ferro, e a tua testa de bronze” (Isaías 48.4).

Novamente, o termo “encostar-se” é usado para denotar não apenas confiança, mas dependência no Senhor. Da Esposa é dito, “Quem é esta que sobe do deserto, e vem *encostada... ao seu amado?*” (Cantares de Salomão 8.5). É possível que uma expressão *tal* como essa possa ser aplicada àqueles que *não são salvos*? Sim, é, e por ninguém menos que o Próprio Deus: “Ouvi agora isto, vós, chefes da casa de Jacó, e vós, maiores da casa de Israel, que *abominais* o juízo e *perverteis* tudo o que é direito... Os seus chefes dão as sentenças por presentes, e os seus sacerdotes ensinam por interesse, e os seus profetas adivinham por dinheiro; e ainda se *encostam ao Senhor*, dizendo: Não está o Senhor no meio de nós? nenhum mal nos sobrevirá” (Miquéias 3.9,11). Da mesma maneira milhares de pessoas carnis e mundanas estão se encostando em Cristo para defendê-los, a fim de que não possam cair no Inferno, e estão confiantes de que nenhum “mal” *lhes* sobrevirá. Todavia, tal confiança é uma horrível presunção.

*Descansar em uma promessa divina com confiança implícita, e isso diante de grande desalento e perigo, é sem dúvida algo que não poderíamos esperar que fosse ter base em pessoas não salvas. Ah, a verdade é mais estranha que a ficção. Tal coisa está de fato descrita na inerrante Palavra de Deus. Quando Senaqueribe e seu grande exército cercavam as cidades de Judá, Ezequias disse, “Esforçai-vos, e tende bom ânimo; não tendes medo, nem vos espanteis por causa do rei da Assíria, nem por causa de toda a multidão que está com ele, porque há um maior conosco do que com ele. Com ele está o braço de carne, mas conosco o Senhor nosso Deus” (2º Crônicas 32.7,8); e nos é dito que “o povo descansou nas palavras de Ezequias”. Ezequias havia falado as palavras de Deus, e o povo descansando nelas estaria descansando no próprio Deus. Todavia, menos de quinze anos depois, esse mesmo povo fez “pior do que as nações” (2 Crônicas 33.9). Assim, descansar numa promessa de Deus, não é, por si mesmo, prova alguma de regeneração.*

*Confiar em Deus, no fundamento de Seu “pacto” era de longe mais do que descansar numa promessa divina; contudo, homens não regenerados podem até chegar a tanto. Um caso assim é encontrado em Abias, rei de Judá. É sem dúvida contundente ler e ponderar o que é dito em 2 Crônicas 13, quando Jeroboão e suas hostes sobem contra ele. Primeiro, ele fez lembrar a todo Israel que o Senhor Deus havia dado o reino a Davi e seus filhos para sempre “por um concerto de sal” (v. 5). Em seguida, ele denunciou os pecados de seu adversário (vv. 6-9). Então afirmou ser o Senhor “nosso Deus” e que Ele estava “conosco” (vv. 10-12). Porém Jeroboão não deu atenção, mas forçou a batalha contra eles. “Abias e o seu povo*

fizeram grande matança entre eles” (v. 17, ARA), “porque *confiaram* no Senhor Deus de seus pais” (v. 18). Todavia, desse mesmo Abias é dito, “e andou em todos os pecados que seu pai”, etc. (1 Reis 15.3). Homens não regenerados podem confiar em Deus, depender de Cristo, descansar em Sua promessa, e alegar o seu pacto.

“E os homens de Nínive (que eram pagãos) *creram* em Deus” (Jonas 3.5). É contundente isso, pois o Deus do Céu era um estranho para eles, e Seu profeta um homem a quem desconheciam — por que então deveriam eles dar crédito a sua mensagem? Além do mais, não foi numa promessa, mas numa ameaça, que eles creram. Quão mais fácil então é para um povo agora vivendo sob o Evangelho aplicar a si mesmos uma promessa, que um pagão uma terrível ameaça! Ao aplicar uma ameaça encontraremos provavelmente mais oposição, tanto interna quanto externa. Interna, pois uma ameaça é como uma pílula amarga, o amargor da morte nela está; não admira que seja difícil de descer. Externa também, pois Satanás estará pronto para suscitar oposição: ele fica preocupado em ver os homens alarmados com a ameaça, para que o senso de suas misérias nela denunciadas não os despertem a buscar um modo de escaparem. Ele fica mais tranquilo com esses quando estão seguros, e laborará por mantê-los afastados daquela, para que não se despertem de seus sonhos de paz e felicidade, enquanto adormecem em suas garras.

“Mas agora, aplicando uma promessa, um homem não regenerado comumente não encontra oposição alguma. Nem de dentro, pois a promessa de perdão e vida é a verdadeira substância, a quintessência do Evangelho. Não admira que estejam prontos a tragá-la com avidez. E Satanás nem de longe se oporá, antes encorajará e ajudará quem não tem interesse algum naquela, para aplicá-la; pois ele sabe que será a maneira de firmá-los e estabelecê-los na sua condição natural. Uma promessa mal aplicada será *um selo sobre o sepulcro*, certificando-lhes no túmulo do pecado, aonde jazem e apodrecem. Portanto, se homens não regenerados podem aplicar uma ameaça, a qual nesse caso é mais difícil, como parece pode ter sido o caso dos ninivitas, porque não podem eles estar aptos a aplicar (apropriar-se de) uma promessa do Evangelho quando lhes parece não haver dificuldade e oposição?” (David Clarkson, 1680, por algum tempo co-pastor com J. Owen; a quem somos devedores de muito do que acima está escrito).

Outro exemplo mais solene de gente com fé, mas não a salvífica, é visto nos ouvintes ao pé do caminho, dos quais Cristo disse, “*creram* por algum tempo” (Lucas 8.13). Concernente a essa classe o Senhor declarou que ela ouve a Palavra e “logo a recebe com alegria” (Mateus 13.20). Quantos assim não temos encontrado e conhecido: almas felizes com faces radiantes, espíritos exuberantes, cheios de zelo que outros também se deliciam quando os encontram. Quão difícil é distinguir tais dos genuínos cristãos — os ouvintes em boa terra. A diferença não é aparente, não, jaz *debaixo* da superfície — os primeiros “não têm *raiz* em si mesmo” (Mateus 13.21): precisa se escavar a fundo para descobrir tal fato! Você já se auto-analisou escrupulosamente, meu leitor, para averiguar se a “raiz da matéria” (Jó 19.28) está ou não em você?

Mas remetamo-nos agora para outro caso o qual parece ainda mais incrível. Há aqueles que estão desejosos de receber a Cristo como seu Salvador, entretanto são mais relutantes em submeter-se a Ele como seu Senhor, estar sob Seu comando, ser governado por Suas leis. Todavia há algumas pessoas não regeneradas que reconhecem Cristo como seu Senhor. Eis a prova escriturística de nossa asserção: “Muitos me dirão naquele dia: *Senhor, Senhor*, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci;



apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mateus 7.22,23). Há uma *grande* classe (“muitos”) que professam sujeição a Cristo como Senhor, e que fazem muitas obras poderosas em Seu nome: assim, pessoas que podem até mostrar sua fé por suas obras, e, todavia, ela não é uma fé salvífica!

É impossível dizer quão longe uma fé não salvífica pode ir, e quão estritamente ela pode se assemelhar à que o é. A primeira tem Cristo por seu objeto; da mesma forma a outra (João 2.23,24). A que salva é obrada pelo Espírito Santo; também a não salvífica (Hebreus 6.4). A fé salvífica é produzida pela Palavra de Deus; assim também aquela (Mateus 13.20,21). A que salva tornará o homem preparado para a volta do Senhor, assim também a outra; de ambas virgens loucas e prudentes está escrito, “então *todas* aquelas virgens se levantaram, e *prepararam* as suas lâmpadas” (Mateus 25.7). Fé salvífica é acompanhada de alegria; assim também o é aquela (Mateus 13.20).

Talvez alguns leitores de pronto dirão, tudo isso é muito perturbador, e se atentado de fato, mais desolador. Possa Deus em Sua misericórdia permitir que este artigo possa surtir tais efeitos em muitos que o lerem. Ó se você preza sua alma, não a trate com levandade. Se há uma tal coisa (e *há*) como uma fé em Cristo que não salva, então quão fácil é estar *enganado* acerca da *minha* fé! Não é sem razão que o Espírito Santo tão claramente nos alertou nesse mesmo ponto. “O seu coração enganado o desviou” (Isaiás 44.20). “A soberba do teu coração te enganou” (Obadias 1.3). “Vede não *vos* enganem” (Lucas 21.8). “Porque, se alguém cuida ser alguma coisa, não sendo nada, engana-se a si mesmo” (Gálatas 6.3). Em nenhum outro ponto Satanás se vale da sua astúcia e poder mais tenazmente, e com maior sucesso, que em levar as pessoas a acreditarem que possuem uma fé salvífica quando não a têm.

O Diabo engana mais almas com isso do que com todos os seus outros ardis postos juntamente. Tenha este presente artigo por ilustração. Quantas almas cegadas por Satanás lê-lo-ão e dirão, isso não se aplica a *mim*; eu sei que a *minha* fé é a que salva! É desse modo que o Diabo afasta o fulcro da Palavra de convicção de Deus, e segura seus cativos em sua incredulidade. Ele opera neles um senso de falsa segurança, persuadindo-lhes que *estão* seguros na arca, e os induz a ignorar as ameaças da Palavra e apropriarem-se somente de suas confortantes promessas. Ele os dissuade de darem atenção àquela exortação a mais salutar, “Examinai-vos a vós mesmos, se permaneceis na fé; *provai-vos* a vós mesmos” (2 aos Coríntios 13.5). Ó leitor meu, atente *agora* a essa palavra.

Ao encerrar este primeiro artigo esforçar-nos-emos para apontar algumas das particularidades em que a fé não salvífica é defeituosa, e aonde ela falha em conduzir à salvação. Primeiro, porque muitos querem a Cristo para salvá-los do Inferno, mas não para salvá-los do seu próprio *eu*. Querem ser libertos da ira vindoura, mas desejam ficar com sua obstinação e satisfação de seus próprios desejos. Porém, ninguém ditará a Ele o que fazer: você deve ser salvo nos *Seus* termos, ou não o será absolutamente. Quando Cristo *salva*, Ele salva do pecado — de seu poder e poluição, e, portanto, de sua culpa. E a própria essência do pecado é a determinação de ter seu *próprio* caminho (Is 53.6). Onde Cristo salva, Ele subjuga o espírito de obstinação, e implanta um genuíno, um poderoso, um duradouro desejo e determinação de agradá-Lo.

Repetindo: muitos jamais foram salvos porque desejam dividir Cristo; querem recebê-Lo como um Salvador, mas não estão desejosos de sujeitarem-se a Ele como seu Senhor. Ou, se estão preparados para tê-Lo como Senhor, não o é como um *absoluto* Senhor. Mas não

pode ser assim: Cristo ou será Senhor de tudo, ou não será Senhor em absoluto. Porém, a grande maioria dos cristãos professantes preferiria a soberania de Cristo limitada em certos pontos; ela não deve entrincheirar-se muito além do que alguns impuros desejos mundanos ou interesses carnis o permitam. Sua paz eles cobiçam, mas Seu “jugo” não é bem vindo. Dos tais Cristo ainda dirá: “E, quanto àqueles meus inimigos *que não quiseram* que eu *reinasse sobre eles*, trazei-os aqui e matai-os diante de mim” (Lucas 19.27).

Repetindo: há multidões que estão bem prontas para Cristo justificá-las, mas não para santificá-las. Alguma espécie ou algum grau de santificação elas tolerarão, mas de serem santificadas *por completo*, “todo o vosso espírito, e alma, e corpo” (1 Tessalonicenses 5.23), não apreciam. Para os seus corações serem santificados, para o orgulho e a cobiça serem subjugados, seria demais, tanto quanto arrancar o olho direito. A constante mortificação de *todos* os seus membros, eles não experimentam. Para Cristo vir a eles como um Refinador, para queimar suas concupiscências, consumir suas impurezas, dissolver cabalmente suas velhas estruturas naturais, derreter suas almas, a fim de fazê-las verter sobre um novo molde, eles não gostam. Negarem-se expressamente a si mesmos e tomarem a sua cruz cada dia, é uma tarefa de que se esquivam com ódio.

Repetindo: muitos estão desejosos por Cristo para officiar como seu Sacerdote, mas não para legislar como seu Rei. Pergunte-lhes, de uma maneira genérica, se estão prontos para fazer seja o que for que Ele lhes requeira, e responderão afirmativa, enfática e confiantemente. Mas vá às particularidades: aplique a cada um deles aqueles mandamentos e preceitos específicos do Senhor os quais estejam *eles* ignorando, e imediatamente bradarão: “Legalismo!” ou, “Não podemos ser perfeitos em tudo”. Especifique nove obrigações e talvez eles a estejam executando, mas mencione uma décima e isso imediatamente os enraivecerá, pois você chegou muito perto do caso *deles*. Herodes com contentamento ouvia João e “fazia muitas coisas” (Marcos 6.20), mas quando o último se referiu a Herodias, aquele ficou melindrado. Muitos estão dispostos a deixar o teatro e o baralho, e se recusam a irem a Cristo fora do arraial. Outros estão dispostos a tal, mas recusam-se a *deixar* suas concupiscências carnis e mundanas. Leitor, se há uma *reserva* em sua obediência, você está no caminho para o Inferno. Em nosso próximo artigo começará o estudo da natureza da fé salvífica.

## 2. Sua Natureza

“Há uma geração que é pura aos seus olhos, e que nunca foi lavada da sua imundícia” (Provérbios 30.12). Muitos e muitos supõem que um verso como esse se aplica somente àqueles que estão confiando em alguma outra coisa que não Cristo para serem aceitos diante de Deus, tal como aqueles que se fiam em batismo, membresia de igreja ou no seu próprio desempenho moral e religioso. Mas é um grande engano limitar tais Escrituras à classe citada. Versículos tais como “Há caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte” (Provérbios 14.12), têm uma aplicação de longe mais ampla do que meramente àqueles que estão descansando em algo de ou oriundo de si próprios para se habilitarem ao deleite eterno. Igualmente errôneo é imaginar que as únicas almas *enganadas* que existem são aquelas que não têm fé nenhuma em Cristo.

Há na Cristandade hoje um enorme contingente que é ensinado que nada que o pecador possa fazer jamais merecerá a estima de Deus. Foi ele informado, e corretamente, que as maiores conquistas morais do homem natural são somente “trapos de imundícia” à vista do Deus trinamente santo. Ouve com tanta frequência serem citadas passagens tais como, “pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie” (Efésios 2.8,9); “Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou” (Tito 3.5), que fica totalmente convencido de que o Céu não pode ser alcançado por nenhum feito da criatura. Além disso, é-lhes dito tão amiúde que *apenas Cristo* pode salvar qualquer pecador, que isso se torna um credo firmado, que nem o homem nem o Diabo podem abalá-lo. Até aqui tudo bem.

A esse grande grupo de quem estamos nos referindo é também ensinado que ao passo que Cristo é o único Caminho para o Pai, todavia Ele O é quando a fé é pessoalmente exercida em e sobre Si: que Ele somente torna-Se nosso Salvador quando cremos nEle. Durante os últimos vinte e cinco anos, quase toda a ênfase da “pregação do Evangelho” foi posta sobre a fé em Cristo, e esforços evangelísticos foram quase inteiramente direcionados para se fazer com que o povo “creia” no Senhor Jesus. Aparentemente tem havido grande sucesso: milhares e milhares têm respondido; aceitaram, como supõem, a Cristo como seu único Salvador pessoal. Entretanto desejamos assinalar aqui que supor que todos os que “crêem em Cristo” estão salvos é um erro tão sério quanto concluir que somente estão enganados (e são descritos em Provérbios 14.12 e 30.12) quem não tem fé nenhuma em Cristo.

Ninguém consegue ler o Novo Testamento atentamente sem descobrir que há um “crer” em Cristo *que não salva*. Em João 8.30 nos é dito que, “dizendo Ele estas coisas, muitos creram nEle”, observe cuidadosamente que não é meramente dito “muitos O creram”, mas “muitos nEle creram”<sup>1</sup>. Entretanto, não se é preciso ir mais longe na leitura do capítulo para descobrir que as almas daquelas mesmas pessoas não estavam regeneradas nem salvas. Em João 5.44 encontramos o Senhor dizendo a esses mesmos “crentes” que *eles* tinham por

---

<sup>1</sup> Aqui, o autor joga com as duas regências do verbo inglês *to believe*. Esse verbo pode receber as preposições *on* (que é a que aparece no texto da tradicionalíssima versão inglesa King James) e *in*. Se regido pela primeira, tem o sentido de ‘crer’, ‘acreditar’. Já no outro caso, quer dizer ‘crer em’, ‘ter fé em’. É algo difícil de ser reproduzido com exatidão em português (N. do T.).

pai o Diabo; e em João 5.59 topamos com eles pegando pedras para atirar nEle. Isso apresenta uma real dificuldade para alguns; mas não deveria. Eles criaram sua própria dificuldade, ao supor que a fé em Cristo necessariamente salva. Não salva. *Há* uma fé em Cristo que salva, e há também uma outra que *não*.

“Até muitos dos principais *creram* nEle”. Então, foram tais homens salvos? Muitos pregadores e evangelistas, tanto quanto dezenas de milhares de incautos por eles cegados, responderiam, Com a maior certeza. Mas notemos o que imediatamente segue aqui: “Mas não O confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga. Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus” (João 12.42,43). Dirão alguns dos nossos leitores agora que aqueles homens eram *salvos*? Nesse caso, é prova clara de que vocês são totalmente estranhos a qualquer obra salvífica de Deus em suas almas. Homens que têm medo de correrem o risco de perder suas posições mundanas, interesses temporais, reputações pessoais, ou qualquer outra coisa mais que é cara a eles, por amor a Cristo, estão, todavia, em seus pecados — não importa quanto eles possam estar confiando na obra completa de Cristo para levá-los ao Céu.

Provavelmente a maioria de nossos leitores foi educada sob o ensino de que há apenas duas classes de pessoas neste mundo, crentes e incrédulos. Mas tal classificação é a mais enganadora, e absolutamente errônea. A Palavra de Deus divide os habitantes da terra em *três* classes: “Não vos torneis causa de tropeço nem [1] para judeus, nem [2] para gentios, nem tão pouco [3] para a igreja de Deus” (1 aos Coríntios 10.32, ARA). Era assim durante os tempos do Antigo Testamento, mais notavelmente a partir dos dias de Moisés. Primeiro havia o “gentio” ou nações pagãs, fora da comunidade de Israel, as quais eram de longe formadas pela maior classe. Correspondente a essa classe hoje são os incontáveis milhões de modernos pagãos, os quais são “amantes dos prazeres mais do que amantes de Deus”. Segundo, havia a nação de Israel, a qual tem de ser dividida em dois grupos, pois como declara Romanos 9.6, “*nem* todos os que são de Israel são israelitas”. De longe a maior porção da nação de Israel era apenas nominalmente povo de Deus, em relação apenas exterior com Ele: correspondendo à tal classe está a grande massa de professantes vazios que trazem o nome de Cristo. Terceiro, havia o remanescente espiritual de Israel, cujo chamado, esperança e herança eram celestiais: correspondem eles hoje aos genuínos cristãos, o “*pequeno* rebanho” de Deus (Lucas 12.32).

A mesma tríplice divisão dos homens é claramente discernível pelo Evangelho de João. Primeiro, havia os ouvintes endurecidos da nação, os escribas e fariseus, sacerdotes e anciães. Do começo ao fim eles estiverem aberta em oposição a Cristo, e nem Seu bendito ensino nem Suas maravilhas operadas tiveram qualquer efeito para derretê-los. Segundo, havia o povo comum que “O ouvia de boa vontade” (Marcos 12.37), um grande número dos quais é dito terem “*crido* nEle” (vide João 2.23; 7.31; 8.30; 10.42; 11.45; 12.11), mas a respeito de quem nada havia que demonstrassem estivessem salvos. Não se opuseram abertamente a Cristo, mas nunca Lhe entregaram seus corações. Ficaram impressionados com Suas credenciais divinas, todavia facilmente se ofendiam (João 6.66). Terceiro, havia um insignificante punhado de pessoas que “O receberam” (João 1.12) em seus corações e vidas; receberam-No como seu Senhor e Salvador.

As mesmas classes são claramente discerníveis (aos olhos ungidos) no mundo atual. Primeiro, há a vasta multidão que não faz profissão alguma, que nada vêem em Cristo que O possam desejar; pessoas que estão surdas a qualquer apelo, e que pouco faz para esconder seu ódio do Senhor Jesus. Segundo, há aquele grande grupo que é atraído a Cristo de uma maneira natural. Longe de serem abertamente antagonistas a Ele e à Sua causa, são achados

entre Seus seguidores. Tendo sido muito instruídos na Verdade, eles “crêem em Cristo”, exatamente como crianças educadas por maometanos conscienciosos crêem firme e devotamente em Maomé. Havendo recebido muita instrução concernente às virtudes do precioso sangue de Cristo, eles confiam em seus méritos para livrá-los da ira vindoura; e, todavia, nada há em suas vidas diárias que mostrem que sejam *novas* criaturas em Cristo Jesus! Terceiro, há os “poucos” (Mateus 7.13,14) que negam a si mesmos, tomam suas cruces diariamente, e seguem um desprezado e rejeitado Cristo no caminho da obediência em amor e sem reservas a Deus.

Sim, há uma fé em Cristo que salva; porém, há uma outra que não. Dessa assertiva provavelmente poucos discordarão, contudo muitos estarão inclinados a enfraquecê-la dizendo, que fé em Cristo que não salva é meramente uma fé histórica, ou, onde há um *crer sobre* Cristo em vez de um *crer nEle*. Nada disso. Que há aqueles que se enganam a respeito de uma fé histórica sobre Cristo, tomando-a por salvífica, não negamos, mas o que enfatizaríamos aqui, é o fato solene de que há *também* alguns que tem *mais* do que uma fé histórica, mais do que um mero conhecimento de cabeça sobre Ele, que, todavia, possuem uma fé que não chega a ser aquela que vivifica e salva. Não somente há alguns com tal fé, mas presentemente há vasto contingente desses em todo o nosso redor. São pessoas que fornecem os antítipos daqueles aos quais chamamos atenção no último artigo: que eram representados e ilustrados na época do Antigo Testamento por aqueles que criam, descansavam, encostavam-se ao Senhor, mas que eram, não obstante, almas não salvas.

Do que, então, consiste a fé salvífica? Ao procurar responder a essa questão nosso objetivo presente não é só fornecer uma definição escriturística, mas uma que, ao mesmo tempo, a diferencie de uma que não salve. Nem é isso qualquer tarefa fácil, pois as duas coisas frequentemente têm muito em comum: aquela fé em Cristo que não salva, tem em si mais que um elemento ou ingrediente daquela que *une* vitalmente a alma a Ele. Essas armadilhas, as quais o escritor deve agora procurar evitar, são desencorajar indevidamente os santos de fato por um lado, por elevar o padrão mais alto do que as Escrituras o fazem; e, por outro lado, encorajar os professantes não regenerados ao rebaixar demais o padrão a fim de incluí-los. Nós não desejamos reter do povo de Deus sua legítima porção; nem queremos cometer o pecado de tomar o pão dos filhos e deitá-lo aos cães. Que o Espírito Santo Se digne a nos guiar na Verdade.

Muito erro é evitado nessa matéria se o devido cuidado for tomado para estruturar uma definição escriturística de *incredulidade*. Repetidamente nas Escrituras encontramos *crer* e *não crer* colocado como antíteses, e podemos ter muita ajuda para chegar a uma correta concepção da real natureza da fé salvífica, quando obtemos um entendimento certo do caráter da incredulidade. Ao mesmo tempo descobrir-se-á que a fé que salva é de longe mais do que um assentimento de coração no que a Palavra de Deus coloca perante nós, quando percebemos que não crer é muito mais do que um erro de julgamento ou um fracasso em aceitar a Verdade. A Escritura retrata a incredulidade como um *princípio* virulento e violento *de oposição a Deus*. Incredulidade tem um lado tanto passivo e negativo quanto ativo e positivo, e, portanto, o substantivo grego é traduzido tanto por “incredulidade” (Romanos 11.20; Hebreus 4.6,11<sup>2</sup>), e “desobediência” (Efésios 2.2; 5.6), e o verbo por “não crer” (Hebreus 3.18<sup>3</sup>; 11.31) e “não obedecer” (1 Pedro 3.1; 4.17). Uns poucos exemplos concretos tornarão isso mais claro.

<sup>2</sup> A versão portuguesa de João Ferreira de Almeida da Bíblia, tanto na variante Corrigida quanto na Atualizada, trazem aqui “desobediência” (N. do T.).

<sup>3</sup> Isso na versão inglesa usada pelo autor. Vide nota anterior (N. do T.).



Tome o caso de Adão. Houve algo mais do que uma mera falha negativa de crer na solene ameaça de Deus de que no dia em que ele comesse do fruto proibido certamente morreria: “pela *desobediência* de um só homem, muitos foram feitos pecadores” (Romanos 5.19). Nem a odiosidade do pecado de nosso primeiro pai consistiu em dar ouvidos à mentira da Serpente, pois 1 Timóteo 2.14 expressamente declara “Adão *não foi enganado*”. Não, ele estava determinado a ter o seu próprio caminho, não importava o que Deus tivesse proibido e ameaçado. Desse modo, o primeiro caso de descrença na história humana consistiu não somente em negativamente fracassar em trazer ao coração o que Deus havia tão clara e solenemente dito, mas também num deliberado desafio de se rebelar contra Ele.

Tome o caso de Israel no deserto. Concernente a ele é dito: “Não puderam entrar (na terra prometida) por causa de sua incredulidade” (Hebreus 3.19). Agora, o que significa exatamente essas palavras? Significam que Canaã lhes escapou por seu fracasso em se apropriar da promessa de Deus? Sim, pois uma “promessa” de entrar foi “deixada” a eles, mas não estava “misturada com a fé naqueles que a ouviram” (Hebreus 4.1,2) — Deus tinha declarado que a semente de Abraão deveria herdar a terra que manava leite e mel, e era o privilégio daquela geração que foi liberta do Egito apropriar-se de e aplicar aquela promessa a si mesma. Mas não o fez. E não foi tudo! Havia algo de longe pior: havia outro elemento em sua descrença que comumente se perde de vista hoje em dia — estava em desobediência aberta contra Deus. Quando os espias retornaram com uma amostra de uvas excelentes, e Josué insistiu para que subisse e possuísse a terra, não o fizeram. Conforme declarou Moisés, “Porque vós não quisestes subir, mas fostes rebeldes ao mandado do Senhor Nosso Deus” (Deuteronômio 1.26). Ah, sua descrença tem um lado positivo: eram obstinados, desobedientes, rebeldes.

Considere agora o caso daquela geração de Israel que estava na Palestina quando o Senhor Jesus apareceu entre ela como um “ministro da circuncisão, por causa da verdade de Deus” (Romanos 15.8). João 1.11 nos informa que, “veio para o que era seu, e os seus não o receberam”, o qual, conforme o versículo seguinte define, não “creram” nEle. Mas é tudo? Foram culpados de nada mais do que um fracasso em consentir com o Seu ensinamento e confiar em Sua pessoa? Na verdade, pelo contrário: isso foi meramente o lado *negativo* de sua incredulidade. Positivamente, eles O “aborreceram” (João 15.25), e não quiseram “vir” a Ele (João 5.40). Suas santas exigências não se adequavam aos seus desejos carnis, e, portanto, disseram, “não queremos que este reine sobre nós” (Lucas 19.14). Assim, sua incredulidade também consistia no espírito de obstinação e rebelião aberta, uma determinação de agradar a si próprios a todo custo.

Incredulidade não é simplesmente uma enfermidade da natureza caída do homem, mas um crime odioso. Em toda parte a Escritura atribui isso ao amor ao pecado, à obstinação da vontade, à dureza de coração. Incredulidade tem sua raiz numa natureza depravada, numa mente que é inimizada contra Deus. Amor ao pecado é a sua causa imediata. “E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más” (João 3.19). “A luz do Evangelho é levada a um lugar ou a pessoas: eles se aproximam assim dele para descobrir sua finalidade ou tendência; porém, tão logo descobrem que ele tem por alvo desprendê-los e aos seus pecados, não querem saber dele. Não gostam dos termos do Evangelho, e assim perecem em e por suas iniquidades” (John Owen). Se o *Evangelho* fosse mais clara e fielmente pregado, menos ainda professariam crer nele!

Fé salvífica, então, é o oposto da incredulidade condenatória. Ambas saem do coração: incredulidade, de um coração que está alienado de Deus, em estado de rebelião contra Ele; a outra, de um coração que está reconciliado com Ele e assim cessou de combatê-Lo. Desse modo, um elemento essencial ou ingrediente na fé salvífica é um render-se à autoridade de Deus, uma submissão de si próprio ao Seu governo. É muito mais do que meu entendimento assentir e minha vontade consentir com o fato de que Cristo é um Salvador para os pecadores, e que ele está pronto para receber todos os que se fiam nEle. Para ser recebido por Cristo, eu não apenas devo ir a Ele renunciando toda a minha justiça própria (Romanos 10.3), como um mendigo de mãos vazias (Mateus 19.21), mas devo também abandonar toda a minha obstinação e rebelião contra Ele (Salmo 2.11,12; Provérbios 28.13). Caso um insurreto e sedicioso venha a um rei terreno buscando seu soberano favor e perdão, então, obviamente, a própria lei que estipula sua vinda a ele por perdão, exige que ele deva vir de joelhos, pondo de lado sua hostilidade. Assim é com um pecador que realmente venha de maneira salvífica a Cristo pro perdão; é contra a lei da fê fazê-lo de outra forma.

Fé salvífica é um genuíno *vir a Cristo*: Mateus 28; João 6.37, etc. Mas tomemos cuidado para não esquecermos a clara e inevitável implicação de tal termo. Se digo, “eu vim aos E.U.A.”, então eu necessariamente indico que *deixei* algum outro país para vir até aqui. Assim é “vir a Cristo”: alguma coisa tem de ser deixada. Vir a Cristo não apenas envolve o abandonar de todo falso objeto de confiança, mas também inclui e ocasiona o abandonar todos os competidores para o meu coração. “Porque éreis como ovelhas desgarradas; mas agora tendes *voltado* ao Pastor e Bispo das vossas *almas*” (1 Pedro 2.25). E o que se quer dizer por “éreis [note o tempo pretérito — não mais agiam daquele modo] como ovelhas *desgarradas*”? Isaías 53.6 nos diz: “Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava *pelo seu* caminho”. Ah, *eis* o que deve ser deixado antes de podermos verdadeiramente “vir” a Cristo — aquele rumo de obstinação deve ser abandonado. O filho pródigo não *podia* vir ao seu pai enquanto permanecesse na terra distante. Caro leitor, se você ainda está seguindo o rumo de agradar a si mesmo, você está somente enganando a si próprio se pensa que veio a Cristo.

Nem é a breve definição acima dada por nós, do que significa realmente “vir” a Cristo, qualquer coisa forçada ou desconhecida oriunda de nós mesmos. Eu seu livro, *Come and Welcome to Jesus Christ*, John Bunyan escreveu: “Vir a Cristo é atendido com um sincero e honesto abandonar de tudo por Ele — [aqui ele cita Lucas 14.26,27]. Por essas e outras expressões semelhantes em outros lugares, Cristo descreve quem verdadeiramente vai a Ele: é o que lança tudo para trás de si. Há um grande número de gente no mundo que finge vir a Cristo. Eles muito se assemelham ao homem de quem lemos em Mateus 21.30 que respondeu ao seu pai: “eu vou, senhor; e não foi”. Quando Cristo chama através de Seu Evangelho, dizem, “eu vou, senhor”, mas ainda permanecem no mesmo lugar por prazeres e deleites carnis”. C. H. Spurgeon, em seu sermão sobre João 6.44, disse, “Vir a Cristo abrange em si arrependimento, auto-abnegação, e fê no Senhor Jesus, e assim resume em si mesmo todas aquelas coisas as quais são as verdadeiras assistentes desses grandes passos do coração, tais como a crença na verdade, orações ardentes a Deus, a submissão da alma aos preceitos do Seu Evangelho”. Em seu sermão sobre João 6.37, ele diz, “vir a Cristo significa retornar do pecado e confiar nEle. Vir a Cristo é um abandonar de todas as falsas confianças, um renunciar de todo amor ao pecado, e um olhar a Cristo como o pilar solitário de nossa confiança e esperança”.

Fé salvífica consiste da completa rendição de todo o meu ser e vida às reivindicações de Deus sobre mim: “mas a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor” (2 Coríntios 8.5).

É a aceitação sem reservas de Cristo como meu absoluto Senhor, dobrando-me ao Seu querer e recebendo Seu jugo. Possivelmente alguns poderão objetar, então por que os cristãos são exortados como o são em Romanos 12.1? Respondemos, todas as tais exortações são simplesmente um chamado para que eles *continuem como de início*: “Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nele” (Colossenses 2.6). Sim, note-o bem, que Cristo é “recebido” como *SENHOR*. Ó quão, quão rebaixados foram os padrões do Novo Testamento nessa moderna maneira de implorar aos pecadores para receberem Cristo como seu próprio “Salvador” pessoal. Se o leitor consultar sua concordância encontrará que em *cada passagem* onde os dois títulos são achados juntos, é *sempre* “Senhor e Salvador”, e nunca vice-versa: veja Lucas 1.46,47; 2 Pedro 1.11; 2.20; 3.18.

Até que o ímpio fique sensível à excessiva pecaminosidade do seu rumo vil de obstinação e auto-satisfação, até que fique genuinamente quebrantado e penitente a respeito disso diante de Deus, até que esteja desejoso de renunciar ao mundo por Cristo, até que tenha resolvido andar sob Seu governo — pois os tais colocarem-se na dependência dEle para obterem perdão e vida — não é fé, mas espalhafatosa presunção; mas acrescentar ao insulto a injúria. E para o tal tomar Seu santo nome sobre seus lábios poluídos e professar ser Seu seguidor, é a mais terrível blasfêmia, e chegar perigosamente perto de cometer esse pecado para o qual não há perdão. Ai, ai do moderno evangelismo, por encorajar e produzir justamente tais monstruosidades nefandas e que desonram a Cristo.

Fé salvífica é crer em Cristo com o *coração*: “Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça” (Romanos 10.9,10). Não há algo tal como uma fé salvífica em Cristo onde não haja real *amor* por Ele, e por “real amor”, queremos dizer um amor que é evidenciado pela *obediência*. Cristo não reconhece nenhum que seja Seu amigo a não ser aqueles que fazem tudo o que Ele lhes manda (João 15.14). Como a incredulidade é uma espécie de rebelião, do mesmo modo fé salvífica é uma completa sujeição a Deus: daí lermos “obediência da fé” (Romanos 16.26). Fé salvífica é para a alma o que a saúde é para o corpo: é um poderoso princípio de operação, cheio de vida, sempre operante, produzindo frutos segundo sua própria espécie.



### 3. Sua Dificuldade

Alguns de nossos leitores provavelmente ficarão surpresos ao ouvir sobre a *dificuldade* da fé salvífica. Em quase todos os cantos hoje está sendo ensinado, mesmo por homens de estilo ortodoxo e “fundamentalistas”, que ser salvo é um negócio extremamente simples. Conquanto uma pessoa creia em João 3.16 e “descanse nele”, ou “aceite a Cristo como seu Salvador pessoal”, é *tudo* o que é necessário. É freqüentemente dito que não há nada que se tenha deixado para o pecador fazer senão dirigir sua fé para o objeto certo: assim como um homem confia em seu banco ou uma esposa em seu marido, deixe-o exercitar a mesma faculdade de fé e confiança em Cristo. Tão amplamente essa idéia tem sido recebida, que para qualquer um agora condená-la, é cortejar o rótulo de herético. Entretanto, o escritor aqui sem hesitar denuncia isso como a mentira diabólica mais insultante a Deus. Uma fé natural é suficiente para se confiar em um objeto humano, mas uma fé sobrenatural é exigida quando se trata de um objeto divino.

Ao observar os métodos empregados pelos “evangelistas” e “obreiros pessoais” do presente, nós somos levados a nos perguntar qual lugar ocupa o Espírito Santo em seus pensamentos: certamente eles acalentam a mais degradante concepção daquele milagre da graça o qual Ele leva a efeito, ao mover Ele um coração humano a verdadeiramente se render ao Senhor Jesus. Ai, que nesses tempos degenerados, poucos tenham qualquer idéia de que a fé que salva é algo miraculoso. Antes, é agora quase universalmente suposto que a fé salvífica nada mais é que um ato da vontade humana, o qual qualquer homem é capaz de executar: tudo o que é preciso é trazer perante o pecador uns poucos versos da Escritura que descrevam sua condição perdida, um ou dois que contenham a palavra “crer”, e então um pouco de persuasão para que ele “aceite a Cristo”, e está feito. E o terrível é que muito, muito poucos vêem qualquer coisa errada nisso — cegos ao fato de que um tal processo é somente a droga do Diabo para aquietar milhares numa falsa paz.

Muitos foram *persuadidos* a crerem que estão salvos. Em realidade, sua “fé” brotou de nada mais do que um processo superficial de lógica. Algum “obreiro pessoal” [*“personal worker”*] dirige-se a um homem que não tem preocupação alguma quanto à glória de Deus e nenhuma percepção de sua terrível hostilidade contra Ele. Ansioso de “ganhar outra alma para Cristo”, ele puxa o Novo Testamento e lê para ele 1 Timóteo 1.15. O obreiro diz: “você é um pecador”. E, com o assentimento do homem, esse é imediatamente informado: “então aquele versículo inclui *você*”. Em seguida é lido João 3.16, e passa-se à questão, quem a palavra “todo” inclui? A questão é repetida até a pobre vítima responder, “você, eu, e todo mundo”. Então é perguntado a ele: você crê nisso? Crê que Deus ama você, que Cristo morreu por você? Se a resposta for sim, a ele é imediatamente assegurado que agora está salvo. Ah, meu leitor, se *assim* é que você foi “salvo”, então foi com “palavras *persuasivas* de sabedoria humana” e *sua* “fé” sustém-se apenas “em sabedoria dos homens” (1 Coríntios 2.4,5), e não no poder de Deus!

Multidões parecem pensar que a facilidade para um pecador purificar seu coração (Tiago 4.8), é a mesma de se lavar as mãos; parecem admitir ser a luz da verdade divina que adentra na alma, luz esquadrinhadora e que murcha a carne, como o sol da manhã entrando na sua sala ao se erguer as venezianas; e que se voltar dos ídolos para Deus, do mundo para Cristo, do pecado para a santidade, como um navio dá uma volta com o auxílio do timão. Ó

meu leitor, não seja enganado nessa matéria vital: mortificar as concupiscências da carne, ser crucificado para o mundo, derrotar o Diabo, morrer diariamente para o pecado, e viver para a justiça, ser manso e humilde de coração, confiante e obediente, piedoso e paciente, fiel e intransigente, amoroso e gentil; em uma palavra, ser um cristão, *ser como Cristo*, é uma tarefa além, muito além dos pobres recursos da decaída natureza humana.

É porque surgiu uma geração que é ignorante da *real natureza* da fé salvífica, que acha que tal é uma coisa tão simples. É porque pouquíssimos mesmo têm qualquer concepção fundada nas Escrituras do *caráter* da grande salvação de Deus que as ilusões acima aludidas são tão largamente recebidas. É porque muitíssimo poucos percebem *do que* necessitam ser salvos, que o “evangelho” (?) popular do momento é tão avidamente aceito. Uma vez que é visto que a fé salvífica consiste de muito mais do que crer que “Cristo morreu por mim”, que envolve e acarreta a completa entrega do meu coração e vida a Seu governo, um número menor ainda de pessoas imaginará que a possui. Uma vez que é visto que a salvação divina é não somente uma coisa legal, mas também experimental, que não somente justifica, mas regenera e santifica, uma quantidade ainda menor suporá que é dela participante. Uma vez que é visto que Cristo veio aqui para salvar Seu povo não apenas do inferno, mas do pecado, da obstinação e da satisfação dos próprios interesses, um número menor ainda de gente desejará Sua salvação.

O Senhor Jesus não ensinou que fé salvífica era uma matéria simples. Longe disso. Em vez de declarar que a salvação da alma fosse algo simples, na qual muitos pudessem participar, Ele disse: “Estreita é a porta, e apertado o caminho que leva a vida, e poucos há que a encontrem” (Mateus 7.14). A única senda que leva ao Céu é a dura e laboriosa.. “Por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus” (Atos 14:22): uma entrada nesse caminho requer os esforços mais extremos da *alma* — “*Porfiai* por entrar pela porta estreita” (Lucas 13.24)

Após o jovem príncipe haver deixado Cristo, pesaroso, o Senhor voltou-se aos Seus discípulos e disse, “Quão *difícil* é, para os que confiam nas riquezas, entrar no reino de Deus! É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um *rico* no reino de Deus!” (Marcos 10.24,25). Que lugar é dado a uma tal passagem na teologia (se a isso pode se chamar “teologia”) que está sendo ensinada nos “Institutos Bíblicos” daqueles que estão procurando se qualificar para o trabalho evangelístico e pessoal? Nenhum absolutamente. Segundo seus pontos de vista é tão fácil um milionário ser salvo quanto um miserável, visto que *tudo* o que ambos devem fazer é “descansar na obra completa de Cristo”. Mas aqueles que estão se atolando de bens não pensam em Deus: “Eles se fartaram em proporção do seu pasto; estando fartos, ensoberbeceu-se o seu coração, por isso se esqueceram de mim” (Oséias 13.6)!

Quando os discípulos ouviram essas palavras de Cristo “admiraram-se muito, dizendo [entre si]: ‘Quem poderá pois salvar-se?’” Tivesse os modernos de hoje os ouvido, logo os teriam tranqüilizado em seus temores, e lhes assegurado que qualquer e todos poderiam ser salvos se cressem no Senhor Jesus. Porém não foi assim que Cristo os tranqüilizou. Em vez disso, Ele imediatamente acrescentou, “Para os homens é *impossível*, mas não para Deus” (Marcos 10.27). De si próprio o pecador caído tem tanto poder para se arrepende evangelicamente, quanto para criar um mundo. “Para os homens é impossível” exclui do tribunal qualquer alegação especial do poder da vontade humana. Nada senão um *milagre da graça* pode levar qualquer pecador a ser salvo.

E *porque* é “impossível” para o homem natural exercer fé salvífica? Deixe a resposta ser extraída do caso do jovem príncipe. Triste, deixou Cristo “porque possuía muitas propriedades” (Marcos 10.22). Ele estava inteiramente absorvido por elas. Eram seus ídolos. Seu coração estava escravizado pelas coisas terrenas. As exigências de Cristo foram duras demais: repartir com todos e segui-Lo, foi mais do que a carne e o sangue podem suportar. Leitor, quais são os *seus* ídolos? Para ele o Senhor disse, “falta-te uma coisa”. Qual era? Uma entrega aos imperativos requisitos de Cristo, um coração rendido a Deus. Quando a alma está empanturrada com a escória da terra, não há lugar para as impressões do Céu. Quando um homem está satisfeito com riquezas carnis, ele não tem desejo algum pelas espirituais.

A mesma triste verdade é salientada novamente na parábola de Cristo sobre a “grande ceia”. A festa da graça divina é divulgada, e através do Evangelho uma convocação geral é feita aos homens para que venham e participem dela. E qual a reação? Esta: “todos à uma começaram a escusar-se” (Lucas 14.18). E por que o fizeram? Porque estavam mais interessados em outras coisas. Seus corações estavam no campo (v. 18), nos bois (v. 19), no conforto doméstico (v. 20). Pessoas estão desejosas de “aceitar a Cristo” em seus próprios termos, mas não no Seu. Que termos *são* os Seus, é nos feito saber no mesmo capítulo: dando a Ele o lugar supremo em nossas afeições (v. 26), a crucificação do eu (v. 27), o abandono dos ídolos (v. 33). Por essa razão, Ele perguntou, “qual de vós, querendo edificar uma torre [figura de uma tarefa difícil, de pôr as afeições nas coisas de cima], não se assenta primeiro a fazer as *contas dos gastos*” (Lucas 14.28).

“Como podeis vós crer, recebendo honra um dos outros, e não buscando a honra que vem só de Deus?” (João 5.44). Essas palavras retratam o exercício da fé salvífica como a simples matéria a qual muitos acham dela? A palavra “honra” aqui significa aprovação ou louvor. Enquanto aqueles judeus estavam tendo como seu principal alvo ganhar e conservar a boa opinião uns dos outros, e indiferentes à aprovação de Deus, era impossível que viessem a Cristo. Dá-se o mesmo agora: “portanto qualquer que quiser ser [desejos e estar determinado a ser] amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus” (Tiago 4.4). Vir a Cristo eficazmente, crer nEle salvificamente, envolve o dar às costas ao mundo, alienar-se a si mesmo da estima de nossos companheiros ímpios (ou religiosos), e identificando a nós mesmos com Aquele desprezado e rejeitado. Envolve curvar-se ao Seu jugo, render-se ao Seu Senhorio, e viver de agora em diante para *Sua* glória. E *essa* não é nenhuma tarefa pequena.

“*Trabalhai*, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará” (João 6.27). Tal linguagem implica que a obtenção da vida eterna seja uma matéria simples? Não; longe disso. Ela denota que um homem deve estar em avidez mortal, subordinando todos os outros interesses em sua busca por ele, e estar preparado para se lançar a tenazes esforços e sobrepujar dificuldades formidáveis. Então esse versículo ensina salvação por obras, por esforços próprios? Não, e Sim. Não, no sentido de que tudo o que façamos não pode *merecer* salvação — vida eterna é um “dom”. Porém, Sim, no sentido de que uma procura de todo coração por salvação, e um uso diligente dos meios da graça prescritos são exigidos de nós. Em lugar algum na Escritura há qualquer promessa ao displicente. Compare Hebreus 4.11.

“Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer” (João 6.44). Manifestamente essa linguagem desmente sim a popular teoria dos dias que correm, que repousa no poder da vontade do homem o ser salvo a qualquer hora que escolher. Peremptoriamente esse versículo contradiz sim a idéia, agradável à carne e que honra a criatura, de que qualquer um pode receber a Cristo como seu Salvador no *momento* em que

assim decidir fazê-lo. A razão porque a homem natural não pode vir a Cristo até que o Pai o “traga”, é porque ele é o servo do pecado (João 8.34), servindo a várias concupiscências (Tito 3.3), o cativo do Diabo (2 Timóteo 2.26, ARA); o poder do Todo-Poderoso pode quebrar suas cadeias e abrir as portas das prisões (Lucas 4.18) antes que aquele *possa* vir a Cristo. Pode alguém que ame as trevas e odeie a Luz reverter o processo? Não, não mais do que um homem que tenha um pé enfermo ou uma mão envenenada possa curá-los por um esforço de vontade. Pode o etíope mudar sua pele ou o leopardo suas manchas? Não mais do que quem está acostumado a fazer o mal, fazer o bem (Jeremias 13.23).

“E se é com dificuldade que o justo é salvo, onde vai comparecer o ímpio, sim, o pecador?” (1 Pedro 4.18, ARA). Matthew Henry disse: “É muito o que o melhor pode fazer para assegurar a salvação de suas almas; há tantos sofrimentos, tentações, e dificuldades para serem superadas; tantos pecados para serem mortificados; a porta é tão estreita, e o caminho tão apertado, que é muito o que o justo pode fazer para ser salvo. Deixe a absoluta necessidade de salvação contrabalançar a dificuldade dela. Considere suas dificuldades as maiores no início; Deus oferece Sua graça e ajuda; a luta não durará muito. Seja senão fiel até à morte e Deus lhe dará a coroa da vida: Apocalipse 2.10”. Também John Lillie, “Depois de tudo que Deus fez enviando Seu Filho, e o Filho enviando o Espírito Santo, é somente com dificuldade, extraordinária dificuldade, que a obra de salvar o justo avança para sua consumação. A entrada no reino se dá mediante muita tribulação — através de combates exteriores e medos interiores — através de seduções do mundo, e de seu desdém — através de completa fraqueza e contínuos fracassos da carne, e de muitos dardos inflamados de Satanás”.

Eis então as razões do porquê de a fé salvífica ser tão difícil de se manifestar. (1) Por natureza os homens são inteiramente ignorantes de seu real caráter, e, portanto, são facilmente ludibriados pelos substitutos plausíveis de Satanás. Mas mesmo quando eles são pelas Escrituras informados disso, ou dão as costas para Cristo entristecidos, como o jovem príncipe quando soube dos termos do discipulado; ou hipocritamente professam o que não possuem. (2) O poder do amor a si mesmo reina supremo no íntimo, e *negar* a si é exigência demais para o não regenerado. (3) O amor ao mundo e a aprovação dos amigos põem-se no caminho de uma completa entrega a Cristo. (4) As demandas de Deus de que Ele deve ser amado de *todo* o coração e que devemos ser “santos em toda a... maneira de viver (comportamento)” (1 Pedro 1.15) repele o carnal. (5) Trazer o opróbrio de Cristo, ser odiado pelo mundo religioso (João 15.18), sofrer perseguição por causa da justiça, é algo de que a carne e o sangue evitam. (6) A humilhação de nós mesmos perante Deus, penitentemente confessando *toda* a nossa obstinação, é algo contra o que um coração não quebrantado se revolta. (7) Combater o bom combate da fé (1 Timóteo 6.12) e vencer o Diabo (1 João 2.13), é uma empresa árdua demais para aqueles que amam sua própria comodidade.

Multidões que desejam ser salvas do Inferno (o natural instinto de autopreservação) estão muito pouco dispostas a serem salvas do *pecado*. Sim, há dezenas de milhares que estão iludidos em pensar que “aceitaram Cristo como seu Salvador”, cujas vidas mostram claramente que O *rejeitaram* como seu Senhor. Para um pecador obter o perdão de Deus, que “*deixe* o... seu caminho” (Isaías 55.7). Nenhum homem pode voltar-se *para Deus* até que se volte dos *ídolos* (1 Tessalonicenses 1.9). Assim insistiu o Senhor Jesus, “Qualquer de vós, que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14.33).

O que é terrível é que tantos pregadores hoje, sob o pretexto de magnificar a graça de Deus, representam a Cristo como o Ministro do pecado, como Um que logra, por Seu

sacrifício expiatório, uma indulgência para os homens continuarem a gratificar suas concupiscências carnis e mundanas. Contanto que um homem professe crer no nascimento virginal e na morte vicária de Cristo, e alegue estar descansando nele apenas para salvação, ele pode se passar por um cristão de verdade quase que em todos os lugares hoje, mesmo se sua vida cotidiana possa ser não diferente daquela do mundano moral que não faça profissão alguma. O Diabo está dando clorofórmio para milhares que estão indo para o Inferno precisamente com tal ilusão. O Senhor Jesus pergunta, “E por que me chamais, Senhor, Senhor, e *não fazeis* o que eu digo?” (Lucas 6.46); e insiste “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que *faz* a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 7.21).

A mais dura tarefa diante da maioria de nós não é aprender, mas desaprender. Muitos dos próprios filhos de Deus se afogaram tanto no adocicado veneno de Satanás, que não é de forma alguma fácil tirá-los de seus sistemas; e enquanto isso permanece neles, estupefaceia-lhes o entendimento. Tanto isso é assim que, na primeira vez que um deles lê um artigo como esse, está pronto para atacá-lo por ser um golpe declarado na suficiência da obra completa de Cristo, como se estivéssemos nós aqui ensinando que o sacrifício expiatório do Cordeiro necessita-se ser acrescentado por alguma coisa proveniente da criatura. Nada disso. Nada senão os méritos do Emanuel pode jamais habilitar qualquer pecador para estar de pé diante do Deus inefavelmente santo. Porém, o que estamos agora contendendo é por isso, *quando* Deus imputa a qualquer pecador a justiça de Cristo? Certamente não enquanto aquele está em oposição a Ele.

Além do mais, nós não honramos a obra de Cristo até que corretamente definamos *a que* aquela obra foi designada efetuar. O Senhor da glória não veio aqui e morreu para obter o perdão de nossos pecados e levar-nos ao Céu enquanto nossos corações permanecem ainda apegados à terra. Não, Ele veio aqui preparar o caminho para o Céu (João 10.4; 14.4; Hebreus 10.20-22; 1 Pedro 2.21), chamar homens àquele caminho, que por Seus preceitos e promessas, Seu exemplo e espírito, Ele pôde formar e moldar suas almas para aquele glorioso estado, e fazê-los desejosos de abandonar tudo por isso. Ele viveu e morreu para que Seu Espírito pudesse vir e vivificar pecadores mortos para a novidade de vida, fazê-los novos criaturas em Si Mesmo, e levá-los a residir temporariamente neste mundo como se dele não fossem, como aqueles cujos corações já partiram dele. Cristo não veio aqui para tornar uma mudança de coração, arrependimento, fé, santidade pessoal, o amor supremo a Deus e a obediência a Ele sem reservas, como desnecessária, ou salvação como possível *sem* eles. Como soa estranho que alguém possa supor isso dEle!

Ah, meu leitor, torna-se um teste esquadrinhador para cada um dos nossos corações encarar honestamente a questão: é a isso que realmente anelo? Como Bunyan perguntou (em seu *The Jerusalem Sinner Saved*), “Quais são teus desejos? Desejas tu ser salvo? Desejas tu ser salvo com uma salvação *completa*? Desejas tu ser salvo da culpa, e da imundície, também? Estás tu cansado do serviço ao teu antigo senhor, o Diabo, o pecado, e o mundo? E tais desejos puseram tua alma à fuga? Lançastes tu àquele que é um Salvador da ira vindoura, para vida? Se tais são teus desejos, e se não são fingidos, não temas”.

“Muitas pessoas pensam que quando pregamos salvação, queremos dizer salvação de ir para o Inferno. Queremos dizer não só isso também, mas muito mais além: pregamos salvação do pecado; dizemos que Cristo é apto para salvar um homem; e, com isso, apto para salvá-lo do pecado, e fazê-lo santo; torná-lo um novo homem. Nenhuma pessoa tem qualquer direito de dizer, ‘sou salvo’, enquanto ele continua no pecado como dantes. Como você pode



ser salvo do pecado enquanto viver nele? Um homem que estão se afogando não pode dizer que está salvo da água enquanto está afundando nela; um homem que está congelado não pode dizer, com qualquer dose de verdade, que está salvo do frio enquanto está endurecido pela rajada de vento do inverno. Não, homem, Cristo não veio salvar-te *em* teus pecados, mas para salvar-te *deles*; não para tornar a enfermidade tal que não possa te matar, mas para deixá-la mortal em si mesma, e, contudo, removê-la de ti, e a ti dela. Cristo Jesus veio então para curar-nos da praga do pecado, para tocar-nos com Sua mão e dizer, ‘quero, sê limpo’” (C. H. Spurgeon comentando Mateus 9.12).

Aqueles que não desejam vivamente por santidade de coração e justiça de vida, estão tão-somente enganando a si próprios quando supõem que desejam ser salvos por Cristo. O fato evidente é, tudo que é querido por muitos hoje é meramente uma posição calmante para suas consciências, a qual os habilitarão a ir confortavelmente em um rumo de auto-satisfação, a qual permitir-lhes-á continuar em seus caminhos mundanos sem o medo da punição eterna. Natureza humana é a mesma em todo o mundo: aquele desgraçado instinto que faz com que multidões creiam que pagando a um clérigo papista alguns dólares adquirem perdão de todos os seus pecados passados, e uma “indulgência” pelos futuros, move outras multidões para avidamente devorarem a mentira de que, com um coração impenitente e não quebrantado, por um mero ato de vontade, podem “crer em Cristo”, e por esse meio obterem não somente perdão divino para os pecados passados mas uma “segurança eterna”, não importa o que façam ou deixam de fazer no futuro.

Ó meu leitor, não seja enganado; Deus não livra a ninguém da condenação senão “os que estão *em Cristo Jesus*” (Romanos 8.1), e “se alguém está em Cristo, *nova criatura* é; as coisas velhas já passaram [não “deverão passar”]; eis que *tudo se fez novo*” (2 Coríntios 5.17). Fé salvífica faz com que um pecador venha a Cristo com uma sede real da alma, faz com que ele possa beber da água viva, precisamente de Seu Espírito santificador (João 7.38, 39). Amar nossos inimigos, abençoar os que nos maldizem, orar por aqueles que nos desprezam, está muito longe de ser algo fácil; todavia, *essa* é somente uma parte da tarefa a qual Cristo designa àqueles que desejam ser *Seus* discípulos. *Ele* agiu assim, e deixou-nos um exemplo para que seguíssemos Seus passos. E *Sua* “salvação”, em sua *presente* aplicação, consiste de uma revelação a nossos corações da necessidade imperativa de estarmos à altura de Seu alto e santo padrão, com uma percepção de nossa própria falta expressa de poder de assim sermos; e um criar dentro de nós uma sede e uma fome intensa de tal justiça pessoal, e um voltar-se cotidianamente a Ele em humilde e confiante súplica pela graça carecida e poder.

## 4. Sua Comunicação

Do ponto de vista humano, as coisas agora estão em um mau estado nos campos industrial e social. É triste ver tantos homens fisicamente aptos ansiosos por trabalho, mas incapazes de obterem emprego<sup>4</sup>. Mas do ponto de vista espiritual, as coisas se encontram em um estado de longe pior no domínio religioso. É triste ver os cultos anticristãos florescendo por toda parte; mas de longe mais penoso é, para aqueles que estão instruídos nas coisas de Deus, descobrir que muito do pretense “Evangelho” o qual está agora sendo pregado em muitas “igrejas fundamentalistas” e “salões evangélicos” [*Gospel halls*], é senão uma ilusão satânica. O Diabo sabe que seus cativos ficam bem sossegados quando a graça de Deus e a obra completa de Cristo são “fielmente” proclamadas a eles, conquanto o único caminho no qual pecadores recebem as virtudes salvíficas da Expição seja infielmente escondido. Enquanto a peremptória e imutável exigência divina de arrependimento é deixada de lado, enquanto os próprios termos de Cristo para o discipulado (i.e., como se tornar um cristão: Atos 11.26) em Lucas 14.26,27,33 são estorvados e enquanto a fé salvífica é reduzida a um mero ato da vontade, leigos cegos continuarão a ser levados por pregadores cegos, apenas para ambos caírem dentro do fosso.

As coisas estão de longe, de longe piores até nos setores “ortodoxos” da Cristandade do que a maioria dos próprios filhos de Deus se dá conta. As coisas estão podres mesmo na própria fundação, pois com raríssimas exceções o caminho de Deus para a salvação não está mais sendo ensinado. Dezenas de milhares “aprendem sempre” pontos da profecia, o significado dos tipos, o significado dos números, como dividir as “dispensações”, os quais, entretanto, “nunca podem chegar ao conhecimento da verdade” (2 Timóteo 3.7) da salvação mesma — “nunca podem”, porque não querem pagar o preço (Provérbios 23.23), o qual é uma completa entrega ao Próprio Deus. Até onde o escritor compreende a presente situação, parece-lhe que o que é necessário hoje em dia é pressionar para a atenção séria dos cristãos professantes questões tais como: quando é que Deus aplica ao pecador as virtudes da obra completa de Cristo? o que é o que estou sendo chamado a fazer a fim de me apropriar da eficácia da expiação de Cristo? o que é que me dá uma entrada verdadeira ao proveito de Sua redenção?

As questões formuladas acima são somente três diferentes caminhos de compor a mesma pergunta. Agora a resposta popular a qual está sendo dada é: nada mais é exigido de qualquer pecador que simplesmente crer no Senhor Jesus Cristo. Nos capítulos antecedentes, procuramos mostrar que uma tal resposta é enganosa, inadequada, errada, e que, porque ignora todas as outras escrituras as quais nos põem diante do que Deus requer do pecador: deixa à parte o relato da exigência divina por arrependimento (com tudo o que essa envolve e inclui), e os termos de Cristo para o discipulado claramente definidos em Lucas 14. Restringirmo-nos a qualquer um termo da escritura sobre um assunto, ou grupo de passagens que empreguem aquele termo, resulta em sua errônea concepção. Quem limita suas idéias de regeneração para a única figura do novo nascimento, labora em sério erro sobre ele. Assim, quem limita seus pensamentos sobre como ser salvo à única palavra “crer”, é facilmente enganado. Cuidado diligente precisa ser tomado para coligir tudo o que a Escritura ensina sobre qualquer tópico para termos dele uma visão acurada e balanceada.

---

<sup>4</sup> Texto escrito na época da Grande Depressão Econômica dos anos 30 nos E.U.A., que se seguiu à famigerada quebra da Bolsa de Nova York, em outubro de 1929 (N. do T.).

Para ser mais específico. Em Romanos 10.13 lemos, “Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. Agora isso significa que todos que, com seus lábios, clamam ao Senhor, que em nome de Cristo procuram Deus para receberem misericórdia, são por Ele salvos? Quem responde afirmativamente, está somente se enganando com o mero som das palavras, como o iludido romanista quando disputa acerca da presença corporal de Cristo no pão, porque Ele disse “isto é o meu corpo”. E como devemos mostrar ao papista que ele está enganado? Ora, comparando Escritura com Escritura. O mesmo se dá aqui. O escritor bem se lembra de estar em um navio em uma terrível tempestade na costa de Newfoundland. Todas as escotilhas eram construídas com sarrafos, e por três dias a nenhum passageiro foi permitido ficar no convés. Relatos dos empregados de bordo eram inquietantes. Os homens fortes estavam lívidos. À medida que os ventos aumentavam e o navio bamboleava mais e mais, ouvia-se certo número de homens e mulheres invocando o nome do Senhor. Ele os salvou? Um dia ou dois depois, quando o tempo ficou bom, aqueles mesmos homens e mulheres estavam bebendo, amaldiçoando e jogando cartas!

Talvez alguém pergunte: mas Romanos 10.13 não é o que quer dizer? Certamente o é, mas nenhum versículo da Escritura dá o seu significado à gente preguiçosa. Cristo Mesmo conta-nos que há muitos que O chamam “Senhor”, a quem Ele dirá “apartai-vos de mim” (Mateus 7.22,23). Então o que se faz com Romanos 10.13? Ora, compare-o diligentemente com todas as outras passagens que nos fazem saber o que o pecador deve fazer antes que Deus o salve. Se nada mais do que o medo da morte ou horror ao Inferno move o pecador a invocar o Senhor, ele poderia igualmente invocar as árvores. O Todo-Poderoso não está à disposição de qualquer rebelde, que, ao ficar aterrorizado, roga por misericórdia. “O que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável” (Provérbios 28.9)! “O que encobre as suas transgressões nunca prosperará, mas o que as confessa e *deixa* alcançará misericórdia” (Provérbios 28.13). O único “invocar o nome” ao qual o Senhor atenta, é para aquele que emana de um coração quebrantado, penitente, que odeia o pecado, que está sequioso de santidade.

O mesmo princípio se aplica a Atos 16.31 e todos os textos similares: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa”. A um leitor casual, isso parece uma matéria muito simples, todavia uma ponderação mais estrita daquelas palavras deve descobrir que há mais coisa envolvida do que aparece à primeira vista. Note que os apóstolos não disseram meramente ao carcereiro de Filipos para “descansar na obra completa de Cristo”, ou “confie em Seu sacrifício expiador”. Antes, foi uma Pessoa que foi posta perante ele. Novamente, não foi simplesmente “creia no Salvador”, mas “no Senhor Jesus Cristo”. João 1.12 mostra claramente que “crer” é “receber”, e para ser salvo, um pecador tem de receber Um que não é somente Salvador, mas “Senhor”, sim, que deve ser recebido como “Senhor” antes que Se torne o Salvador de tal pessoa. E receber “Cristo Jesus, o Senhor” (Colossenses 2.6 ARA) necessariamente envolve a renúncia de nosso próprio senhorio pecaminoso, o depor as armas de nossa batalha contra Ele, e o submeter-se ao Seu jugo e governo. E antes que qualquer rebelde humano seja levado a isso, um milagre da divina graça tem de ser operado nele. E isso nos traz mais imediatamente ao presente aspecto do nosso tema.

Fé salvífica não é um produto nativo do coração humano, mas é uma graça espiritual comunicada do Alto. “É dom de Deus” (Efésios 2.8). É pela “operação de Deus” (Colossenses 2.12<sup>5</sup>). É pelo “poder de Deus” (1 Coríntios 2.5). Uma passagem das mais

<sup>5</sup> Nesse ponto, as traduções mais correntes da Bíblia evangélica em português (as variantes da versão de João Ferreira de Almeida, a saber a Revista e Corrigida, a Revista e Atualizada e a Corrigida Fiel) não refletem bem



notáveis nessa matéria é encontrada em Efésios 1.16-20. Lá descobrimos o apóstolo Paulo orando para que os santos pudessem ter os olhos de seu entendimento iluminados, para que pudessem conhecer “qual a sobre-excelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos”.

Repare nas fortes expressões usadas aqui: não meramente o poder de Deus, ou a grandeza dele, mas “a sobre-excelente grandeza do seu poder sobre nós”. Note ainda o padrão de comparação: nós cremos “segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos”.

Deus tornou manifesta a “força do Seu poder” quando ressuscitou a Cristo. Havia uma poderosa dificuldade a ser superada, precisamente vencer o túmulo. Havia um poderoso resultado a ser alcançado, precisamente o trazer à vida Um que estava morto. Ninguém senão Deus Mesmo o rivalizaria em um milagre tão estupendo. Estritamente análogo é aquele milagre da graça o qual emana da fé salvífica. O Diabo emprega todas as suas astúcias e todo seu poder para retê-lo cativo. O pecador está morto em delitos e pecados, e não pode vivificar a si mesmo mais do que pode criar um mundo. Seu coração está apertadamente preso com a mortalha que são as concupiscências carnis e mundanas, e apenas Onipotência pode ressuscitá-lo para a comunhão com Deus. Bem pode cada servo verdadeiro do Senhor emular o apóstolo Paulo e orar ardentemente para que Deus ilumine Seu povo com respeito a essa maravilha das maravilhas, a fim de que, em vez de atribuir sua fé a um exercício da própria vontade, possam livremente atribuir toda honra e glória a Quem somente e com justiça pertencem.

Se tão-somente o cristão professante desta perversa geração pudesse começar a obter alguma concepção adequada da real condição de cada homem por natureza, poderia estar menos inclinado a sofismar contra o ensinamento de que nada menos do que um milagre da graça pode jamais qualificar qualquer pecador a crer na salvação de sua alma. Se ele pudesse apenas ver que a atitude de coração para com Deus do mais refinado e moral, não é nadinha diferente daquela do mais vulgar e vicioso; que aquele que é o mais amável e benevolente para com o próximo, não tem mais desejo real por Cristo do que o mais egoísta e brutal; então ficaria evidente que o poder divino tem de operar para haver mudança de coração. O poder divino se fez necessário para criar, mas muito mais poder é requerido para regenerar uma alma: criação é unicamente o começo de alguma coisa saída do nada, mas regeneração é a transformação não só de um objeto desagradável, mas de quem resiste com todo seu poder aos graciosos desígnios do Oleiro Celestial.

Não é simplesmente que o Espírito Santo achega-se a um coração no qual não haja amor algum a Deus, mas que Ele o encontra repleto de inimizade contra Si, e incapaz de estar sujeito a Sua lei (Romanos 8.7). Verdadeiramente, o próprio indivíduo pode estar bem inconsciente desse terrível fato, sim, pronto para negá-lo com indignação. Porém, isso é facilmente explicado. Se tem ele ouvido pouco ou nada senão do amor, da graça, da misericórdia, da bondade de Deus, seria de fato surpresa se O odiasse. Mas uma vez que o Deus da Escritura seja feito conhecido a ele no poder do Espírito, uma vez que ele seja levado a perceber que Deus é o Governante deste mundo, exigindo submissão ilimitada a todas as

---

o sentido original do termo grego *επεργεια* (‘operação’, ‘obra eficaz’, segundo A.H. Strong), pois o traduzem por ‘poder’; não obstante, é melhor compreendido pelas edições inglesas (‘operation’, ‘working’). A espúria ‘Tradução do Novo Mundo’ em nosso idioma, porém, traz corretamente ‘operação’, e a ela apelamos nesse ponto do presente trabalho (N. do T.).

Suas leis, que Ele é inflexivelmente justo, e “não tem o culpado por inocente”; que Ele é soberano, e ama a quem Lhe aprouve e odeia a quem Ele quer; que longe de ser um Criador condescendente, indulgente, que finge que não vê as loucuras de Suas criaturas, é Ele inefavelmente santo, de modo que Sua justa ira se acende contra todos os obreiros da iniquidade — então as pessoas ficarão cômicas da inimizade que nelas reside e que se insurge contra Ele. E nada a não ser o poder onipotente do Espírito pode vencer tal inimizade e levar qualquer rebelde a verdadeiramente amar o Deus da Sagrada Escritura.

Com acerto disse o puritano Thomas Goodwin, “É mais fácil um dia ouvir-se falar de um lobo se casando com um cordeiro, ou vice-versa, do que um coração carnal se sujeitar à lei de Deus, a qual foi seu antigo marido — Romanos 7.6. É um virar o contrário do outro. Água virar vinho, há algum tipo de simbolismo, mas tal é um milagre. Porém, tornar-se o lobo cordeiro e o fogo, água, é um milagre ainda maior. Entre nada e alguma coisa há uma distância infinita, mas entre pecado e graça há uma ainda maior do que nada e o mais elevado anjo no Céu... Destruir o poder do pecado em uma alma humana é uma obra tão grande quanto remover a culpa do pecado. É mais fácil dizer a um cego: veja, e a um aleijado: ande, que dizer a um homem que jaz sob o poder do pecado: viva, seja santo, pois que a isso não se sujeitará”.

Em 2 Coríntios 10.4 o apóstolo descreve o caráter daquela obra na qual os verdadeiros servos de Cristo estão engajados. É um conflito contra as forças de Satanás. As armas da sua milícia “não são carnis” — assim como aquelas de soldados modernos partindo apenas com espadas de madeira e escudos de papel, igual aos pregadores que pensam liberar os prisioneiros do diabo por meio de aprendizado humano, métodos mundanos, anedotas tocantes, cantoria atrativa etc. Não, “suas armas” são a “Palavra de Deus” e oração “em todo o tempo” (Efésios 6.17,18); e mesmo essas são somente “poderosas em Deus”, isto é, pela Sua direta e especial benção sobre essas para almas em particular. No que segue, uma descrição é dada de onde é visto o poder de Deus aqui, a saber, na poderosa oposição a qual ele encontra e subjuga: “(para destruição das fortalezas;) destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo”.

Nisto jaz o poder de Deus quando Ele se agrada de assim torná-lo manifesto na salvação de um pecador. O coração daquele pecador está fortificado contra Ele: fica como que de aço contra Suas santas exigências, Suas justas reivindicações. Está determinado a não se submeter à Sua lei, nem a abandonar aqueles ídolos proibidos. Aquele insolente rebelde tomou a decisão de que não deixará para trás os deleites desse mundo e os prazeres do pecado, e que não dará a Deus o lugar supremo em suas afeições. Mas Deus determinou-se a vencer sua pecaminosa oposição, e a transformá-lo em um amável e leal súdito. A figura aqui usada é aquela de uma cidade sitiada — o coração; suas “fortalezas” — o poder reinante das concupiscências carnis e mundanas — vão para a “destruição”; a obstinação é quebrada, o orgulho subjugado, e o rebelde desafiante é feito um cativo de bom grado “à obediência de Cristo”! “Poderosas em Deus” aponta para seu milagre da graça.

Há um outro detalhe apontado pela analogia retirada de Efésios 1.19-21 a qual exemplifica o grandioso poder de Deus, a saber, “pondo-o [Cristo] à sua direita nos céus”. Os membros do corpo místico de Cristo estão predestinados a serem conformados à gloriosa imagem de sua glorificada Cabeça: em parte, agora; de maneira perfeita, no Dia vindouro. A ascensão de Cristo foi contrária à natureza, sendo oposta à lei da gravidade. Mas o poder de Deus venceu essa oposição, e trasladou Seu ressurreto Filho corporalmente para o Céu. Da

mesma forma, Sua graça produz em Seu povo aquilo que é contrário à natureza, vencendo a oposição da carne, e atraindo seus corações para as coisas de cima. Como nos maravilharíamos se vissemos um homem estender seus braços e subitamente deixar a terra, pairando em cima no céu. Todavia ainda mais maravilhoso é quando contemplamos o poder do Espírito fazendo com que uma criatura cheia de pecados eleve-se acima da tentação, do mundanismo, e do pecado, e respire a atmosfera do Céu; quando uma alma humana é levada a desdenhar das coisas da terra e a achar sua satisfação nas de cima.

A ordem histórica em conexão com a Cabeça em Efésios 1.19,20 é também a ordem experimental com respeito aos membros de Seu corpo. Antes de pôr Seu Filho à Sua destra nos céus, Deus levantou-O dos mortos; assim, antes que o Espírito Santo conserte o coração de um pecador para Cristo, Ele primeiro vivifica-o em novidade de vida. Deve haver vida antes que possa haver visão, crença, ou boas obras levadas a cabo. Alguém que esteja fisicamente morto é incapaz de fazer alguma coisa; assim aquele que está espiritualmente morto é incapaz de quaisquer exercícios espirituais. Primeiro deu-se vida a Lázaro, e então se removeu as faixas que prendiam suas mãos e pés. Deus tem de regenerar antes que possa haver uma “nova criatura em Cristo Jesus”. A lavagem de uma criança segue-se ao seu nascimento.

Quando a vida espiritual é comunicada à alma, aquele indivíduo está agora apto a ver as coisas em suas verdadeiras cores. Na luz de Deus ele vê luz (Salmo 36.9). A ele é agora dado perceber (pelo Espírito Santo) quão rebelde ele tem sido ao longo de sua vida contra o Criador e Benfeitor: que, ao invés de fazer da vontade de Deus seu governo, ele seguia seu próprio caminho; que ao invés de ter diante de si a glória de Deus, ele buscava somente agradar e gratificar o eu. Mesmo que possa ter sido preservado de todas as formas externas mais grosseiras de impiedade, ele agora reconhece que é um leproso espiritual, uma criatura vil e contaminada, expressamente incapaz de se aproximar de, e menos ainda de morar com Ele, que é inefavelmente santo, e uma tal apreensão fá-lo sentir que não há esperanças para o seu caso.

Há uma colossal diferença entre ouvir ou ler de qual convicção de pecado se trata, e ser alguém levado a senti-la nas profundezas da própria alma. Multidões estão familiarizadas com a teoria, que estão totalmente alheios à experiência dela. Pode-se ler dos tristes efeitos da guerra, e pode-se concordar que de fato são eles terríveis; mas quando o inimigo está à própria porta, pilhando seus bens, ateando fogo à sua casa, assassinando seus queridos, ele fica de longe mais sensível às misérias da guerra do que jamais esteve (ou poderia estar) anteriormente. Assim um incrédulo pode ouvir de quão terrível estado se encontra o pecador perante Deus, e quão terrível serão os sofrimentos do Inferno; porém, quando o Espírito faz compreender ao coração sua real condição, e fá-lo sentir o ardor da ira divina em sua própria consciência, ele está pronto para afundar em terror e desespero. Leitor, você conhece algo de uma tal experiência?

Somente desse modo qualquer alma está preparada para verdadeiramente apreciar Cristo. Os que estão sãos não precisam de médico. A quem tem sido salvificamente convencido, é dado perceber que ninguém a não ser o Senhor Jesus pode curar alguém tão desesperadamente enfermo pelo pecado; que Ele somente pode comunicar aquela saúde espiritual (santidade) a qual o habilitará a correr nos caminhos dos mandamentos de Deus; que nada senão Seu precioso sangue pode expiar os pecados do passado e nada que não seja Sua graça todo-suficiente pode ir de encontro às prementes necessidades do presente e do futuro. Assim, deve haver fé discernidora, antes que venha a outra fé. O Pai “traz” ao Filho

(João 6.44) por comunicar à mente uma profunda percepção de minha desesperada necessidade de Cristo, ao dar ao coração um real sentido de Seu inestimável valor, e fazendo com que a vontade O receba em Seus próprios termos.

## 5. Suas Evidências

A grande maioria daqueles que lêem este artigo serão, sem dúvida, aqueles que professam estar de posse de uma fé que salva. A todos os tais colocaríamos a questão: onde está a sua prova? Quais efeitos ela tem produzido em você? Uma árvore é conhecida por seus frutos, e uma fonte pelas águas que dela emanam; assim a natureza de sua fé pode ser verificada por um cuidadoso exame do que ela está produzindo. Dizemos, “*um exame cuidadoso*”, pois nem todo fruto é próprio para se comer nem toda água para se beber; assim nem todas as obras são efeitos de uma fé que salva. Reforma não é regeneração, e uma vida transformada nem sempre indica um coração mudado. Você foi salvo de uma aversão aos mandamentos de Deus e um desgosto por Sua santidade? Foi salvo do orgulho, da cobiça, da murmuração? Foi liberto do amor a este mundo, do medo do homem, do poder reinante do pecado?

O coração de um homem caído é inteiramente depravado: seus pensamentos e imaginações sendo somente maus continuamente (Gênesis 6.5). Está repleto de afeições e desejos corruptos, os quais se esforçam e influenciam o homem em tudo que ele faz. Agora o Evangelho entra em direta oposição com essas concupiscências egoístas e afetos corruptos, na raiz como no fruto delas (Tito 2.11,12). Não há obrigação maior em que o Evangelho insiste às nossas almas que na mortificação e na destruição delas, e isso indispensavelmente, se temos a intenção de sermos feitos participantes de suas promessas (Romanos 8.13; Colossenses 3.5-8). Logo, a primeira obra real da fé é depurar a alma dessas contaminações, e, por conseguinte, lemos, “E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências” (Gálatas 5.24). Observe bem que não é que eles “devam” assim fazer, mas que *realmente* o fazem eles, em certa medida ou grau.

Uma coisa é *pensar* que realmente cremos em algo, outra bem diferente é crer de verdade. Tão volúvel é o coração humano que, mesmo nas coisas naturais os homens não conhecem suas próprias mentes. Em negócios temporais o que um homem realmente crê é mais bem averiguado por sua prática. Suponha que eu encontre um viajante em um desfiladeiro estreito e conte-lhe que logo à frente tem um rio intransponível, e que a ponte sobre esse está deteriorada: se ele recusa a voltar atrás, não estou eu certo em concluir que não acreditou em mim? Ou, se um médico me diz que fui pego por uma certa doença, e que num curto espaço de tempo será fatal eu não usar o remédio prescrito na receita que certamente me curará; não estaria ele justificado ao inferir que eu não confiei em seu julgamento, se me visse não apenas ignorando suas instruções, mas seguindo um rumo contrário? Da mesma maneira, acreditar que há um Inferno, e, todavia, correr para ele; acreditar que o pecado contínuo condenará, e todavia nele viver — para que propósito se orgulhar de uma *tal* fé?

Então, voltando-se ao que estava diante nós no último artigo, deve ficar claro e fora de qualquer dúvida, que quando Deus comunica fé salvífica a uma alma, seguir-se-ão efeitos radicais e reais. Não se pode ser ressuscitado dos mortos sem haver um conseqüente caminhar em novidade de vida. Não se pode ser o sujeito de um milagre de graça sendo operado no coração sem uma perceptível mudança aparecendo para todos os que o conhecem. Onde uma raiz sobrenatural foi implantada, dela surgirá fruto sobrenatural. Não que a perfeição sem pecado seja atingida nesta vida, nem que o princípio maligno, a carne, seja erradicado de nossos seres, ou mesmo purificado. Entretanto, há agora um anelo por

perfeição, há um espírito que resiste à carne, há uma luta contra o pecado. E mais, há um crescimento na graça, e uma *pressão para frente* pelo “caminho estreito” que leva ao Céu.

Um erro sério tão largamente propalado hoje em círculos “ortodoxos”, o qual é responsável por tantas almas sendo enganadas, é a doutrina, que aparentemente honra a Cristo, de que é “Seu sangue que *sozinho* salva qualquer pecador”. Ah, Satanás é muito inteligente: ele sabe exatamente qual isca usar para cada lugar em que ele pesca. Muitos grupos ressentir-se-iam com indignação de um pregador que lhes contasse que, o ser batizado e tomar da ceia do Senhor são meios designados por Deus para salvação da alma; todavia a maior parte dessas mesmas pessoas aceitarão prontamente a mentira de que é apenas pelo sangue de Cristo que podemos ser salvos. Tal é verdade da parte de Deus, mas não da do homem. A obra do Espírito em nós é *igualmente* essencial quanto a obra de Cristo por nós. Que o leitor pondere cuidadosamente no todo de Tito 3.5.

Salvação tem dois lados: é tanto legal quanto experimental, e consiste de justificação e santificação. Além do mais, devo minha salvação não apenas ao Filho, mas às três pessoas da Divindade. Ai! quão pouco isso é percebido hoje em dia, e quão pouco é pregado. Em primeiro lugar e antes de tudo, devo minha salvação a Deus Pai, que a ordenou e a planejou, e que me elegeu para a salvação (2 Tessalonicenses 2.13). Em Tito 2.10 é o Pai que é denominado “Deus, nosso Salvador”. Em segundo, e meritoriamente, devo minha salvação à obediência e sacrifício de Deus Filho encarnado, que, como meu Fiador, desempenhou tudo o que a lei exigia, e satisfez todas as suas demandas sobre mim. Em terceiro, e eficazmente, devo minha salvação às operações de regeneração, santificação e preservação efetuadas pelo Espírito: repare que Sua obra é tão proeminente em Lucas 15.8-10 quanto a do Pastor em Lucas 15.4-7! Como Tito 3.5 tão claramente afirma, Deus “nos salvou pela lavagem da regeneração, e da renovação do Espírito Santo”; e é a presença de *Seu* “fruto” em meu coração e vida que fornece a imediata evidência da minha salvação.

“Com o coração se crê para a justiça” (Romanos 10.10). Por conseguinte, é o coração que devemos primeiramente examinar a fim de descobrir evidências da presença de uma fé salvífica. E primeiramente, a Palavra de Deus fala-nos “*purificando* os seus corações pela fé” (Atos 15.9). Outrora o Senhor disse, “lava o teu coração da malícia, ó Jerusalém, para que sejas salva” (Jeremias 4.14). Um coração que está sendo purificado pela fé (cf. 1 Pedro 1.22), é um que se voltou de todos os ídolos impuros, e que se fixou em um Objeto puro. Bebe de uma Fonte pura, deleita-se numa pura lei (Romanos 7.22), e anseia por passar a eternidade com um puro Salvador (1 João 3.3). Ele detesta tudo que é imundo e repugnante — tanto espiritual quanto moralmente — sim, aborrece até a roupa manchada da carne (Judas 1.23). Contrariamente, ama tudo que é santo, amável e semelhante a Cristo.

“Os limpos de coração... verão a Deus” (Mateus 5.8). Pureza de coração é absolutamente essencial para nos fazer idôneos para habitar naquele lugar onde não entrará de modo algum coisa alguma “que contamine, e cometa abominação” (Apocalipse 21.27). Talvez uma definição um pouco mais completa seja exigida aqui. Purificar o coração pela fé consiste de primeiro purificar o entendimento, pelo brilhar da divina luz, a fim de purificá-la do erro. Segundo, da purificação da consciência, para limpá-la da culpa. Terceiro, do purificar da vontade, para limpá-la da obstinação e do egoísmo. Quarto, da purificação das afeições, a fim de purgá-la do amor a tudo aquilo que é mal. Na Escritura o “coração” inclui todas essas quatro faculdades. Um propósito deliberado de continuar em um pecado que seja não condiz com um coração puro.



Repetindo: fé salvífica é sempre evidenciada por um coração *humilde*. Ela rebaixa a alma, pois essa descobre sua própria vileza, nulidade e impotência. Ela alma se dá conta de sua antiga pecaminosidade, e presente indignidade. Fica cônica de sua fraqueza e misérias, sua carnalidade e corrupções. Nada exalta mais a Cristo que a fé, e nada humilha mais um homem. A fim de engrandecer as riquezas de Sua graça, Deus selecionou a fé como o mais apropriado instrumento, e isso, porque é o que nos leva a sair inteiramente de nós mesmos para Si. Fé, ao se dar conta de que nada temos senão pecado e maldade, vem a Cristo como um pedinte de mãos vazias, para receber tudo dEle. Fé esvazia um homem da presunção, da autoconfiança, e da justiça própria, e fá-lo parecer nada, que Cristo pode ser tudo em todos. A mais forte fé é sempre acompanhada pela maior humildade, pelo estimar de si mesmo como o maior dos pecadores e indigno do menor dos favores: vide Mateus 8.8-10.

Repetindo, fé salvífica é sempre encontrada em um coração *enternecido*. “E vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne, e vos darei um coração de carne” (Ezequiel 36.26). Um coração não regenerado é tão duro quanto pedra, cheio de orgulho e presunção. Não fica nada persuadido pelos sofrimentos de Cristo, no sentido de que eles não agem como dissuasores contra a obstinação e a auto-satisfação. Porém, o real cristão é persuadido pelo amor de Cristo, e diz: como posso pecar contra seu amor que o levou a morrer por mim? Quando surpreendido por uma falta, há intenso enternecimento e amarga lamentação. Ó meu leitor, você conhece o que é ficar derretido perante Deus, por estar de coração quebrantado com angústia sobre pecar contra e entristecer um tal Salvador? Ah, isso não é a ausência de pecado, mas o entristecer-se sobre esse o que distingue o filho de Deus dos adeptos vazios.

Uma outra característica da fé salvífica é que ela “opera por caridade” (Gálatas 5.6). Não é inativa, mas ativa. Essa fé, a qual é da “operação de Deus”<sup>6</sup> (Colossenses 2.12), é um poderoso princípio de poder, difundindo energia espiritual a todas as faculdades da alma e arregimentando-as no serviço de Deus. Fé é um princípio de vida pelo qual o cristão vive para Deus; um princípio de movimento, pelo qual ele caminha para o Céu, ao longo da estrada de santidade; um princípio de vigor, pelo qual ele se opõe à carne, ao mundo, e ao Diabo. “Fé no coração de um cristão é como o sal que foi jogado para dentro da fonte corrupta, que tornou as águas ruins em boas e a terra estéril em frutífera. Dali segue-se uma alteração de vida e relações, e assim produz frutos em conformidade: ‘Um homem bom tira bons frutos do bom tesouro do seu coração’; o qual tesouro é fé” (John Bunyan em *Christian Behaviour*).

Onde uma fé salvífica está arraigada no coração ela cresce e se espalha em todos os ramos da obediência, e é preenchida com os frutos da justiça. Faz que seu possuidor aja para Deus, e desse modo evidencie que ela é uma coisa viva e não meramente uma teoria sem vida. Até um infante recém-nascido, ainda que não possa caminhar e trabalhar como um homem crescido, todavia respira e grita, move-se e mama, e assim demonstra que é vivo. Tal se dá com quem nasceu de novo: há um suspirar por Deus, um grito por Ele, um mover em direção a Ele, um apegar-se a Ele. Mas o infante não anela continuar um bebê; há crescimento, aumento de força, atividades ampliadas. Nem o cristão permanece estacionário: ele vai “de força em força” (Salmo 84.7).

Mas observe cuidadosamente, fé não somente “opera”, mas “opera por caridade”. É nesse ponto que as “obras” do cristão diferem daquelas dos meramente religiosos. “O papista

---

<sup>6</sup> V. nota anterior (N. do T.).

trabalha para que possa merecer o Céu. O fariseu trabalha para que possa ser aplaudido, para que possa ser visto pelos homens, para que possa ter uma boa estima deles. O escravo trabalha para que não seja espancado, para que não seja condenado. O formalista trabalha para que possa calar a boca da consciência, para que não o acuse, caso nada faça. O adepto ordinário trabalha porque é uma vergonha não fazer nada onde tanto é professado. Mas o verdadeiro crente trabalha porque ama. Isso é o principal, se não o único motivo, que o põe a trabalhar. Se não houvesse outro motivo interior ou exterior a si, todavia estaria trabalhando para Deus, agindo por Cristo, por O amar; é como fogo em seus ossos” (David Clarkson).

Fé salvífica é sempre acompanhada por um andar *na obediência*. “Nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade” (1 João 2.3,4). Não cometa engano nesse ponto: tão infinito quanto os méritos do sacrifício de Cristo, tão poderoso quanto a potência de Sua intercessão sacerdotal, todavia de nada servem para qualquer um que continua na senda da desobediência. Ele não reconhece a ninguém como Seu discípulo exceto aqueles que O veneram como Senhor. ‘Adeptos em demasia se tranqüilizam com a idéia de que possuem justiça imputada, enquanto estão indiferentes à obra santificadora do Espírito. Recusam-se a por o traje da obediência, rejeitam o linho branco que é a justiça dos santos. Eles desse modo revelam sua obstinação, sua inimizade a Deus, e sua insubmissão ao Seu Filho. Tais homens podem dizer o que querem sobre justificação pela fé, e salvação pela graça, mas são, no fundo, rebeldes; eles não estão mais vestidos com as vestes das bodas que aqueles que confiam na justiça própria, a quem eles tão ardentemente condenam. O fato é, se desejamos pelas bênçãos da graça, devemos em nossos corações submetermo-nos às regras dela sem exigências” (C.H. Spurgeon em “*The Wedding Garment*”).

Mais uma vez: fé salvífica é *preciosa*, pois, como ouro, será provada (1 Pedro 1.7). Um genuíno cristão não teme teste algum: ele está querendo, sim, desejando ser provado pelo Próprio Deus. Ele brada, “Examina-me, Senhor, e prova-me; esquadrinha os meus rins e o meu coração” (Salmo 26.2). Portanto ele está disposto a ter sua fé provada por outros, pois não se afasta do exame da Escritura Sagrada. Frequentemente sonda a si mesmo, pois onde tanto está em jogo, ele precisa estar *seguro*. Está ansioso para conhecer tanto o pior quanto o melhor. A pregação que mais o agrada é a que é mais penetrante e discernidora. É contrário a ser iludido com vãs esperanças. Não ficaria lisonjeado em um alto, porém sem fundamentos, conceito de seu estado espiritual. Quando desafiado, ele atende ao conselho do apóstolo em 2 Coríntios 13.5.

Nisto o real cristão difere sim do formalista. O adepto presunçoso é cheio de orgulho, e tendo uma alta opinião de si mesmo, está bem certo de que *ele* está salvo por Cristo. Ele desdenha de quaisquer testes esquadrinhadores, e considera o auto-exame altamente ofensivo e destrutivo à fé. Aquela pregação que mais o contenta, aquela que mantém a uma respeitável distância, que não se aproxima da consciência, que não faz escrutínio algum de seu coração. Preguar a ele da obra completa de Cristo e da eterna segurança de todos os que crêem nEle, reforça sua falsa paz e alimenta sua confiança carnal. Caso um real servo de Deus procure convencê-lo de que sua esperança é uma ilusão, e sua confiança presunçosa, ele o consideraria um inimigo, como Satanás buscando enchê-lo de dúvidas. Há mais esperança de um assassino ser salvo que dele sendo iludido.

Uma outra característica da fé salvífica é que ela dá ao coração vitória sobre todas as vaidades e contrariedades das coisas de baixo. “Porque todo o que é nascido de Deus *vence o*



*mundo*; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé” (1 João 5.4). Observe que isso não é um ideal pelo qual o cristão combata, mas uma realidade da experiência presente. Nisso o santo é conformado à sua Cabeça: “Tende bom ânimo, eu venci o mundo” (João 16.33). Cristo venceu-o por Seu povo, e agora Ele vence-o neles. Ele abre seus olhos para ver a falsidade e a baixeza do melhor que este mundo tem a oferecer, e dele desapega seus corações, satisfazendo-os com coisas espirituais. Tão pouco de fato o mundo atrai o autêntico filho de Deus, que ele anela pela futura época em que Ele os removerá dele. Ai! que pouquíssimos mesmo daqueles agora portando o nome de Cristo tenha qualquer real familiaridade experimental com tais coisas.

Ai!, que tão poucos estejam enganados por uma fé que não é salvífica. “É somente um cristão quem vive para Cristo. Muitas pessoas pensam que podem ser cristãs em termos mais fáceis que esses. Acham que é bastante confiar em Cristo enquanto não vivem para Ele. Porém, a Bíblia nos ensina que se somos participantes de Cristo em Sua morte, somos também participantes de Sua vida. Se tivermos qualquer apreciação assim de Seu amor em morrer por nós que nos leve a confiar nos méritos de Sua morte, *seremos* constrangidos a consagrar nossas vidas ao Seu serviço. E isso é a única evidência da autenticidade de nossa fé” (Charles Hodge comentando 2 Coríntios 5.15).

Leitor, as coisas acima mencionadas são reais em sua própria experiência? Se não, quão indigna e má é sua profissão! “É, portanto, um extraordinário absurdo qualquer um afetar ter um bom coração quando de fato vive uma vida perversa, ou não produz o fruto de santidade universal em sua prática. Homens que vivam nos caminhos do pecado, e, todavia, gabam-se de que irão para o Céu, esperando serem recebidos na vida futura como pessoas santas, sem uma prática santa, agem como se esperassem fazer o seu Juiz de tolo. O que está compreendido no que o apóstolo diz (falando de homens praticando boas obras e vivendo uma vida santa, desse modo evidenciando seu direito à vida eterna), ‘Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará’ (Gálatas 6.7). É o mesmo que dizer, não enganem a si próprios com uma expectativa de colher vida eterna além, se não semeia para o Espírito aqui; é vão pensar que Deus será feito de bobo por você” (Jonathan Edwards em *Religious Affections*).

Aquilo que Cristo requer de Seus discípulos é que O engrandecem e glorifiquem neste mundo, e isso, por viverem de maneira santa e sofrendo pacientemente por Ele. Nada honra mais a Cristo quando aqueles que trazem Seu nome, por santa obediência, tornam manifesto o poder de Seu amor sobre seus corações e vidas. Ao contrário, nenhuma infâmia é tão grande para Ele, nada é mais desonroso a Si, do que aqueles que estão vivendo para agradarem ao eu e que estão conformados a este mundo, disfarçarem sua malignidade sob Seu santo nome. Um cristão é quem toma Cristo por seu exemplo em tudo: por conseguinte, quão grande insulto Lhe é feito por aqueles que alegam ser cristãos cujas vidas cotidianas mostram que não têm respeito por Seu piedoso exemplo. São um fedor às suas narinas; são causa de penoso desgosto aos Seus reais discípulos; são o maior impedimento de todos ao progresso de Sua causa na terra; e, todavia, descobrirão que os mais quentes lugares no Inferno estão reservados para eles. Ó que eles abandonassem seu rumo de auto-satisfação, ou então desistissem de professar o Nome que está acima de todo o nome.

Caso ao Senhor agrade utilizar este artigo para despedaçar a falsa confiança de algumas almas iludidas, e caso elas sinceramente perguntem: então, como eu posso obter uma fé salvífica e genuína?, responderemos: use os meios que Deus prescreve. Quando a fé é o Seu dom, Ele a dá em Sua própria maneira; e se desejamos recebê-la, então temos que nos

por a nós mesmos naquele caminho em que Ele está habituado a comunicá-la. Fé é a obra de Deus, mas Ele não a faz imediatamente, mas através dos canais de Seus meios designados. Os meios prescritos não podem produzir fé de si próprios. Eles não são eficazes a não ser como instrumentos nas mãos dEle, que é a causa original. Ainda que Ele não esteja amarrado a Si Mesmo a eles, todavia Ele nos confiou. Ainda que Ele esteja livre, contudo os meios são necessários para nós.

O primeiro meio é *oração*. “E vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo” (Ezequiel 36.26). Eis uma graciosa promessa, mas de que modo Ele a efetuará, e a outras similares? Escute, “Assim diz o Senhor JEOVÁ: Ainda por isso *me pedirá* a casa de Israel, que lho faça” (Ezequiel 36.37). Clame ardentemente a Deus por um novo coração, por Seu Espírito regenerador, pelo dom da fé salvífica. Oração é uma obrigação universal. Ainda que um incrédulo peque em orar (como em tudo o mais), todavia isso não é um pecado para ele.

O segundo meio é a *Palavra escrita* ouvida (João 17.20; 1 Coríntios 3.5), ou lida (2 Timóteo 3.15). Disse Davi, “Nunca me esquecerei dos teus preceitos, pois por eles me tens vivificado” (Salmo 119.93). As Escrituras são a Palavra de Deus; através delas Ele fala. Então as lemos: pedimos-Lhe que nos fale de vida, poder, livramento, paz, ao nosso coração. Possa Deus dignar-se a adicionar Sua bênção.

## PARTE 3 – VINDO A CRISTO

### *Parte 3 – Vindo a Cristo*

A título de introdução, tragamos perante os leitores as seguintes Escrituras: (1) “Não quereis vir a mim para terdes vida” João 5.40. (2) “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” Mateus 11.28. (3) “Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer” João 6.44. (4) “Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora” João 6.37. (5) “Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E qualquer que não levar a sua cruz, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo” Lucas 14.26,27. (6) “Chegando-vos para ele — pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa” 1 Pedro 2.4. (7) “Portanto pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” Hebreus 7.25.

A primeira dessas passagens aplica-se a cada um dos homens e mulheres não regenerados nesta terra. Enquanto esteja em um estado natural, homem algum pode vir a Cristo. Ainda que todas as excelências, tanto divina quanto humana, sejam achadas no Senhor Jesus, ainda que Ele seja “totalmente desejável” (Cantares 5.16), todavia os filhos caídos de Adão não vêm nEle beleza para que O possam desejar. Eles podem estar bem instruídos na “doutrina de Cristo”, podem acreditar sem hesitação em tudo que a Escritura afirma concernente a Ele, podem freqüentemente pôr Seu nome em seus lábios, professarem estar descansando em sua obra completa, entoarem Seus louvores, todavia estando com seus corações longe dEle. As coisas deste mundo têm a primazia em suas afeições. O contentamento de si mesmo é sua preocupação dominante. Ele é por demais santo para que se conforme ao amor deles pelo pecado; Suas reivindicações são exigentes em demasia para se ajustar aos seus corações egoístas; Seus termos de discipulado muito severos para seus caminhos carnis. Eles *não* se renderão ao Seu Senhorio — o que também era verdade para cada um de nós até Deus executar um milagre de graça sobre nossos corações.

A segunda dessas passagens contém um gracioso convite, feito pelo compassivo Salvador a uma classe particular de pecadores. “Todos” são ao mesmo tempo qualificados, clara e definitivamente, pelas palavras que imediatamente se seguem. O caráter daqueles de quem essa amorosa palavra diz respeito é claramente definidos: são os “cansados” e “oprimidos”. Mais claramente então isso não se aplica à vasta maioria de nossos companheiros frívolos, de corações alegres e amantes dos prazeres, que não tem consideração alguma para com a glória de Deus e nenhuma preocupação acerca de sua ventura eterna. Antes, a palavra para tais pobres criaturas é, “Alegra-te, mancebo, na tua mocidade, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade, e anda pelos caminhos do teu coração, e pela vista dos teus olhos; sabe, porém, que por todas estas coisas te *trará* Deus a juízo” (Eclesiastes 11.9). Mas àqueles que estão muito “cansados” de tentarem guardar a lei e agradar a Deus, que estão “oprimidos”, sentindo a sua total incapacidade de atender às Suas exigências, e que anelam ser libertos do poder e da contaminação do pecado, Cristo diz: “vinde a mim, e eu vos aliviarei”.

A terceira passagem supracitada imediatamente nos conta que “vir a Cristo” *não é* o negócio fácil que tanta gente imagina ser, nem uma coisa tão simples como a maioria dos pregadores a retratam. Em vez disso, o encarnado Filho de Deus positivamente declara que um tal ato é de todo impossível a uma criatura caída e depravada a menos e até que o poder divino seja levado a conduzi-la. Eis uma das palavras que mais humilham o orgulho, que mais fenecem a carne, que mais rebaixam o homem. “Vir a Cristo” é algo de longe, de longe diverso de erguer sua mão para que algum “clérigo” protestante ore por você, vir à frente e pegar a mão de algum evangelista bufarinheiro, assinar algum cartão de “decisão”, unindo-se a alguma “igreja”, ou quaisquer outras das “muitas invenções” (Ec 7.29) do homem. Antes que qualquer um possa ou queira “vir a Cristo” o entendimento deve ser sobrenaturalmente iluminado, o coração deve ser sobrenaturalmente transformado, o obstinado querer deve ser sobrenaturalmente quebrantado.

A quarta passagem é uma também que não é palatável à mente carnal, todavia é uma porção preciosa para os filhos de Deus ensinados pelo Espírito. Ela expõe a abençoada verdade da eleição incondicional, ou da graça discriminadora de Deus. Ela fala de um povo favorecido a quem o Pai deu o Seu Filho. Declara ela que cada um desse abençoado grupo virá a Cristo: nem os efeitos de sua queda em Adão, o poder do pecado residente, o ódio e os incansáveis esforços de Satanás, nem as mentirosas ilusões de pregadores cegos, serão capazes de finalmente o impedir — quando a hora designada por Deus chega, cada eleito Seu é liberto do poder das trevas e transportado para o reino do Filho do Seu amor. Ela anuncia que cada um dos tais que vem a Cristo, não importa quão indigno e vil ele seja em si mesmo, não importa quão negro e longo o enorme catálogo de seus pecados, Ele de modo algum os despreza ou falha em os acolher com alegria, e sob nenhuma circunstância Ele o lançará fora.

A quinta passagem é uma que nos faz conhecidos os únicos termos nos quais Cristo está disposto a receber pecadores. Aqui as inflexíveis reivindicações de Sua santidade são exibidas. Ele deve ser coroado Senhor de tudo, ou Ele não será Senhor de modo algum. Deve haver a completa renúncia de coração a tudo o que se põe em competição com Ele. Não tolerará Ele rival algum. Tudo o que pertence “à carne”, seja encontrado em um ente querido, seja em si mesmo, deve ser aborrecido. A “cruz” é a insígnia do discipulado cristão: não uma dourada utilizada no corpo, mas o princípio de renúncia própria e auto-sacrifício governando o coração. Quão evidente o é, então, que uma poderosa e sobrenatural obra da graça divina *deve* ser trabalhada no coração humano, caso algum homem *deseje* mesmo satisfazer a tais termos!

A sexta passagem conta-nos que o cristão deve *continuar como começou*. Nós temos que “vir a Cristo” não de uma vez por todas, mas com freqüência, diariamente. Ele é o Único somente que pode ministrar às nossas necessidades, e a Ele devemos constantemente voltar para o suprimento delas. Em nosso sentimento de vazio, devemos tirar de sua “plenitude” (João 1.16). Em nossa fraqueza, devemos voltar a Ele para obtenção de vigor. Em nossa ignorância devemos buscar outra vez Sua purificação. *Tudo* que precisamos para esse tempo e a eternidade está guardado nEle: alívio quando estamos cansados (Isaías 40.31), cura do corpo quando estamos enfermos (Êxodo 15.26), conforto quando estamos tristes (1 Pedro 5.7), livramento quando somos tentados (Hebreus 2.18). Se temos vagado para longe dEle, deixado nosso primeiro amor, então o remédio é “arrepende-te, e pratica as primeiras obras” (Apocalipse 2.5), ou seja, lancemo-nos a Ele de novo, venhamos exatamente como da primeira vez que fomos a Ele — como indignos, pecadores confessos, indo atrás de Sua misericórdia e perdão.

A sétima passagem assegura-nos da segurança eterna daqueles que vêm mesmo. Cristo salva “perfeitamente” ou “para sempre” aqueles que vêm a Deus por Ele. Ele não tem uma opinião hoje e outra amanhã. Não, Ele é “o mesmo ontem, e hoje, e eternamente” (Hebreus 13.8). “Como havia amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (João 13.1), e abençoadamente Ele dá sim prova disso, “vivendo sempre para interceder por eles”. Visto que *Suas* orações são eficazes, pois Ele declara que o Pai “sempre” O ouve (João 11.42), nenhum cujo nome esteja indelevelmente estampado no coração de nosso grande Sumo Sacerdote pode jamais perecer. Aleluia!

Tendo procurado assim introduzir alguns dos principais aspectos do assunto o qual nos ocupa a atenção, propomo-nos agora a entrar em certos detalhes conforme ao Espírito da Verdade agrade nos conceder sua mui necessária assistência. Consideremos alguns dos obstáculos para se vir a Cristo.

## 6. *Obstáculos Para Vir A Cristo*

Sob esse título esforçar-nos-emos por mostrar *porque* o homem natural é *incapaz* de “vir a Cristo”. Como ponto de partida citemos novamente João 6.44, “Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trouxer”. A razão pela qual “duro é esse discurso”, até mesmo para milhares que professam ser cristãos, é que eles fracassam completamente em compreender o terrível estrago que a queda provocou; e, o que é pior, eles mesmos não se dão conta da “chaga” que existe nos seus próprios corações (1 Reis 8:38). Certamente se o Espírito já os tivesse despertado do sono da morte espiritual, e lhes dado ver alguma coisa do pavoroso estado em que estão por natureza, e feito sentir que *suas* “mentes carnis” são “inimizade contra Deus” (Rm. 8.7), então eles não mais discordariam dessa solene palavra de Cristo. Mas aquele que está espiritualmente morto não pode ver nem sentir espiritualmente.

Onde reside a total incapacidade do homem natural?

1. *Ela não está na falta das faculdades necessárias.* Isso tem de ser bastante enfatizado, do contrário o homem caído deixaria de ser uma criatura responsável. Mesmo que os efeitos da queda tenham sido terríveis, eles não privaram o homem de nenhuma das faculdades que Deus originalmente lhe concedeu. É verdade que o pecado tirou do homem a capacidade de utilizar essas faculdades corretamente, ou seja, empregá-las para a glória do Criador. Entretanto, o homem caído possui ainda a mesma natureza, corpo, alma e espírito, que tinha antes da Queda. Nenhuma parte do ser do homem foi aniquilada, ainda que cada uma tenha sido contaminada e corrompida pelo pecado. De fato, o homem morreu espiritualmente, mas a morte não é a extinção do ser (aniquilação) — morte espiritual é a *alienação de Deus* (Ef. 4.18). Aquele que é espiritualmente morto está bem vivo e ativo no serviço de Satanás.

A incapacidade do homem caído (não regenerado) de vir a Cristo não reside em nenhum defeito físico ou mental. Ele tem o mesmo pé para levá-lo tanto a um local onde o Evangelho é pregado, como para caminhar até um cinema. Ele possui os mesmos olhos que podem lhe servir para ler tanto as Escrituras Sagradas como os jornais mundanos. Ele tem os mesmos lábios e voz para clamar a Deus os quais usa agora em conversas fiadas e em canções ridículas. Assim, também, possui as mesmas faculdades mentais para ponderar sobre as coisas de Deus e sobre a eternidade, as quais ele utiliza tão diligentemente nos seus negócios. É por causa disso que o homem é “indesculpável”. É o *mau uso* das faculdades que o Criador lhe concedeu que aumenta a sua culpa. Que cada servo de Deus veja que essas coisas pesam constantemente sobre os seus ouvintes não convertidos.

2. Nós temos de ir bem mais a fundo se quisermos encontrar a fonte da impotência espiritual do homem. Sua incapacidade está *na sua natureza corrupta*. Devido à queda de Adão, e por causa do nosso próprio pecado, a nossa natureza se tornou tão corrompida e depravada que é impossível para qualquer homem “vir a Cristo”, amá-LO e servi-LO, estimá-LO mais que tudo neste mundo e submeter-se a Ele, até que o Espírito de Deus o regenere e implante nele uma nova natureza. A fonte amarga não pode jorrar água doce, nem a árvore má produzir bons frutos. Deixe-me tentar explicar isso melhor através de uma ilustração. É da natureza de um urubu alimentar-se de carniça; no entanto, ele tem os mesmos órgãos e membros que lhe permitiriam comer grãos, como fazem as galinhas, mas ele não possui nem a disposição nem o apetite para tal alimento. É da natureza da porca o chafurdar na lama; e



apesar dela possuir pernas como a ovelha para levá-la à campina, lhe falta, entretanto, o desejo por pastos verdejantes. Assim acontece com o homem não-regenerado. Ele tem as mesmas faculdades físicas e mentais que o homem regenerado possui para empregar no serviço e nas coisas de Deus, mas não tem amor por elas.

“Adão... gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem” (Gn. 5:3). Que terrível contraste há aqui com o que lemos dois versículos antes: “... Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez”. No intervalo entre esses dois versos, o homem caiu, e um pai caído pode gerar somente um filho caído, transmitindo-lhe a sua própria depravação. “Quem da imundícia poderá tirar coisa pura? (Jó 14:4). Por isso nós encontramos o salmista de Israel declarando, “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe” (Sl. 51:5). No entanto, apesar de por natureza Davi ser um monte de iniquidade e pecado (como também somos nós), mas tarde a graça fez dele o homem segundo o coração de Deus. Desde que idade essa corrupção da natureza aparece nas crianças? “Até a criança se dá a conhecer pelas suas obras” (Pv. 20:11). A corrupção do seu coração logo se manifesta: orgulho, vontade própria, vaidade, mentira, aversão ao que é bom, são frutos amargos que cedo brotam no novo, mas corrupto, ramo.

3. A incapacidade do homem está na *completa escuridão em que se encontra o seu intelecto*. Essa importante faculdade da alma foi destituída da sua glória original, e coberta de confusão. Tanto a mente como a consciência estão corrompidas: “Não há quem entenda” (Rm. 3:11). O apóstolo solenemente lembra os santos, “Pois outrora éreis trevas” (Ef. 5:8), não somente estavam “em trevas”, mas eram as próprias “trevas”. O pecado fechou as janelas da alma e a escuridão se estende por todo o lugar: ela é a região das trevas e da sombra da morte, onde a luz é como a escuridão. Lá reina o príncipe das trevas, onde não se pratica nada além das obras das trevas. Nós nascemos espiritualmente cegos, e não podemos ter essa visão restaurada sem um milagre da graça. Esse é o seu caso quem quer que você seja, se ainda não nasceu de novo” (Thomas Boston, 1680). “São filhos sábios para o mal, e não sabem fazer o bem” (Jr. 4:22).

“O pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar” (Rm 8.7). Existe no homem não regenerado *uma oposição* e aversão pelas coisas espirituais. Deus revelou a Sua vontade aos pecadores no tocante ao caminho da salvação, contudo eles não trilharão esse caminho. Eles sabem que somente Cristo é capaz de salvá-los, no entanto eles recusam se separar das coisas que obstruem o seu caminho até a Ele. Eles ouvem que é o pecado que mata a alma, no entanto o afagam em seu peito. Eles não dão ouvidos às ameaças de Deus. Os homens acreditam que o fogo há de consumi-los, e estão em grande tormento para evitá-lo; contudo, mostram com suas ações que consideram as chamas eternas como se fossem um mero espantinho. O mandamento divino é "santo, justo e bom", mas o homem o odeia, e só o observa enquanto a sua respeitabilidade é promovida entre os homens.

4. A incapacidade do homem natural para “vir a Cristo” está na *completa corrupção dos seus sentimentos*. “O homem, no estado em que se encontra, antes de receber a graça de Deus, ama tudo e qualquer coisa que não seja espiritual. Se você quiser uma prova disso, olhe ao seu redor. Não há necessidade de nenhum monumento à depravação dos sentimentos humanos. Olhe por toda parte. Não há uma rua, uma casa, e não somente isso, nenhum coração, que não possua uma triste evidência dessa terrível verdade. Por que no Dia do Senhor o homem não é encontrado congregando-se na casa de Deus? Por que não nos achamos mais freqüentemente lendo nossas Bíblias? O que acontece para a oração ser um

dever quase que totalmente negligenciado? Por que Jesus Cristo é tão pouco amado? Por que até mesmo os seus seguidores professos são tão frios em seus sentimentos para com Ele? De onde procedem essas coisas? Seguramente, caros irmãos, nós não podemos creditá-las a outra fonte que não a corrupção e a perversão dos sentimentos. Nós amamos o que deveríamos odiar, e odiamos o que deveríamos amar. Não é outra coisa senão a natureza humana caída que nos faz amar esta vida mais do que a vida por vir. É um efeito da Queda o fato do homem amar o pecado mais que a justiça, e os caminhos do mundo mais que os caminhos de Deus”. (C.H. Spurgeon, Sermão sobre João 6.44).

Os sentimentos do homem não regenerado são totalmente depravados e desordenados. “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e *desesperadamente corrupto*” (Jr. 17:9). O Senhor Jesus afirmou solenemente que os sentimentos do homem caído (não regenerado) são a fonte de toda abominação: “Porque de dentro do coração do homem [não do Diabo!], é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, a malícia, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura” (Mc. 7:21,22). “Os sentimentos do homem natural estão miseravelmente deformados, ele é um monstro espiritual. O seu coração se encontra onde deveriam estar os seus pés, seguro ao chão; seus calcanhares estão levantados contra os Céus, para onde deveria estar posto o seu coração (At. 9:5). Sua face está voltada para o inferno; por isso Deus o chama para converter-se. Ele se alegra com o que deveria entristecê-lo, e se entristece com o que deveria alegrá-lo; se gloria com a vergonha, e se envergonha da sua glória; abomina o que deveria desejar, e deseja o que deveria abominar (Provérbios 2.13-15)” (Extraído do livro *Fourfold State*, de Boston).

5. Sua incapacidade está *na total perversão da sua vontade*. “O homem pode ser salvo se ele quiser”, diz o arminiano. Nós lhe respondemos, “Meu caro senhor, nós todos cremos nisso; mas essa é que é a dificuldade — *se ele quiser*”. Nós afirmamos que nenhum homem *deseja* vir a Cristo por sua própria vontade; não, não somos *nós* que o dizemos, mas *Cristo* mesmo declara: “Contudo não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo. 5:40); e enquanto esse “não quereis vir” estiver registrado nas Escrituras nós não podemos ser levados a crer em nenhuma doutrina do livre arbítrio. “É estranho como as pessoas, quando falam sobre livre arbítrio, falam de coisas das quais nada compreendem. Um diz ‘Ora, eu creio que o homem pode ser salvo se ele quiser’. Mas essa não é toda a questão. O problema é: é o homem naturalmente disposto a se submeter aos termos do Evangelho de Cristo? Afirmamos, com autoridade bíblica, que a vontade humana é tão desesperadamente dada ao engano, tão depravada, e tão inclinada para tudo que é mau, e tão avessa a tudo aquilo que é bom, que sem a poderosa, sobrenatural e irresistível influência do Espírito Santo, nenhum homem nunca será constringido a buscar a Cristo” (C.H. Spurgeon).

“Há uma corda de três dobras contra o céu e a santidade, que não é fácil de ser rompida; um homem cego, uma vontade pervertida, e um sentimento desordenado. A mente, inchada pela vaidade, diz que o homem não deve se humilhar; a vontade, inimiga da vontade de Deus, diz: ele não quer; as emoções corrompidas levantando-se contra o Senhor, em defesa da vontade corrompida diz: ele não irá. Assim a pobre criatura permanece irreduzível contra Deus, até o dia do Seu poder, quando é feito nova criatura” (Thomas Boston). Pode ser que alguns leitores estejam inclinados a dizer: “ensinamentos como estes desencorajam pecadores e os levam ao desespero”. Nossa resposta é: Primeiro, eles estão de acordo com a Palavra de Deus! Segundo, esperamos que Ele se agrade em usar essas verdades para levar alguns a desesperarem-se de qualquer ajuda que possam encontrar neles mesmos. Terceiro, esse ensino manifesta a absoluta necessidade da obra do Espírito Santo nessas criaturas

depravadas e espiritualmente impotentes, se algum dia vierem salvificamente a Cristo. Então, até que isso seja claramente entendido, o Seu auxílio nunca será *realmente* buscado.

Há algumas almas grandemente agoniadas e perplexas por saber o que exatamente significa “vir a Cristo”. Elas lêem e ouvem as palavras com freqüência, e talvez muitos pregadores as tenham convidado para “vir a Ele”, todavia sem dar uma explicação escriturística da conotação daquele termo. Aqueles que têm sido despertados pelo Espírito, mostrada sua funesta condição, convencidos de sua voluntária e duradoura rebelião contra Deus, e levados a perceberem sua horrenda necessidade de Cristo, e que estão verdadeiramente ansiosos de virem salvificamente a Ele, têm descoberto ser isso uma tarefa totalmente além de seu poder. Seu brado é, “Ah se eu soubesse que o poderia achar! Então me chegaria ao seu tribunal” (Jó 23.23). Verdade, não há muitos que passem por uma tal experiência, pois o “rebanho” de *Deus* é “pequeno” (Lucas 12.32). Verdade, a imensa maioria dos cristãos professantes alega que descobriu que “vir a Cristo” é um negócio muito simples. Mas à clara luz de João 6.44 devemos certificar-lhe, prezado leitor, que se *você* acha que o “vir a Cristo” seja fácil, então isso é prova de que você *nunca* veio a Ele de todo de modo espiritual e salvífico.

O que, então, se quer dizer por “vir a Cristo”? Em primeiro lugar, e negativamente, seja assinalado que *não* é um ato que desempenhamos por qualquer um dos membros do nosso corpo. Isso é tão óbvio que não deveria haver necessidade de termos de fazer tal declaração. Mas nesses pavorosos dias de ignorância espiritual e perversão carnal das coisas santas de Deus, explicar os mais elementares termos e verdades é de fato requerido. Quando tantas almas preciosas estão iludidas pensando que ir à frente para o “banco dos afligidos” ou “dos penitentes”<sup>7</sup>, ou o pegar a mão de algum pregador, é a mesma coisa que vir a Cristo, não ousamos nos omitir de definir esse termo aparentemente simples, nem ignorar a necessidade de apontar o que ele não significa.

Em segundo lugar, a palavra “vir”, quando usada nessa conexão, é *metafórica*: quer dizer, uma palavra que expressa um ato do corpo é transferida à alma, para denotar sua ação. “Vir a Cristo” significa o movimento de uma mente iluminada pelo Espírito em direção ao Senhor Jesus — como Profeta, para ser instruída por Ele; como Sacerdote, em cuja expiação e intercessão confia; como Rei, para ser por Ele governada. Vir a Cristo implica um voltar às costas ao mundo, e um retornar a Ele como nossa única Esperança e Porção. É um sair do eu para que não mais descanse em qualquer coisa de si própria. É o abandonar de cada ídolo e de todas as outras coisas de que se depende, o coração saindo para Ele em amante submissão e confiante fé. É a vontade rendendo-se a Ele como Senhor, pronta para aceitar Seu jugo, tomar sua cruz, e segui-Lo sem reservas.

“Vir a Cristo” é a alma toda se voltando para Cristo todo no exercício da graça divina sobre Ele; é a mente, o coração e o querer sendo sobrenaturalmente atraídos a Ele, para que confie, ame e sirva a Ele. “É da obrigação e do interesse dos pecadores cansados e oprimidos ‘virem a Jesus Cristo’ — renunciando a tudo o que está em oposição ou competição com Ele;

<sup>7</sup> O autor se refere a uma prática introduzida por Charles G. Finney no evangelicalismo americano no século XIX: ao fim da pregação, o ‘evangelista’, na pretensão de reforçar o que acabara de expor, passava a insistir com fortes apelos àqueles movidos ou influenciados pela mensagem para que ‘fossem à frente’ e se sentassem na primeira fileira do templo, reservada àqueles que queriam ou estavam a ponto de ‘aceitar a Cristo’ como Salvador (sic). Foi o hiperarminianista Finney quem primeiro apareceu com a controvertida estratégia de lançar tais tipos de convites ao pecador e pressioná-lo do púlpito para fazer uma ‘decisão’ por Jesus, na parte final da prédica, bem conhecida dos evangélicos brasileiros, trazida que foi da América do Norte por muitos dos primeiros missionários protestantes que chegaram ao País (N. do T.).

devemos aceitá-Lo como nosso Médico e Advogado, e entregarmo-nos à sua direção e governo, livremente desejando sermos salvos por Ele, em Seu próprio caminho, e em Seus próprios termos” (Matthew Henry). Antes de prosseguirmos, imploramos ardentemente a cada leitor que, com oração e cuidado, teste e meça a si mesmo pelo que foi dito neste e no parágrafo precedente. Não tome nada por certo: se tiver apreço por sua alma, busque auxílio divino para se assegurar que *de fato* “vem a Cristo”.

No presente, há um “cristo” de *madeira* católico e um “cristo” de *palavras* dos falsos pregadores<sup>8</sup>; porém Cristo Jesus, nosso Senhor, é “Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da Paz” (Isaías 9.6). O Cristo de Deus enche o céu e a terra: Ele é Um por quem todas as coisas existem e consistem. Está assentado à destra da Majestade nas alturas, tendo todo poder, domínio, e força. Feito mais elevado que os céus, e a Ele todos os poderes e principados estão sujeitos. À Sua presença tanto a terra e os céus fugirão. Um tal Cristo não é nem para ser oferecido nem proferido, vendido ou dado por homens pecadores. Ele é o inefável Dom do Pai para tantos quanto Ele ordenou à vida eterna, e para ninguém mais. Esse Cristo, esse Dom do Pai, é sobrenaturalmente revelado e aplicado aos herdeiros da salvação pelo Espírito Santo, quando, onde, e como a Ele agrada; e não quando, onde e como apraza o homem.

No artigo precedente detivemo-nos detalhadamente naquelas palavras de Cristo em João 6.44, “ninguém pode vir a mim”, procurando mostrar a natureza da impotência espiritual da criatura caída, ou por que o não regenerado é incapaz de vir a Cristo de uma forma espiritual e salvífica. Ponderemo-nos agora no restante da frase de nosso Senhor: “se o Pai que me enviou o não trouxe”. Do que consiste esse “trazer”? Primeiro respondemos, exatamente como nosso “vir a Cristo”, que não se refere a qualquer ação corporal; assim, também esse divino “trazer” não diz respeito ao emprego de qualquer força externa. Segundo, trata-se de um poderoso impulso manifestado pelo Espírito Santo nos eleitos, pelo qual a impossibilidade inata de executar ações espirituais é superada, e uma capacidade para tal é comunicada. É a secreta e eficaz operação do Espírito sobre a alma humana que a capacita e leva a vir a Cristo. Isso nos leva para a nossa próxima divisão.

---

<sup>8</sup> O autor faz um trocadilho com ‘wood’ (madeira) e ‘word’ (palavra), impossível de ser reproduzido em português (N. do T.).

## 7. *Vindo a Cristo com o nosso Entendimento*

1. *Um conhecimento de Cristo é essencial.* Não pode haver movimento algum em direção a um objeto desconhecido. Ninguém pode obedecer a uma ordem até que esteja familiarizado com seus termos. Um sustentáculo deve ser enxergado antes que nele se apóie. Devemos ter alguma familiaridade com uma pessoa antes que se a ame ou nela se confie. Tal princípio é tão óbvio que não necessita de maior discussão. Aplique-o ao caso em tela, o assunto diante de nós: o conhecimento de Cristo tem de necessariamente preceder nossa crença nEle ou nossa vinda a Ele. “Como crerão naquele de quem não ouviram?” (Romanos 10.14). “É *necessário* que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam<sup>9</sup>” (Hebreus 11.6). Ninguém pode vir a Cristo enquanto estiver ignorante a Seu respeito. Como foi na antiga criação, assim o é na nova. Deus primeiro diz, “Haja luz”.

2. *Tal conhecimento de Cristo vem à mente pelas Sagradas Escrituras.* Ninguém pode ser conhecido dEle exceto aqueles a quem a Deus aprovou revelar concernente Àquele na Palavra da Verdade. É lá somente que a verdadeira “doutrina de Cristo” (2 João 9) deve ser encontrada. Por isso nosso Senhor deu mesmo o mandamento<sup>10</sup>, “Examinai as Escrituras... são elas que de mim testificam” (João 5.39). Quando Ele repreendeu os dois discípulos por serem tardos de coração para crer, é-nos dito que “começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras” (Lucas 24.27). Os Oráculos Divinos são designados “a palavra de Cristo” (Colossenses 3.16) porque Ele é a substância deles. Onde as Escrituras não circulam, Cristo é desconhecido: isso é prova clara de que familiaridade com Ele não pode ser ganha fora do testemunho inspirado daquelas.

3. *Um conhecimento teórico de Cristo não é suficiente.* Nesse ponto devemos nos estender em maior medida, pois muita ignorância referente a isso prevalece atualmente. Um conhecimento mental acerca de Cristo é mui freqüente e erradamente considerado como ter relacionamento com Ele. Mas ortodoxia não é salvação. Um julgamento carnal acerca de Cristo, um mero conhecimento intelectual sobre Ele, nunca trará um pecador morto ao Seu pé: deve haver uma experiência viva — a palavra e a obra<sup>11</sup> de Deus juntas se encontrando na alma, renovando e penetrando. Como 1 Coríntios 13.2 tão clara e solenemente nos avisa, posso ter o dom de profecia, entender todos os mistérios e deter todo o conhecimento, todavia, se não tiver amor, então não sou nada. Exatamente como o cego pode, com labor e diligência, adquirir um acurado saber teórico e concepções imaginárias de muitos assuntos e objetos os quais nunca viu, assim o homem natural pode, com educação religiosa e esforço

<sup>9</sup> Mais uma vez, a tradicional versão inglesa King James foi mais feliz aqui que a edição de João Ferreira de Almeida, ao traduzir *εκζητουσιν* por ‘diligently seek’, isto é, ‘diligentemente buscar’, o que é mais fiel ao sentido original do termo grego (‘buscar cuidadosamente, diligentemente’, segundo A. H. Strong) (N. do T.).

<sup>10</sup> Os eruditos discutem entre si se Jo 5.39 está no indicativo ou no imperativo: ou seja, se Jesus está apenas constatando que os religiosos de sua época perscrutavam as Escrituras de então e, no entanto, mostravam-se incapazes de ver nEle o Messias prometido; ou se, antes, estaria convidando a que examinassem o Livro Santo para descobrirem que de fato Ele Jesus era “o Cristo que havia de vir”. Isso porque o texto original, a princípio, permite esses dois sentidos indistintamente. A ‘Authorized Version’ inglesa, utilizada aqui pelo autor, optou pelo imperativo, ao passo que as edições portuguesas de Almeida ficaram pela outra tradução (embora a variante Revista e Atualizada, no rodapé, alerte para a outra possibilidade). O contexto, entretanto, favorece mais a interpretação de que o Mestre estava realmente fazendo uma constatação, e não instando os obstinados e cegos legistas de sua época a que reexaminassem seus pontos de vista, como bem o entendeu a versão de João Ferreira de Almeida (N. do T.).

<sup>11</sup> Outro jogo de palavras: ‘word’ (palavra) e ‘work’ (obra) (N. do T.).



peçoal, obter um saudável conhecimento doutrinário da pessoa e obra de Cristo, sem ter qualquer familiaridade espiritual ou vital com Ele.

Nem toda espécie de conhecimento, mesmo da Verdade de Deus e de Seu Cristo, é eficaz e salvífico. Há uma *forma* de conhecimento, tanto quanto de piedade, que é destituída de poder — “que tens a forma da ciência e da verdade na lei” (Romanos 2.20). A referência é aos judeus, que foram instruídos nas Escrituras, e consideravam a si mesmos bem qualificados para ensinar outros; todavia a Verdade não estava escrita em seus corações pelo Espírito Santo. Uma “*forma da ciência*” significa que havia um modelo dela em seus cérebros, de modo que eram aptos para discursar livre e fluentemente sobre as coisas divinas, contudo sem a vida de Deus em suas almas. Ó que tantos tenham um entendimento *da* salvação, todavia não um entendimento *para* a salvação, na forma como o apóstolo o distingue em 2 Timóteo 3.15 — um tal conhecimento como o último deve ser comunicado à alma pela obra miraculosa da operação do Espírito Santo.

“Avançam de malícia em malícia, e a *mim me não conhecem*, diz o Senhor” (Jr 9.3). De quem se falava — dos pagãos que não tinham qualquer revelação escrita vinda dEle? Não, de Israel, que tinha Sua lei em suas mãos, Seu templo em seu meio, Seus profetas falando a eles. Eles haviam sido favorecidos com muitas e prodigiosas manifestações de sua majestade, santidade, poder e misericórdia; todavia, ainda que tivessem muito conhecimento intelectual dEle, eram-Lhe estrangeiros espiritualmente. Assim o foi quando o Filho de Deus Se encarnou. Quanta luz *natural* tinham concernente a Ele: testemunharam Sua vida perfeita, viram Seus extraordinários milagres, ouviram Seus ensinamentos sem igual, estiveram freqüentemente em Sua presença; entretanto, ainda que a Luz brilhasse nas trevas, “as trevas não a compreenderam” (João 1.5). Assim é no presente. Leitor, você pode ser um diligente estudante do Novo Testamento, estar totalmente familiarizado com os tipos e profecias do Antigo Testamento, crer em tudo o que as Escrituras dizem sobre Cristo, e sinceramente ensiná-las a outros, e, contudo, ser você mesmo um estranho a Ele espiritualmente.

“Aquele que não nascer de novo, não pode *ver* o reino de Deus” (João 3.3), o que significa que os não regenerados são inteiramente incapazes de discernirem as coisas de Deus espiritualmente. Verdade, podem “*vê-las*” de uma maneira natural: podem investigar e mesmo admirá-las teoricamente, mas recebê-las de um modo experimental e vital, não. Como essa distinção é de uma tão grande importância, e, todavia, tão pouco conhecida hoje em dia, esforcemo-nos para ilustrá-la. Suponha um homem que nunca tenha ouvido música alguma: outros lhes dizem de sua beleza e encanto, e ele decide fazer um cuidadoso estudo. Tal homem pode familiarizar-se por completo com a arte da música, aprender todas as regras da arte, de forma a entender as suas proporções e harmonia; mas quão diferente é escutar a um grande oratório — o ouvido agora entendendo o que antes a mente conhecia somente em teoria! Ainda maior é a diferença entre um conhecimento natural e espiritual das coisas divinas.

O apóstolo declarou, “falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério” (1 Coríntios 2.7). Ele não apenas afirmou que fosse um mistério em si mesma, mas ainda que é falada “em mistério”. E por que é assim? Porque o não regenerado, mesmo quando é falado em seu ouvido, sim, quando é claramente apreendido por eles em um modo ideal, todavia, nem sabem nem apreendem o mistério que nele está. Provérbios 9.10 declara: “a ciência do santo [é] a prudência” — não há verdadeiro entendimento das coisas divinas a não ser a “ciência do santo”. Todo cristão de fato tem um conhecimento disso, o qual é experimental, pessoal e vital, o qual nenhum homem carnal o possui, nem pode obter, não importa quão



diligentemente ele o estude. Se vejo a figura de um homem, tenho uma imagem dele em minha mente que é correspondente àquela figura; mas se vejo o mesmo, quão diferente é a imagem dele que é então formada em minha mente. Muito maior ainda é a diferença entre Cristo conhecido nas Escrituras e Cristo revelado “em mim” (Gálatas 1.16).

4. *Tem que haver um conhecimento espiritual e sobrenatural de Cristo concedido pelo Espírito Santo.* É o que se tem em vista em 1 João 5.20: “sabemos que já o Filho de Deus é vindo, e nos deu entendimento para conhecermos o que é verdadeiro”. A capacidade deve ser condizente com o objeto ou sujeito conhecido. O entendimento natural é capaz de aceitar Cristo e conhecê-Lo de uma modo também natural, entretanto a ordem é “vos renoveis no espírito do vosso sentido” (Efésios 4.23) para que podeis conhecer a Cristo espiritualmente. Deve haver uma obra sobrenatural da graça operada sobre a mente pelo Espírito antes que possa haver qualquer apreensão interior ou espiritual da pessoa espiritual e sobrenatural de Cristo. Isso é o verdadeiro e salvífico conhecimento de Cristo que fulmina as afeições, santifica a vontade, e eleva a mente para que se fixe espiritualmente na Rocha dos séculos. É *esse* conhecimento dEle que é a “vida eterna” (João 17.3). É *esse* conhecimento que produz fé em Cristo, amor e submissão a Ele. É *esse* conhecimento que leva a alma a verdadeiramente e com gozo excluir, “A quem tenho eu no céu senão a ti? e na terra não há quem eu deseje além de ti” (Salmo 73.25).

“Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia” (João 6.44). É pela secreta e eficaz operação do Espírito que o Pai traz cada eleito Seu a um conhecimento salvífico de Cristo. Tais operações do Espírito começam pela Sua iluminação do entendimento, renovando a mente. Observe cuidadosamente a ordem em Ezequiel 37.14, “E porei em vós o meu espírito, e vivereis... e [então] *sabereis* que eu, o Senhor, disse isto”. Nenhum pecador jamais vem a Cristo até que o Espírito Santo primeiramente venha a ele! E pecador algum crerá salvificamente em Cristo até que o Espírito comunique fé a ele (Efésios 2.5; Colossenses 2.12); e até que isso ocorra, fé é antes um olho para *discernir* a Cristo que um pé para dEle se *aproximar*. Não pode haver nenhum ato sem um objeto, e não pode existir nenhum exercício de fé em Cristo até que Ele seja visto em Sua excelência, suficiência, e adequação a pobres pecadores. “E em ti *confiarão* (não “deverão confiar”) os que conhecem o teu nome” (Salmo 9.10). Mas outra vez, dizemos, esse conhecimento deve ser aquele espiritual e miraculoso comunicado pelo Espírito.

O próprio Espírito, e não meramente um pregador, deve tomar das coisas de Cristo e mostrá-las ao coração. É somente na “luz” *de Deus* que verdadeiramente “veremos a luz” (Salmo 36.9). O abrir dos olhos precede a conversão do pecador de Satanás para Deus (Atos 26.18). A luz do sol é vista primeiro irrompendo no alvorecer do dia, para depois seu calor ser sentido. É aqueles que “vêm” o Filho com um entendimento sobrenaturalmente iluminado que “crêem” nEle com uma fé espiritual e salvífica (João 6.40). Nós *contemplamos*, como por espelho, a glória do Senhor, antes que sejamos *transformados* em sua própria imagem (2 Coríntios 3.18, ARA). Repare que na ordem de Romanos 3.11, “não há ninguém que entenda”, vem antes de “não há ninguém que busque a Deus”. O Espírito deve lançar Sua luz sobre o entendimento, luz essa que traz a real imagem das coisas espirituais de um modo espiritual à mente, formando-as na alma; muito semelhante a uma chapa fotográfica sensível que recebe da luz as imagens às quais nela se expõem. Tal é “*demonstração* de Espírito e de poder” (1 Coríntios 2.4).

5. *Como que tal conhecimento espiritual e vital pode ser distinguido de um meramente teórico e ideal?* Por seus efeitos. Aos tessalonicenses Paulo escreveu, “Porque o

nosso evangelho não foi a vós *somente em palavras*, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza” (1 Tessalonicenses 1.5), o qual está parcialmente explicado no verso que segue, “recebendo a palavra em muita aflição, com gozo do Espírito Santo”. O Espírito dera àquela Palavra uma eficácia tal que nenhum poder lógico, retórico ou persuasivo dos homens o poderia fazer. Ela golpeara a consciência, abrira as feridas que o pecado havia feito, expusera suas chagas supuradas. Havia penetrado mesmo na divisão da alma e do espírito. Havia destruído a boa opinião que nutriam por si próprios. Fizera-os sentir a ira de Deus acendendo-se contra eles. Levava-os a seriamente questionar se a desgraçados tais seria possível encontrar misericórdia nas mãos de um santo Deus. Comunicara a eles fé para procurarem o grande médico das almas. Dera-lhes um tal gozo, gozo tal de que este pobre mundo nada sabe.

A luz a qual o Espírito comunica ao entendimento é plena de eficácia, ao contrário daquela que os homens adquirem através de seus estudos. A água mineral comum e a forte são semelhantes em cor, mas diferem muito em sabor e virtude. Um homem carnal pode adquirir um conhecimento teórico de tudo o que um homem espiritual sabe vitalmente, todavia é ocioso e estéril “no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo” (2 Pedro 1.8). A luz que ele possui é ineficaz, pois não purifica seu coração, não renova sua vontade, nem transforma sua vida. O conhecimento mental da verdade divina, o qual é tudo o que multidões dos cristãos professos de nossos dias têm, não tem mais influência sobre seu caminhar para a santidade prática, do que se estivesse ele armazenado nos cérebros de alguns outros homens. A luz a qual o Espírito dá, humilha e abate aquele que a recebe; o conhecimento que é adquirido pela educação e pelos esforços pessoais, leva ao orgulho e à presunção.

Um conhecimento espiritual e salvífico de Cristo sempre constringe a alma à obediência em amor. Mal a luz de Cristo brilhou no coração de Paulo, ele de imediato perguntou, “Senhor, que queres que faça?” (Atos 9.6). Dos colossenses o apóstolo declarou, “[o Evangelho] que já chegou a vós... vai frutificando... desde o dia em que ouvistes e conhecestes a graça de Deus em verdade” ou “em realidade” (Colossenses 1.6). Porém, um mero conhecimento intelectual da verdade é mantido “em injustiça” (Romanos 1.18). Seus possuidores são zelosos em discutir e sofismar sobre isso, e em olhar com desdém todos os que não são tão sábios quanto eles; todavia, as suas *vidas* freqüentemente o levam à vergonha. Um conhecimento salvífico de Cristo faz com que a alma o estime tanto a ponto de reputar tudo o mais por esterco em comparação com Sua excelência; a luz de Sua glória eclipsa completamente tudo que é do mundo. Mas um conhecimento meramente doutrinário de Cristo não produz nenhum desses efeitos: enquanto seus possuidores podem entoar seus louvores em alta voz, todavia seus corações estão ainda cobiçando e ardentemente perseguindo as coisas sensuais e temporais.

O homem natural pode saber a verdade das coisas de Deus, mas não essas em si mesmas. Ele pode compreender as Escrituras de uma ponta a outra na letra, mas não no seu espírito<sup>12</sup>. Ele pode discursar sobre elas de uma maneira sã e ortodoxa, mas não

<sup>12</sup> Na verdade, 2 Co 3.6 não está se referindo à oposição entre a “letra” e o “espírito” dos textos sagrados, aos quais não se deveria ater em demasia no exame criterioso, metódico e objetivo de seu real sentido, mas antes buscar sempre seu significado místico e oculto, como o pretendem os carismáticos de nossos dias. Ali, faz-se antes alusão à Lei Mosaica, como se depreende do contexto do capítulo terceiro (cf. Rm 7.6-13), sempre tendo em vista o necessário rigor exegético para com o conteúdo do Livro Santo. Isto é, Paulo Apóstolo explica que a Lei trazia a sentença de morte a todos os que não a cumprissem estritamente (v. também Tg 2.10,11) — e esse é o caso de todos os que vêm ao mundo: Ec 7.20,29; Rm 5.12 —, ao passo que o Espírito Santo, que opera a regeneração (Jo 3.3-7; Gl 4.4-7 etc.), produz uma nova vida (ainda Gl 6.15), que torna o ser humano apto a

diferentemente daquele que *fala sobre* mel e vinagre, mas que nunca provou da doçura de um e do azedume de outro. Há centenas de pregadores que tem noções acuradas das coisas espirituais, mas que não viram nem provaram das coisas mesmas que estão envoltas nas palavras da Verdade — “não entendendo nem o que dizem nem o que afirmam” (1 Timóteo 1.7). Exatamente como um astrônomo que estuda a vida inteira as estrelas, que conhece seus nomes, posições e a grandeza de cada uma, todavia, não recebe mais influência pessoal e especial delas do que os outros homens; assim é com aqueles que estudam as Escrituras, porém não foram sobrenatural e salvificamente iluminados pelo Espírito. Ó meu leitor, a estrela da alva apareceu *no seu coração* (2 Pedro 1.19)?

Confiemos que foi dito o suficiente nos artigos precedentes para deixar claro a todo leitor cristão que um pobre pecador “vir a Cristo” salvificamente não tem nada de ato físico ou mental, mas que se trata de algo totalmente espiritual e sobrenatural; que tais atos não brotam nem da razão humana nem de sua força de vontade, mas das operações secretas e eficazes de Deus o Espírito. Dizemos claramente “leitor cristão”, pois não devemos esperar que o não regenerado perceba aquilo de que não tem experiência pessoal alguma. A distinção assinalada na segunda metade do último artigo (que deve ser relido todo com muito cuidado) entre um saudável conhecimento intelectual de Cristo e um que seja vital e transformador, entre conhecer Cristo como exposto nas Escrituras, e como Ele é divinamente revelado em nós (Gálatas 1.16), não é que um deles apelará à mente carnal; antes, é que o outro será rejeitado com desdém. Porém, em vez de sermos surpreendidos, devemos antes esperar isso.

Fosse nosso último artigo enviado ao pregador “fundamentalista” médio ou “instrutor bíblico”, e lhe solicitasse a sua honesta opinião sobre ele, com toda probabilidade ele diria que o escritor incorreu em “misticismo” ou “fanatismo”. Do mesmo modo como os líderes religiosos dos dias de Cristo não aceitaram Seus ensinamentos espirituais, assim os “campeões da ortodoxia”, aqueles que se jactam com tanto alarde de que batalham fiel e sinceramente pela fé não receberão as mensagens perscrutadoras e de humildade dos servos de Cristo hoje. A substância deste artigo seria ridicularizada por eles. Mas seu próprio ato de ridicularizar somente serve para demonstrar a solene verdade de 1 Coríntios 2.14, “Ora o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura”. Tais palavras têm confundido quem as pondera com atenção, pois não parecem se enquadrar com os fatos patentes da observação.

Pessoalmente encontramos os homens mais sem retidão — desleais, desonestos, sem escrúpulos para usarem táticas as quais muitos não professos desprezariam — que, entretanto, ardentemente proclamavam a inspiração divina das Escrituras, a Deidade de Cristo, a salvação somente pela graça. Lidamos pessoalmente com homens cujos corações estavam cheios de cobiça, e cujos caminhos, mundanos quase que em grau máximo; todavia, lançavam invectivas contra o “modernismo” e o “evolucionismo” etc., e “fielmente pregavam” o nascimento virginal de Cristo e o Seu sangue como a única esperança para o pecador. Que tais homens eram “naturais” ou “carnais”, ou seja, não regenerados, é claro e inequívoco se os medirmos pela infalível regra da Escritura Sagrada: seria não apenas uma contradição de termos, mas *blasfêmia* dizer que os tais foram, por Deus, feitos “novas criaturas em Cristo”. Contudo, mui longe estavam as verdades basilares da Escritura de serem “loucura” aos seus caracteres, antes eles calorosamente as endossavam e ardentemente as propagavam.

---

prática das obras que agradam a Deus (Ef 2.10; Tt 3.5-8). A interpretação equívoca da passagem, infelizmente, já está bem disseminada e arraigada em todos os círculos do cristianismo, fruto de um pietismo renitente entre os evangélicos das mais diversas confissões e tendências teológicas (N. do T.).

Mas o que foi dito acima *não* se choca, nem um pouquinho, com 1 Coríntios 2.14, quando esse versículo é corretamente lido e compreendido. Que se repare cuidadosamente que não é dito que “as coisas *de Deus* são loucuras” para o homem natural. Fosse assim, o escritor seria completamente incapaz para explicá-la. Não, é declarado que “as coisas *do Espírito* de Deus” são loucura: e o que foi dito acima apenas serve para ilustrar a minuciosa precisão desse versículo. Nas “coisas de Deus” tais homens professam crer; pelas “coisas de Cristo”, parecem lutar com valentia; mas às “coisas *do Espírito*” parecem ser estranhos; e, portanto, quando Sua secreta e misteriosa obra sobre as almas do eleito de Deus os pressiona, parece-lhes uma tão grande “loucura” — algo como “misticismo” ou “fanatismo”. Mas ao renovado é, de longe, outra coisa.

As sobrenaturais operações do Espírito na implantação da fé no eleito de Deus (Colossenses 2.12) produz uma “nova criação”. Salvação pela fé é operada através da eficaz operação do Espírito com o Evangelho. Então Ele *forma* Cristo na alma (Gálatas 4.19), e concede o Objeto da fé pelo olho da fé, uma “imagem” real de Cristo sendo diretamente estampada sobre a recém-avivada alma, cuja vivificação habilita a discernir Cristo. Desse modo, Cristo é “formado” no coração, da mesma forma que um objeto externo é formado no olho. Quando digo que tenho um certo homem ou objeto no meu olho, eu não quero dizer que estejam lá *localmente* — isso é impossível; mas eles estão ali *objetivamente* — *eu os vejo*. Assim, quando é dito que Cristo é “formado em nós”, que Cristo em nós é “a esperança da glória” (Colossenses 1.27), não se deve entender que Ele que está agora corporalmente à destra de Deus, esteja *local* e *substancialmente* formado em nós. Não, mas que Cristo à destra de Deus, a substância e *objeto* da fé, é pelo Espírito introduzido de cima, para que a alma O veja pelo olho da fé, exatamente como representado na Palavra. Assim é Cristo “formado em nós”; e dessa maneira Ele “habita pela fé nos vossos corações” (Efésios 3.17).

O que nos esforçamos por expor acima é belamente mostrado no mundo inferior e visível. É de fato surpreendente descobrir quanto de obras espirituais divinas estão simbolizadas no domínio material. Se não obstante nossas mentes fossem mais espirituais, e nossos olhos empenhados em uma vigilância mais alerta, deveríamos achar sinais e símbolos em todos os lados das realidades invisíveis de Deus. Em um dia ensolarado, quando um homem olha para dentro da água cristalina, ele vê ali uma face (a sua própria), formada por representação, a qual diretamente corresponde à face de fora e acima da água; não há duas faces, mas uma, original e, no entanto, representada. Contudo, somente uma face é vista, refletindo sua própria e única imagem sobre o líquido. Assim é a história da alma do eleito de Deus: “Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, *somos transformados* de glória em glória *na mesma imagem, como pelo Espírito* do Senhor” (2 Coríntios 3.18). Ó que Sua imagem em nós possa ser mais evidente para os outros!

## 8. *Vindo a Cristo com nossas Afeições*

“Todo o que o Pai me dá virá a mim” (João 6.37), declarou o Senhor Jesus. Ele que, antes da fundação do mundo, deu *aqueles* dentre Seu povo para Cristo, agora lhes dá, em regeneração, um *coração* para Cristo. O “coração” inclui tanto as afeições quanto o entendimento. No capítulo anterior salientamos como ninguém “vem (ou pode vir) a Cristo” enquanto for ignorante a Seu respeito; é igualmente verdadeiro que homem algum “vem (ou pode vir) a Cristo” enquanto suas afeições estiverem alienadas dEle. Não somente está o entendimento do homem natural encoberto em escuridão total, mas seu coração é completamente oposto a Deus. “A inclinação da carne é inimizade (não meramente “em inimizade”, mas “inimizade” mesmo) contra Deus” (Romanos 8.7); e “inimizade” é algo mais do que um conjunto de pensamentos hostis, é o ódio das próprias afeições. Portanto, quando o Espírito Santo faz de um homem “nova criatura em Cristo”, Ele não apenas renova seu entendimento, mas radicalmente muda o coração.

Quando a fé nos dá uma vista das coisas espirituais, o coração se entusiasma de amor para com elas. Repare na ordem de Hebreus 11.13, onde, em conexão com a fé dos patriarcas nas promessas de Deus, é nos dito, “crendo-as, e abraçando-as”, *termo que denota grande afeição*. Quando o entendimento é renovado pelo Espírito, então o coração é atraído a Cristo com um terno desejo por Ele. Quando o Espírito Santo se agrada de tornar conhecida na alma o maravilhoso amor de Cristo para comigo, então é gerado amor a Ele, amor que volta-se a Ele em seguida. Observe a ordem em 1 João 4.16, “e nós conhecemos, e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é caridade [amor]; e quem está em caridade [amor] está em Deus, e Deus nele”; o apóstolo coloca o conhecimento (não intelectual, mas espiritual) antes da fé, e ambos antes de uma união e comunhão com o amor divino. A luz e o conhecimento de Cristo e do céu que recebemos por tradição, educação, pelo ouvir e ler, nunca fulmina as afeições. Mas quando o amor de Deus é “derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Romanos 5.5), ó quanta diferença é produzida!

Muitíssimo pouca ênfase é posta nesse aspecto da nossa matéria. Para provar essa assertiva, considere cuidadosamente a seguinte questão: Por que é que “quem *crer...* não será condenado” (Marcos 16.16) é citado cem vezes mais frequentemente pelos pregadores e pelos que escrevem os folhetos que “se alguém *não ama* ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema” (1 Coríntios 16.22)? Se devemos apropriadamente preservar a balança da verdade, devemos reparar cuidadosamente na maneira na qual o Espírito Santo reitera as mudanças em “crer” e “amar” no N.T. Considere os seguintes versículos: “todas as coisas contribuem para o bem daqueles (não os que “confiam”, mas os) que *amam* a Deus” (Romanos 8.28); “as coisas que Deus preparou (não para os que apenas “crêem”, mas) para os que o *amam*” (1 Coríntios 2.9); “se alguém *ama* a Deus, esse é conhecido (ou “aprovado”) dele” (1 Coríntios 8.3); “a coroa da justiça..., a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia: e não somente a mim, mas também a todos (não os que “crêem”, porém) os que *amarem* a sua vinda” (2 Timóteo 4.8); “a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o *amam*” (Tiago 1.12); “Aquele que não *ama* não conhece a Deus; porque Deus é caridade” (1 João 4.8).

“Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer” (João 6.44). No último capítulo vimos que esse “trazer” consiste, em parte, da iluminação sobrenatural do entendimento pelo Espírito. Também consiste no Seu inclinar das afeições a Cristo. Ele atua sobre os pecadores de acordo com a natureza desses: não por força exterior, tal como a usada



sobre um animal relutante, mas pela influência espiritual ou poder que move suas faculdades interiores: “Atraí-os com cordas *humanas*, com cordas de *amor*” (Oséias 11.4) — pela convicção racional do julgamento deles, mostrando-lhes que há infinitamente mais virtude e bem-aventurança em Cristo que na criatura ou na satisfação pecaminosa do desejo carnal; por ganhar seus corações para Cristo, comunicando-lhes um poderoso senso de Sua excelência superlativa e completa adequação às suas necessidades. Aos que crêem, Ele é *precioso* (1 Pedro 2.7) — tão precioso, que estão desejosos de separar-se do mundo e de tudo, para que possam “ganhar a Cristo” (Filipenses 3.8).

Como mostrado com alguns detalhes no capítulo de abertura, as afeições do homem natural estão alienadas de Deus, unidas às coisas temporais e sensuais, de modo que ele não virá a Cristo. Ainda que os servos de Deus procurem encantá-lo com a amável música do Evangelho, como a víbora ele fecha seu ouvido. É como o Senhor descreveu na parábola da Grande Ceia: “e todos a uma começaram a escusar-se” (Lucas 14.18), um preferindo suas terras, outro sua mercadoria, outro sua recreação social. E nada carente do poder do Todopoderoso e da obra do Espírito Santo no coração pode quebrar o feitiço que o pecado e Satanás lança sobre o homem, e fazer com que seu coração retorne dos objetos perecíveis para um imperecível. Isso Ele faz no eleito de Deus mediante Suas operações secretas e invencíveis, docemente trabalhando e atraindo-os com a revelação de Cristo por meio da cativante pessoa e das infinitas riquezas da graça Desse, por introduzir Seu amor em seus corações, e por movê-los a agarrarem Seus amáveis convites e promessas preciosas.

Mais benditamente isso é representado a nós em “O meu amado meteu a sua mão pela fresta da porta, e as minhas entranhas estremeceram de amor por ele” (Cantares de Salomão 5.4). Aqui a porta do coração (Atos 16.14), ou mais especificamente, a “porta da fé” (Atos 14.27), é visto fechada para Cristo<sup>13</sup>, e o objeto de Seu amor sendo tão repulsivo e contrário quanto a levantar e abrir a Ele. Mas ainda que não seja bem-vindo, Seu amor não pode ser apagado, e Ele gentilmente entra (Ele não arrebenta a porta aberta!) sem ser convidado. Sua “mão” abrindo a “porta” é uma figura de Sua graça eficaz removendo todo obstáculo no coração de Seu eleito (cf. Atos 11.21), e ganhando-o para Si Mesmo. O efeito de Sua graciosa entrada, por Seu Espírito, é visto em “e as minhas entranhas estremeceram de amor por ele”, o que é uma figura do Seu excitar das afeições — cf. Isaías 63.15, Filemon 12. Das reflexões neste parágrafo somos devedores ao incomparável comentário de John Gill sobre Cantares de Salomão.

Ó que milagre da graça é operado quando o coração verdadeiramente volta-se do mundo para Deus, do eu para Cristo, do amor ao pecado para o amor à santidade! É isso que é o cumprimento da promessa do pacto divino em Ezequiel 36.26, “e vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne, e vos darei um coração de carne”. Não há homem algum que ame o dinheiro tanto, e que esteja desejoso de desfazer-se dele, pois que lhe dá valor mais alto que a soma de que ele se desfaz para adquiri-lo. O homem natural estima as coisas materiais mais do que as espirituais, mas o regenerado ama a Cristo mais do que todos os outros objetos além dEle, e isso, porque foi feito uma “nova criatura”. É um amor espiritual que une o coração a Cristo.

<sup>13</sup> Apocalipse 3.20 não pode ser aplicado a essa operação de que trata aqui o autor, por mais que o insista uma exegese precipitada e descurada dessa passagem, bastante difundida e tolerada, aliás. No contexto do capítulo 3 daquele livro, Cristo é visto do lado de fora da igreja de Laodicéia, chegando a ponto de, dali alijado, humildemente implorar àquela congregação a Sua reentrada ali. Logo, não é o indivíduo em si, muito menos o incrédulo, que se tem em vista naquele trecho de Apocalipse (N. do T.).



Não é simplesmente um conhecimento da verdade que salva, mas um *amor* dela é um pré-requisito essencial. 2 Tessalonicenses 2.10 deixa isso claro: “porque não receberam o amor da verdade para se salvarem”. Deve-se prestar estrita atenção a essas palavras, ou se chegará a uma conclusão errada: não é um amor *pela* Verdade, mas um amor *da* Verdade. Há aqueles que têm o primeiro, e que estão destituídos do segundo. Temos encontrado russelitas, e abordado cristadelfianos, que fazem muitos cristãos genuínos passar vergonha: pessoas que após um longo dia de trabalho, gastam a noite inteira no estudo diligente da Bíblia. E não se trata apenas de satisfazer a curiosidade. O zelo deles tem perdurado por anos. A Bíblia deles é tão preciosa quanto o são as “contas” e o “rosário” para uma papista devota. Assim também há um “amor” *natural* por Cristo, uma ardente devoção por Ele, que não deriva de um coração renovado. Igualmente como alguém criado entre católicos devotos, cresce com uma veneração profunda e uma afeição autêntica pela Virgem; assim alguém cuidadosamente ensinado por pais protestantes, que lhes disse na infância que Jesus o ama, cresce com um real porém natural amor por Ele.

Pode haver uma fé histórica em todas as doutrinas da Escritura, onde o poder delas nunca seja experimentado. Pode haver um zelo carnal por porções da Verdade de Deus (como havia no caso dos fariseus) e, todavia, o coração não ser renovado. Pode haver emoções cheias de gozo sentidas por uma recepção superficial da Palavra (como havia com os ouvintes de beira de caminho: Mateus 13.20), onde a “raiz da matéria” (Jó 19.28) esteja em falta. Lágrimas podem fluir livremente a uma patética vista do Salvador padecente (como com a companhia de mulheres que choravam por Cristo à medida que caminhava para a cruz: Lucas 23.27,28), e, todavia, o coração ser tão duro quanto a pedra inferior da mó para com Deus. Pode haver um regozijo na luz da Verdade divina (como no caso de Herodes: Marcos 6.20), e, contudo, não escapar do Inferno.

Uma vez que há um “amor pela Verdade” que se distingue de um “amor da Verdade”, e um amor natural por Cristo em contraste com um amor espiritual dEle, como posso ter certeza de qual espécie seja o meu? Podemos estabelecer a distinção entre tais “amores” deste modo: primeiro, um é parcial, o outro, imparcial: um estima as doutrinas da Escritura, mas não as obrigações que ela impõe; as promessas, mas não os preceitos; as bênçãos de Cristo, mas não Suas reivindicações; Seu ofício sacerdotal, mas não seu régio governo; porém, não é assim com o que ama espiritualmente. Em segundo lugar, um é de ocasião, o outro é regular: o primeiro falha quando cruza com os interesses pessoais; o segundo, não. Terceiro, um é passageiro e fraco, o outro duradouro e poderoso: o primeiro rapidamente mingua quando compete com outros deleites, e não prevalece a ponto de controlar as outras afeições; o segundo governa o coração, e é forte como a morte. Quarto, o primeiro não melhora o seu possuidor; o segundo transforma a vida.

Que “vir a Cristo” salvificamente *consiste nas* afeições voltando-se para e nEle se fixando, pode ser ademais demonstrado pela natureza da apostasia, a qual começa com o coração abandonando Cristo. Observe como isso é delineado desde a primeira fonte em Apocalipse 2.4, “deixaste (não ‘perdeste’) a tua primeira caridade [*amor*]”. A realidade e a genuinidade de nossa *volta* à Cristo é evidenciada pelos *efeitos* que as obras do entendimento produzem sobre as afeições. Um exemplo contundente disso é encontrado em Mateus 26.75, “e lembrou-se Pedro das palavras de Jesus, que lhe dissera: Antes que o galo cante, três vezes me negarás. E, saindo dali, chorou amargamente”: não foi uma lembrança meramente histórica, mas graciosa — seu coração foi derretido por ela. Assim o é sempre que o Espírito Santo opera em nós e “renova-nos”. Posso lembrar de um pecado passado, sem ficar devidamente humilhado por isso. Posso “lembrar” a morte de Cristo de um modo mecânico e

especulativo, sem que as afeições sejam de fato movidas. É apenas quando a faculdade do nosso entendimento é vivificada pelo Espírito Santo que o coração é poderosamente impressionado.

## 9. *Vindo a Cristo com a nossa Vontade*

O homem tem um corpo dotado das três principais faculdades: o entendimento, as afeições, e a vontade. Como foi visto anteriormente, todos esses foram radicalmente afetados pela Queda: ficaram profanados e corrompidos, e em consequência, são empregados no serviço do eu e do pecado, em vez de o serem no de Deus e de Cristo. Porém, na regeneração, essas faculdades são vivificadas e purificadas pelo Espírito: não completamente, mas inicialmente, e continuamente assim no processo de santificação, pelo resto da vida, e depois perfeitamente quando da glorificação. Agora cada uma dessas três faculdades está subordinada às outras pela ordem da natureza, ou seja, conforme o homem foi constituído por seu Criador. Uma faculdade é influenciada pela outra. Em Gênesis 3.6 lemos, “vendo (percebendo) a mulher que aquela árvore era boa para se comer” — foi a conclusão tirada pelo entendimento, “e *agradável* aos olhos” — houve uma resposta das suas afeições; “e árvore desejável” — foi o mover da vontade; “tomou” — aí foi completada a ação.

Então, as moções da graça divina operam através das apreensões da fé no entendimento, essas entusiasmando e animando as afeições, e elas, por seu turno, influenciando e movendo a vontade. Toda faculdade da alma é tornada manifesta em “vir a Cristo” salvificamente: “é lícito, se crês de *todo* o coração” — ser batizado (Atos 8.37<sup>14</sup>). “Vir a Cristo” é mais imediatamente um ato da vontade, como mostra João 5.40; todavia, a vontade só é acionada rumo a Ele até que o entendimento tenha sido iluminado e as afeições, vivificadas. O Espírito; Primeiramente, leva o pecador a perceber sua profunda necessidade de Cristo, e isso, mostrando-lhe sua horrenda rebelião contra Deus, e que ninguém a não ser Cristo pode expiar o mesmo. Em segundo lugar, o Espírito cria no coração um desejo por Cristo, e isso, fazendo-o ficar farto do pecado e passando a amar a santidade. Em terceiro, como à alma despertada e iluminada foi dado ver a glória e excelência de Cristo, e Sua perfeita adequação ao pecador perdido e que perece, então o Espírito leva a vontade a dar o mais alto valor à tal excelência, a estimá-la muito acima de tudo o mais, e unir-se a Ele.

Como há uma ordem divina entre as três Pessoas da Divindade em prover salvação, assim o há na aplicação ou na concessão dessa. Foi o bom prazer de Deus o Pai designar Seu povo desde a eternidade para a salvação, o qual prazer foi a mais plena e suficiente causa a *impulsioná-la*, cada detalhe apto a produzir seu efeito. Foi o Filho de Deus encarnado, cuja obediência e sofrimentos foram a mais completa e suficiente causa *meritória* da salvação de Seu povo, à qual nada pode ser acrescentado para fazê-la mais apta e capaz de certificar o trabalho de Sua alma. Todavia, nem um nem outro pode *na verdade* salvar qualquer pecador exceto quando o Espírito *aplica* Cristo a ela: Sua obra sendo a causa imediata e *eficaz* da sua salvação. Da mesma forma, o pecador não é salvo quando seu entendimento é iluminado, e suas afeições, excitadas: deve haver ainda o ato da vontade, rendendo-se a Deus e apegando-se a Cristo.

A ordem das operações do Espírito corresponde aos grandes ofícios de Cristo, o Mediador, a saber, profético, sacerdotal, e real. Como Profeta, Ele é primeiro apreendido pelo entendimento, a Verdade de Deus sendo recebida de Seus lábios. Como Sacerdote, Ele é confiado e amado pelo coração, ou afeições, Sua gloriosa pessoa tornando-se primeiramente cara à alma pela graciosa obra a qual Ele desempenha por ela. Como Potentado, nosso querer deve ser dominado por Ele, de modo que submetamo-nos a Seu governo, rendamo-nos a Seu

<sup>14</sup> Certos manuscritos antigos de Atos não trazem esse versículo, mas o próprio contexto o impõe (N. do T.).

etro, e atentemos para Seus mandamentos. Nada aquém do trono dos nossos corações satisfará o Senhor Jesus. Para que assim seja, o Espírito Santo destrói nossas imaginações carnis, e cada coisa elevada que se levanta contra o conhecimento de Deus, e leva cativo todo pensamento à obediência de Cristo (2 Coríntios 10.5), a fim de que livre e prazerosamente tomamos Seu jugo sobre nós; jugo esse que, como disse um puritano, é “revestido com amor”.

“Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer” (João 6.44). Esse “trazer” é realizado pelo Espírito: primeiro, em iluminar eficazmente o entendimento; segundo, avivando as afeições; terceiro, libertando a vontade da escravidão do pecado e inclinando-a para Deus. Pelas invencíveis operações da graça, o Espírito faz com que o querer, o qual antes movia-se somente em direção ao pecado e à vaidade, fique propenso a Cristo. “O teu povo”, disse Deus ao Mediador, “se apresentará voluntariamente no dia do teu poder” (Salmo 110.3). Todavia, ainda que o poder divino torne-se manifesto sobre um objeto humano, o Espírito não infringe a prerrogativa do querer de atuar livremente: Ele moralmente o persuade. Ele domina sua intratável pecaminosidade. Ele derrota seu preconceito, ganha-o e atrai-o por suas doces atrações de graça.

“Deus nunca trata o homem como se esse fosse um bruto; Ele não o arrasta com cordas de carruagem; Ele trata homens como homens; e quando Ele convida-os com cordas, são as cordas de amor e as faixas de um homem. Eu posso exercer poder sobre a vontade de um outro, e, todavia, essa estar perfeitamente livre; porque o constrangimento é exercido de um modo que é de acordo com as leis da mente humana. Se mostro a um homem que uma certa linha de ação é muito proveitosa para si, ele se sente obrigado a segui-la, mas está perfeitamente livre para assim agir. Se a vontade humana fosse dominada ou acorrentada por algum processo físico, se o coração do homem, por exemplo, fosse retirado dele e tornado íntegro por uma operação manual, seria inconsistente com a liberdade humana, ou mesmo com a natureza humana; e, todavia, penso que algumas pessoas imaginam que tal é o que queremos dizer quando falamos da influência forçante e da divina graça. Não é nada disso que queremos dizer; mas que Jeová Jesus sabe como, por argumentos irresistíveis dirigidos ao entendimento, por razões poderosas apelando às afeições, e pela misteriosa influência de Seu Espírito Santo operando sobre todos os poderes e paixões da alma, desse modo submetendo o homem inteiro, tornar o rebelado obediente; antes audaciosamente contrário ao Altíssimo, depõe as armas de sua sublevação e clama, ‘Eu me rendo! Eu me rendo! Dominado pelo amor soberano, e pela iluminação a qual Tu me concedeste, eu me entrego a Tua vontade’” (C. H. Spurgeon, comentando João 6.37).

A perfeita consistência entre a liberdade das ações espirituais de um homem regenerado e a graça eficaz de Deus movendo-o a tal, é vista em 2 Coríntios 8.16,17: “Mas graças a Deus, que pôs a mesma solicitude por vós no coração de Tito; pois aceitou a exortação, e muito diligente partiu voluntariamente para vós”. Tito foi movido àquele trabalho pela exortação de Paulo, e “voluntariamente” comprometeu-se naquilo; e, todavia, foi “Deus que pôs a mesma solicitude no coração de Tito” por eles. Ele controla os sentimentos íntimos e os atos dos homens sem interferir, seja na sua liberdade, seja na sua responsabilidade. O zelo de Tito foi a efusão espontânea de seu próprio coração, e era um indício de um elemento do seu caráter; entretanto, Deus operou nele tanto o querer quanto o efetuar de *Seu* bom desejo.

Pecador nenhum “vem a Cristo” salvificamente, ou O recebe de verdade no coração, até que a vontade livremente concorde (não meramente “consinta” teoricamente) com os

termos severos e que levam à renúncia do eu, os quais estão expostos no Evangelho. Nenhum pecador está preparado para deixar tudo por Cristo, tomar “a cruz”, e “seguir-Lo” no caminho da obediência universal, até que o coração genuinamente O estime como “O mais Distinguido entre dez mil”, e isso ninguém nunca fará antes que o entendimento haja sido sobrenaturalmente iluminado e as afeições sobrenaturalmente vivificadas. Obviamente, ninguém se casará com afetos conjugais com uma pessoa a quem não repute ser a melhor que pôde escolher. É como o Espírito nos convence de nossa vacuidade e mostra-nos a plenitude de Cristo, nossa culpa e Sua justiça, nossa imundícia e os méritos purificadores de Seu sangue, nossa depravação e Sua santidade, que o coração é persuadido e a resistência da vontade é derrotada.

A santa e espiritual Verdade de Deus não encontra nada análoga a si na alma não regenerada, pelo contrário, tudo que está em oposição àquela (João 15.18; Romanos 8.7). As exigências de Cristo são humilhantes demais ao nosso orgulho natural, perscrutadora além da conta para a nossa consciência cauterizada, exigente em demasia para os nossos desejos carnis. E um milagre da graça deve ser operado dentro de nós antes que essa terrível depravação da nossa natureza, esse pavoroso estado de coisas, seja alterado. Tal milagre da graça consiste em subverter a resistência que é feita pelo pecado residente, e criar desejos e anelos para com Cristo; e então é que a vontade clama,

*“Antes, me rendo, me rendo,  
Não posso mais resistir;  
Sucumbo, por agonizante amor compelido,  
E pertença a Ti, Conquistador.”<sup>15</sup>”*

Uma bela ilustração disso é encontrada em Rute 1.14-18. Noemi, uma santa que se encontrava desviada, está a ponto de deixar o país longínquo, e (tipicamente) retornar à casa de seu Pai. Suas duas noras querem acompanhá-la. Fielmente, Noemi as convidou a “fazer as contas dos gastos” (Lucas 14.28); em vez de imediatamente insistir para que elas agissem ao primeiro impulso, ela apontou-lhes as dificuldades e provas que encontrariam. Para Orfa, foi demais: sua “beneficência” (da mesma forma que os ouvintes à beira do caminho, e dezenas de milhares de outros) era apenas “como a nuvem da manhã” e “como o orvalho da madrugada” que rapidamente se vão (Oséias 6.4). Em abençoado contraste, lemos: “Porém, Rute se apegou a ela... Disse porém Rute: Não me instes para que te deixe, e me afaste de ao pé de ti. Porque aonde quer que tu fores, irei eu; e onde quer que pousares à noite, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus”.

Que profundidade e beleza de afeição tem-se aqui! Que entrega de todo o coração de si mesmo! Veja Rute livre e prontamente deixando sua própria terra e parentela, rompendo a si própria de toda associação natural, fazendo ouvidos moucos à sua sogra, que lhe implorava retornasse a seus deuses (v. 15) e a seu povo. Veja-a renunciando à idolatria e a tudo que é caro à carne, para ser uma adoradora e serva do Deus vivo, reputando todas as coisas por perda por causa de Seu favor e salvação; e sua conduta posterior provou que sua fé era genuína e sua profissão sincera. Ah, nada a não ser uma milagrosa obra divina na sua alma pode explicar isso. Era Deus operando nela “tanto o querer quanto o efetuar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2.13). Ele estava atraindo-a com laços de amor: a graça triunfou sobre a carne. Isso é o que toda conversão genuína é — uma entrega completa da mente,

<sup>15</sup> Trecho de um hino dos calvinistas anglo-saxões: “*Nay, but I yield, I yield, / I can hold out no more; / I sink, by dying love compell’d, / And own Thee Conqueror.*” (N. do T.).

coração e vontade a Deus e a Seu Cristo, a fim de que haja um desejo de seguir “o Cordeiro para onde quer que vai” (Apocalipse 14.4).

A relação entre nosso entendimento sendo iluminado e as afeições vivificadas por Deus e o resultante consentimento da vontade, é vista no Salmo 119.34, “Dá-me entendimento, e guardarei a tua lei, e observa-la-ei de todo o meu coração”. “O resultado certo da regeneração, ou a concessão de entendimento, é a devotada reverência à lei e o guardá-la respeitosamente no coração. O Espírito de Deus faz-nos conhecer o Senhor e compreender algo de Seu amor, sabedoria, santidade, e majestade, e o resultado é que honramos a lei e entregamos nossos corações à obediência da fé. O entendimento opera sobre as afeições; ele convence o coração da beleza da lei, a fim de que a alma a ame com todas as suas forças; e então revela a majestade do Legislador, e a natureza inteira curva-se perante Sua suprema vontade. Somente obedece a Deus quem pode dizer “meu Senhor, eu servirei a Ti, e o farei de todo o meu coração”; e ninguém pode verdadeiramente dizer isso até que haja recebido como uma mercê gratuita a iluminação interior do Espírito Santo” (C. H. Spurgeon).

Antes de nos voltarmos à seção final, algumas palavras devem ser acrescentadas aqui sobre 1 Pedro 2.4: “chegando-vos para ele — pedra viva... —... vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual”. A soberana graça de Deus inclinou-me a vir a Cristo? Então, é minha obrigação e interesse estar nEle (João 15.4). Estar nEle por uma vida de fé, e deixando que Seu Espírito habite em mim sem entristecê-Lo (Efésios 4.30) ou extinguindo suas ações (1 Tessalonicenses 5.19). Não é o bastante que uma vez que cri em Cristo, devo viver em e com Ele pela fé diariamente: Gálatas 2.20. É dessa maneira, continuamente vindo a Cristo, que somos “edificados casa espiritual”. É dessa maneira que é mantida a vida de graça, até que ela emane na vida de glória. Fé é estar sempre recebendo da Sua plenitude “graça por graça” (João 1.16). Diariamente deve haver a dedicação renovada de mim mesmo a Ele e meu coração estar ocupado com Ele.



## 10. Testes

Àqueles que nunca “vieram a Cristo” salvificamente, Ele ainda dirá: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos.” A contemplação dessas terríveis palavras deve quase congelar o próprio sangue em nossas veias, perscrutando nossas consciências e infundindo reverente respeito em nossos corações. Mas, ai! é muito de se temer que Satanás mitigará a dor da penetrante força daquelas palavras em muitos dos nossos leitores, assegurando-lhes *que já vieram* a Cristo, e dizendo-lhes que é tolice duvidar disso por um momento. Porém, ó caro amigo, visto que está em risco nada menos do que sua alma imortal, que passar a eternidade com os bem-aventurados no Céu ou no Inferno com os malditos, depende de você ter, real e verdadeiramente, “vindo” ou não “a Cristo”, queira ler os seguintes parágrafos com cuidado dobrado.

1. Quantos descansam nos seus pontos de vista doutrinários sãos a respeito de Cristo. Crêem firmemente em Sua Deidade, Sua santa humanidade, Sua vida perfeita, Sua morte vicária, Sua ressurreição corporal, Sua ascensão à destra de Deus, Sua atual intercessão nas alturas, e em Seu segundo advento. Tal se dava também com muitos daqueles a quem Tiago endereçou sua epístola, porém ele lhes lembrou que “os demônios o crêem, e estremecem” (Tiago 2.19). Ó meu leitor, fé salvífica em Cristo é muito mais do que assentimento aos ensinamentos da Escritura a Seu respeito; é o entregar a alma a Ele para ser salvo, renunciar a tudo o mais, é render-se de todo a Ele.

2. Quantos consideram a ausência de dúvidas como prova de que vieram salvificamente a Cristo. Tomam como certo algo de que não têm evidência clara. Mas, leitor, um homem não possui a Cristo pela fé como o faz com dinheiro numa caixa-forte ou títulos de propriedade de terra preservados por seu advogado, o qual ele não olha sequer uma vez por ano. Não, Cristo é um “pão” de que o homem se alimenta, mastiga, digere, o qual é trabalhado pelo estômago continuamente, e pelo qual ele é nutrido e fortalecido: João 6.53. O adepto vazio alimenta-se sobre uma opinião de si próprio, em vez de Cristo.

3. Quantos se deixam enganar pelo excitar das emoções, tomado por vivificação das afeições pelo Espírito. Se pessoas choram sob a pregação da palavra, observadores superficiais ficam grandemente encorajados, e se vão à frente para o “banco dos aflitos<sup>16</sup>” e soluçam e pranteiam por causa de seus pecados, isso é reputado por sinal seguro de que Deus salvificamente os convenceu. Mas uma obra sobrenatural da graça divina é muito mais profunda do que isso. Lágrimas estão somente na superfície, e é questão de constituição de temperamento — mesmo no estado natural, alguns dos que sentem alguma coisa na maioria das vezes não dão o menor sinal. É o choro do coração que Deus requer; é um piedoso pesar pelo pecado, o qual quebra seu poder reinante sobre a alma, que evidencia a regeneração.

4. Quantos acham que um medo da ira vindoura é ódio ao pecado. Ninguém quer ir para o Inferno. Se o intelecto for convencido da realidade do último — e, em certa medida, crê-se no indizível horror de seus tormentos —, então pode haver grande inquietação da mente, temor da consciência, e angústia do coração, face à perspectiva de sofrer nas chamas eternas. Esses medos podem durar por um tempo considerável, sim, seus efeitos podem jamais passar completamente. O assunto pode vir a ele pelo ministério de um fiel servo de Deus, ao ouvi-lo descrever o fundo lavrar da obra do Espírito, e concluir estar sendo sujeito a

<sup>16</sup> Em inglês, ‘mourner’s bench’. Sobre isso, v. nota n.º 7 (N. do T.).

tal, todavia, sem que nada disso seja amor a Cristo manifestando-se na vida, com todos os detalhes do que busca honrá-Lo e glorificá-Lo.

5. Quantos dão por verdadeira uma falsa paz. Deixe uma pessoa que tenha sido despertada dentro nela um pavor natural pelo lago de fogo, cuja própria consciência tenha-a feito desgraçada, e a pregação ouvida a tenha terrificado ainda mais, então (como um homem se afogando) não está ela pronta para tentar se agarrar a qualquer coisa para salvar? Deixe um dos falsos profetas de hoje contar-lhe que tudo o que se tem de fazer é crer em João 3.16 que já se tem a salvação, e quão avidamente ele — ainda que não transformado o coração — abeberar-se-á em tais “coisas suaves”. Assegurado que nada mais é exigido do que firmemente crer que Deus o ama e que Cristo morreu por ele, e que seu fardo foi embora, enche-o agora a paz. Sim, e de dezenove em vinte vezes, tal “paz” nada mais é que o narcótico de Satanás, drogando sua consciência e anestesiando-lhe com clorofórmio para levá-lo ao Inferno. “Os ímpios não têm paz (verdadeira, espiritual), disse o Senhor”, e a menos que o coração tenha sido purificado nenhum homem verá a Deus (Mateus 5.8).

6. Quantos julgam que a autoconfiança é a certeza espiritual. É natural a cada um de nós pensar e esperar o bem de nós mesmos, e imaginar com Hamã, “sou o homem de cuja honra o rei se agrada”. Talvez o leitor esteja pronto a dizer: Isso não é verdadeiro quanto a mim, pois, longe de ter um alto conceito de mim mesmo, eu me considero uma criatura sem valor, pecadora. Sim, e tão enganoso é o coração humano, e tão pronto está Satanás a tirar proveito de tudo, esses mesmos pensamentos humildes de si próprio podem se festejar, e neles descansar para se assegurar que tudo está bem com você. O apóstata rei Saul começou por ter uma baixa estima de si mesmo (1º Samuel 9.21).

7. Quantos fizeram de uma promessa o único fundamento de sua fé, e nada mais olham senão a letra daquela. Assim estavam os judeus enganados pela letra da lei, pois nunca viram o significado espiritual do ministério de Moisés. Do mesmo modo, multidões estão enganadas pela letra de promessas tais como Atos 16.31; Romanos 10.13 etc., e não enxergam Cristo nelas: vêem que Ele é a jóia na caixinha, mas descansam na inscrição externa, e jamais se apoderam do Tesouro nela contido. Mas, ao menos que a *pessoa* de Cristo seja apreendida, a menos que haja uma real rendição a Seu Senhorio, a menos que Ele Mesmo seja recebido no coração, então crer na letra das promessas para nada aproveitará.

Os parágrafos acima foram escritos na esperança de que Deus se agrade de despertar de sua falsa segurança alguns adeptos vazios. Porém, para que nenhum dos pequeninos de Cristo tropecem, encerramos com um excerto de *Come and Welcome to Jesus Christ*, de John Bunyan: “Como saberemos se tais homens estão vindo a Cristo? Resposta: eles choram pelo pecado, estando com seu fardo sobre si, como uma coisa inexcedivelmente amarga? Fogem dele, como da face de uma serpente mortal? Lamentam a insuficiência de sua própria justiça, para justificação à vista de Deus? Clamam pelo Senhor Jesus para salvá-los? Vêem mais valor e mérito numa gota do sangue de Cristo para salvá-los, do que em todos os pecados do mundo para condená-los? Ficam sensíveis de pecar contra Jesus Cristo? Distinguem Cristo neste mundo, e deixam tudo deste por Sua causa? E estão dispostos (com a ajuda divina) a correr riscos por Seu nome, pelo amor que nutrem por Ele? São Seus santos preciosos para eles? Se assim o é, tais homens estão vindo a Cristo”.

## PARTE 4 - SEGURANÇA

### 11. Introdução

À guisa de introdução e a fim de familiarizar o leitor com o peculiar ângulo do ponto de vista a partir do qual abordamos nosso presente tema, seja assinalado que as condições mutantes na Cristandade exigem ênfases que sempre variam, em diferentes aspectos da Verdade Divina. Em distintos períodos, os verdadeiros servos de Deus tiveram de deparar situações que se diferiam grandemente, e ir de encontro a erros de caracteres variados. Isso requereu uma campanha ofensiva e defensiva adaptada às exigências das muitas situações. As armas que se ajustavam a um conflito eram bastante inúteis noutra, sendo necessário constantemente se buscar novas do arsenal da Escritura.

Ao fim daquele longo período conhecido como a “idade das trevas” (ainda que por todo tempo Deus nunca tenha deixado a Si Mesmo sem um claro testemunho), quando o Senhor fez com que uma enxurrada de luz irrompesse sobre a Cristandade, os reformadores confrontaram com os bolorentos erros do papismo, entre os quais estava a insistência daquele de que ninguém pode estar positivamente seguro de sua salvação até que a hora da morte tenha chegado. Isso levou Lutero e seus contemporâneos a entregar uma mensagem positiva, procurando estimular a confiança para com Deus e o apoderar-se de Suas infalíveis promessas. Todavia, tem que ser reconhecido que houve tempos em que o zelo deles foi longe demais, levando a uma posição que não poderia ser exitosamente defendida pelas Escrituras. Muitos dos reformadores insistiam em que a segurança era um elemento essencial na fé salvífica em si mesma, e que a menos que uma pessoa soubesse que era “aceita no Amado”, ela ainda estaria em seus pecados. Assim, na revolta contra o papismo, o pêndulo protestante foi para longe demais para o outro lado.

Na grande misericórdia de Deus, a *balança* da Verdade foi restaurada nos dias dos puritanos. A principal doutrina que Lutero e seus pares haviam enfatizado tão forçadamente era a de que a justificação é somente pela fé, mas no final do século XVI e na primeira parte do seguinte, homens tais como Perkins, Gattaker, Rollock etc., deram proeminência à doutrina colateral da santificação pelo Espírito. Pelos cinquenta anos seguintes a Igreja na terra foi abençoada com muitos homens “poderosos nas Escrituras”, profundamente ensinados de Deus, capacitados por Ele para manter um ministério bem completo. Homens tais como Goodwin, Owen, Charnock, Flavel, Sibbs etc., ainda que vivendo em tempos trabalhosos e sofrendo feroz perseguição, ensinaram a Palavra mais proficuamente (em nosso julgamento) e foram mais usados por Deus que qualquer um desde a época dos apóstolos até o presente momento<sup>17</sup>.

O ministério dos puritanos foi de tipo extremamente investigador. Enquanto engrandeciam a livre graça de Deus em termos não incertos, enquanto ensinavam claramente que só a satisfação de Cristo *intitulava* alguém para o Céu, enquanto enfaticamente repudiavam todos os méritos da criatura, eles, não obstante, insistiam em que uma obra sobrenatural e transformadora do Espírito no coração e na vida do crente era indispensável

<sup>17</sup> Sobre os puritanos, tomamos a liberdade de sugerir ao leitor o excelente livro “Entre os Gigantes de Deus”, de J.I. Packer, da Editora PES, muito esclarecedor sobre o assunto. Importante: o escritor é anglicano (N. do T.).

para *prepará-lo* para o Céu. Os adeptos eram rigidamente testados, e os resultados e frutos da fé eram exigidos antes que sua presença fosse admitida. Insistia-se freqüentemente no auto-exame, e davam-se todos os detalhes de como alguém poderia verificar se era uma “nova criatura em Cristo”. Cristãos foram constantemente cobrados para “fazer cada vez mais firme a... vocação<sup>18</sup>”, averiguando se tinham clara evidência do mesmo. Embora as condições estivessem longe de serem perfeitas, todavia, há boa razão para se concluir que mais almas iludidas foram desenganadas e mais hipócritas expostos do que em qualquer outro período desde o século primeiro d.C.

O século dezoito testemunhou um triste declínio e abandono da fé. A prosperidade mundana produziu deterioração espiritual. À medida que desapareciam os líderes puritanos, ninguém foi levantado para preencher seus lugares. O arminianismo espalhou-se rapidamente, seguido pelo deísmo (unitarianismo) e outros erros fatais. O mundanismo engolfou as igrejas, e a falta de lei e a impiedade foi extrema fora dela. O clarim do Evangelho ficou quase silencioso, e o resto do povo de Deus, reduzido a um insignificante e desamparado punhado. Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça<sup>19</sup>. Novamente a luz do Evangelho brilhou poderosamente na escuridão: Whitefield, Romaine, Gill, Hervey, e outros sendo levantados por Deus para reavivar Seus santos e converter muitos pecadores a Cristo. A ênfase principal de sua pregação e ensino era a soberana graça de Deus como exibida na eterna aliança, a indubitável eficácia da expiação de Cristo a todos por quem foi feita, e a obra do Espírito na regeneração.

Sob os reavivamentos que Deus deu na última parte do século dezoito, as grandes *doutrinas* da fé cristã ocuparam o lugar mais proeminente. A fim de que a balança da verdade pudesse ser preservada durante as próximas duas ou três gerações, tornou-se necessário para os servos de Deus enfatizar o lado *experimental* das coisas. Ortodoxia intelectual não qualifica ninguém para o Céu: deve haver uma transformação moral e espiritual, um milagre da graça operado na alma, o qual começa na regeneração e prossegue pela santificação. Durante aquele período, a exposição da doutrina recuou mais e mais para o *background*, e a aplicação prática da Palavra ao coração e à vida foi o sinal característico nos círculos ortodoxos. Isso exigiu sério auto-exame, e que, em muitos casos, resultou em dúvidas e desalento. Onde um devido balanceamento não é preservado pelos pregadores e ensinadores entre os lados objetivo e subjetivo da verdade, onde o último prepondera, segue-se, ou uma espécie de misticismo, ou uma falta de segurança.

A segunda metade do último século encontrou muitos círculos de cristãos professos à beira do Pântano do Desânimo<sup>20</sup>. Em muitos grupos, a segurança plena da salvação era vista como uma espécie de fanatismo ou presunção carnal. Indeadamente ocupados consigo mesmos, mal instruídos a respeito das “duas naturezas” no cristão, milhares de pobres almas consideravam dúvidas e temores, suspiros e gemidos, como sendo a mais alta evidência de um estado regenerado; mas, estando aqueles misturados com concupiscências mundanas e carnisais, ficavam receosos de afirmar que fossem filhos de Deus. Para combater tal situação, muitos evangelistas e instrutores mal preparados procuraram direcionar a atenção a Cristo e a Sua “obra completa”, e ter a confiança de seus ouvintes colocada na simples Palavra de Deus.

---

<sup>18</sup> 2 Pedro 1.10 (N. do T.).

<sup>19</sup> Rm 5.20 (N. do T.).

<sup>20</sup> Referência a uma etapa da caminhada cristã enfrentada pelo protagonista de “O Peregrino”, obra clássica de John Bunyan, o qual relata, em forma de alegoria, os percalços, ciladas, hostilidades etc. enfrentados pelo crente em sua jornada neste mundo, desde sua eleição e vocação até a glorificação final, mundo no qual é estrangeiro, livro cuja leitura, *data vènia*, recomendamos (N. do T.).

Enquanto um mal foi corrigido, outro foi cometido: enquanto a letra da Escritura foi honrada, a obra do Espírito foi (inconscientemente) desonrada. Supondo eles que tinham um remédio o qual certamente funcionaria em todos os casos semelhantes, o resultado foi uma obra superficial, a conseqüência da qual estamos agora colhendo. Milhares de almas que não dão evidência alguma de haverem nascido de novo estão muito confiantes de que Cristo as salvou.

Do breve esboço apresentado acima, vê-se que o pêndulo oscilou de um lado para o outro. O homem é uma criatura de extremos, e nada senão a graça divina pode habilitar qualquer um de nós a dirigir para o caminho do meio. Um cuidadoso estudo do curso da história da religião também revela o fato de que os servos de Deus foram obrigados, de tempos em tempos, a variarem sua ênfase. Isso é um significado daquela expressão, “e estejais confirmados na presente verdade” (2 Pedro 1.12), a saber, aquele particular aspecto ou linha de verdade que é a mais necessária em qualquer dado período. Em vez de ganhar terreno, os puritanos perdê-lo-iam se houvessem meramente ecoado o que os reformadores haviam ensinado. Não que Owen contradissesse Lutero, pelo contrário, *complementou-o*. Onde especial insistência é posta nos conselhos da graça soberana e da justiça imputada de Cristo, isso necessita ser seguido pela atenção sendo dirigida à obra do Espírito *dentro* dos santos. De igual maneira, onde muito ministério enfatizou o estado de Cristo, há necessidade de uma clara exposição de sua posição perante Deus.

É verdadeiramente deplorável que tão poucos tenham reconhecido a necessidade de *aplicar* o princípio que acabamos de mencionar. Tantos, tendo um zelo que não é temperado pelo entendimento<sup>21</sup>, supõem que, porque a alguns honrados servos de Deus no passado foi dado grande sucesso por haverem se detido tanto sobre uma linha particular da verdade, *eles* lograrão igual sucesso contanto que os imite. Mas circunstâncias alteram casos. Os diferentes estados através dos quais os cristãos professos passam, requerem diferentes ministérios. Há coisa tal como “a palavra *a seu tempo*” (Provérbios 15.23): ó que possa Deus agradar-se de abrir os olhos de muitos para verem *o que* é mais conveniente para os tempos degenerados nos quais nossa sorte está lançada, e conceda-lhes discernimento espiritual para reconhecerem que mesmo muitas porções da verdade divina podem provar-se altamente prejudiciais às almas se dadas *fora* de época.

Reconhecemos tal fato bastante facilmente em conexão com as coisas materiais, por que então somos tão devagar para reconhecê-lo no que concerne às coisas espirituais? Carnes e nozes são nutritivas, mas quem pensaria em alimentar um infante com elas? Assim também, enfermidades do corpo exigem mudança de dieta. O mesmo é verdadeiro para a alma. Para tornar isso mais claro, deixe-nos selecionar um ou dois casos extremos. A verdade da punição eterna deve ser fielmente pregada por todo servo de Deus, mas estaria uma mulher esmagada pela dor do marido ou do filho que acabou de perder em condições adequadas? A glória e a bem-aventurança do estado celestial é um precioso tema, mas seria apropriado apresentá-lo a um cristão professo que esteja intoxicado? A segurança eterna dos santos é claramente revelada na Escritura Sagrada, mas isso justifica chamar a atenção de um filho de Deus *apostatado* para isso?

Nossa introdução tem sido comprida, todavia, julgamo-la necessária para pavimentar o caminho para o que segue. O servo de Deus está se vendo hoje diante de uma tremendamente séria e solene situação. Ele tem de se silenciar sobre muito daquilo que lhe é

---

<sup>21</sup> Rm 10.2 (N. do T.).



o mais caro de tudo ao seu coração. Se ele tem de lidar fielmente com almas, ele deve se dirigir a si mesmo para a condição em que elas estão. A menos que ele esteja bastante vigilante quanto a si próprio, a menos que constantemente busque sabedoria e orientação de cima, provavelmente tornará o que está ruim em algo pior. Por todos os lados, há pessoas cheias de segurança, certas de que estão indo para o Céu; todavia, suas vidas diárias mostram claramente que estão enganadas, e que sua certeza é somente de tipo carnal. Milhares estão, para usar suas próprias palavras, “descansando em João 3.16”, ou 5.24, e não tem a mais leve dúvida de que passarão a eternidade com Cristo. Entretanto, é a obrigação estrita de cada real servo de Deus dizer à grande maioria deles que estão miseravelmente iludidos por Satanás. Ó que Deus possa se agradar de nos dar o ouvido e a atenção séria de alguns deles.

Algum tempo atrás lemos de um incidente o qual, até onde podemos relembrar, deu-se como segue. Quase cem anos atrás, as condições na Inglaterra estavam similares à que recentemente ficou este país. Os bancos estavam falindo, e as pessoas, tomadas de pânico. Um homem que havia perdido a confiança naqueles, sacou todo o seu dinheiro, em notas de cinco libras, e então foi a um amigo para convertê-las em ouro. As condições ficaram piores, outros bancos quebraram, e alguns dos amigos desse homem contaram-lhe que eles haviam perdido tudo o que era seu. Mui confiantemente, ele informou-lhes que havia sacado *seu* dinheiro, tinha-o convertido em ouro, e que isso foi secretamente escondido onde ninguém o poderia achar; de modo que estava perfeitamente a salvo. Um pouco depois, quando precisou comprar algumas coisas, foi a seu tesouro secreto e retirou cinco soberanos<sup>22</sup>. Ele foi de uma loja a outra, porém nenhuma os aceitou — não prestavam. Totalmente alarmado, foi a seu dinheiro oculto, apenas para descobrir que tudo era moeda falsa!

Agora, caro leitor, você também pode estar bem certo de que sua fé é “ouro” *verdadeiro*, e, todavia, estar enganado afinal. O perigo disso não é imaginário, mas real. O coração humano é desesperadamente corrupto (Jeremias 17.9, ARA). A Palavra de Deus claramente nos avisa que “Há uma geração que é pura aos seus olhos, e que *nunca foi lavada* da sua imundícia” (Provérbios 30.12). Você pergunta (ó que você *possa*, em profundo ardor e sinceridade), “como posso estar *certo* de que minha fé é a genuína e salvífica?” A resposta é, *teste-a*. Certifique-se de que é a “fé dos eleitos de Deus” (Tito 1.1). Verifique se a sua fé é ou não acompanhada daqueles *frutos* que são inseparáveis de uma dada por Deus e trabalhada pelo Espírito.

Provavelmente muitos estejam prontos para dizer: Não é preciso eu ser colocado em qualquer aborrecimento tal; *sei* que *minha* fé é salvífica, pois estou descansando na obra completa de Cristo. Mas, caro amigo, é tolice falar desse jeito. Deus Mesmo ordena Seu povo a “*confirmar* a... vocação e eleição” (2 Pedro 1.10). É isso uma exortação desnecessária? Ó não ponha sua vã confiança contra a sabedoria divina. É Satanás que está lutando tão duramente para manter a muitos longe dessa tarefa, para que não descubram que sua casa está construída na areia. Há esperança para quem descobre sua ilusão, mas nenhuma para aqueles que continuam acreditando na mentira do Diabo, e descansam contentes com a verdadeiramente real, porém *falsa*, paz que ele dá para tantas de suas pobres vítimas.

O próprio Deus fornece-nos *com testes*, e somos loucos se não nos aproveitarmos deles, e honestamente medirmo-nos por eles. “Estas coisas vos escrevi, *para que saibais* que tendes a vida eterna, e para que creiais no nome do Filho de Deus” (1 João 5.13). O Espírito Santo Mesmo moveu um de Seus servos para escrever uma Epístola inteira para instruir-nos

---

<sup>22</sup> Libras esterlinas (N. do T.).



*como* podemos saber se temos ou não a vida eterna. Parece uma questão fácil de ser determinada e estabelecida como tantos escritores e pregadores dos dias correntes a representam? Se nada mais que uma firme persuasão da verdade de João 3.16 ou 5.24 fosse necessária para me certificar da minha salvação, então porque Deus deu uma Epístola toda para nos instruir nessa matéria?

Que a alma realmente preocupada possa ler lentamente e de uma ponta a outra a primeira carta de João, e que devidamente observe que nenhuma vez nos cinco capítulos nos é dito: “Sabemos que passamos da morte para a vida *porque* estamos descansando na obra completa de Cristo”. A total ausência de uma tal afirmação deve, com certeza, nos convencer de que algo deve estar radicalmente errado com muito do ensinamento popular de hoje sobre o assunto. Mas não somente não existe tal declaração nessa epístola, a própria passagem que primeiro contém o familiar “sabemos” é bem o contrário do que está agora sendo advogado *como o fundamento* da segurança cristã. “E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos” (1 João 2.3). Não é claro o bastante? Uma *vida piedosa* é a primeira prova de que sou um filho de Deus.

Mas observemos a solene declaração que imediatamente segue: “Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade” (1 João 2.4). Tais palavras enfadam você? Não somos nós que as garantimos: elas são *de Deus*, não nossas. Você recusa a ler mais alguma coisa deste artigo? Isso pode ser um mau sinal: um coração *honesto* não teme a luz. Uma alma sincera é desejosa de ser sondada pela Verdade. Se você é incapaz de suportar agora a débil investigação de um de Seus servos, como sucederá no dia que está preste a vir, quando o Próprio Senhor perscrutará você de cima a baixo e de uma ponta a outra? Ó caro amigo, dê a sua pobre alma uma bela oportunidade, sê desejoso de averiguar se sua fé é de fato trigo, ou somente palha. Se ela provar ser a última, há ainda tempo para você se humilhar perante Deus e clamar-Lhe por uma fé salvífica. Mas naquele Dia será tarde demais!

“Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade” (1 João 2.4). Quão clara e categórica é essa linguagem! Quão terrível seu claro aviso! Não vê, caro leitor, esse verso claramente faz supor que *há* aqueles que alegam *conhecer* a Cristo, e, todavia, são mentirosos. O pai das mentiras os enganou, e está usando todo o seu poder para não deixá-los serem livres do engano. *Eis* o porquê do leitor não regenerado achar este artigo tão impalatável, e querer dar as costas a ele. Ó resista a tal inclinação, rogo-lhe. Deus nos dá esse mesmo versículo para que por ele meçamos a nós mesmos, e descubramos se a *nossa* “segurança de salvação” ficará de pé no teste de Sua Santa Palavra. Então não aja como a tola avestruz, que enterra sua cabeça na areia em vez de encarar o perigo.

Citemos mais um verso dessa primeira passagem do “sabemos”, na epístola de João: “Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado: nisto conhecemos que estamos nele” (1 João 2.5). Isso se acha em nítido contraste com o versículo precedente. O apóstolo foi aqui movido a colocar diante de nós algumas claras *evidências* escriturísticas de fé e amor espiritual, as quais constituem a diferença vital entre ovelhas e bodes. No versículo quatro é o adepto vazio quem diz “eu conheço Cristo como meu Salvador pessoal”. Ele possui um conhecimento teórico, porém não vital, a Seu respeito. Ele jacta-se de que está descansando na obra completa de Cristo, e está confiante de estar salvo; mas não guarda Seus mandamentos. Ainda agrada a si mesmo.

Como o preguiçoso de Salomão, ele é “mais sábio... a seus olhos do que sete homens que bem respondem” (Pv 26.16). Ele fala com ousadia, mas caminha imprudentemente.

No versículo cinco é o cristão autêntico que se tem em vista. *Ele não diz* “eu conheço”, antes *prova* isso. O apóstolo não está aqui apresentando Cristo como o Objeto imediato da fé, mas está descrevendo aquele que salvificamente fugiu para o Senhor atrás de refúgio, e isso, pelos efeitos produzidos. Nele, a Palavra de Cristo é tudo: seu alimento, sua meditação constante, seu mapa. Ele a “guarda”, na memória, no coração, na ação. Os “mandamentos” de Cristo ocupam seus pensamentos e orações tanto quanto Suas promessas. Tal Palavra operando nele subjuga seus desejos carnis, alimenta as graças divinas, e arrasta-os para o real exercício e ação. Ela tem um lugar *tal* em seu coração e mente que ele não pode senão dar prova da mesma em seu falar e caminhar<sup>23</sup>. *Desse* modo, o “amor de Deus está aperfeiçoado”: a semelhança da Família fica claramente estampada sobre ele; todos podem ver a *que* “pai” ele pertence — contraste com João 8.44.

“*Qualquer que guarda a sua palavra... nisto conhecemos que estamos nele*”. Guardar a Sua Palavra de modo perfeito? Não. Mas realmente, caracteristicamente, em profundo desejo e esforço honesto de assim fazer. Sim. Regeneração é aquele milagre da graça divina operado na alma que alinha as afeições na direção de Deus, que traz a vontade humana em sujeição à divina, e que produz uma real e radical mudança na vida. Tal mudança é do mundanismo à piedade, da desobediência à obediência. No novo nascimento, o amor de Deus é derramado no coração pelo Espírito Santo, e esse amor é manifesto em um anelo dominante e um propósito sincero de *agradar em tudo* Aquele que me tirou como um tição do fogo<sup>24</sup>. Há uma diferença maior entre o cristão genuíno e o professo iludido que entre um homem vivo e um cadáver. Ninguém precisa continuar em dúvida se *medir a si mesmo honestamente* pela Santa Palavra de Deus.

Só há espaço para nós considerarmos uma outra escritura neste artigo de abertura, que é a Parábola do Semeador. Por que o Senhor Jesus nos deu essa parábola? Por quê, senão para incitar-me à séria averiguação e ao exame diligente a fim de descobrir *que* espécie de “ouvinte” sou eu? Nessa parábola, Cristo assemelhou aqueles que ouvem a Palavra a vários tipos de solo sobre os quais caem as sementes. Ele dividiu-os em quatro classes diferentes. Três em quatro não produziram fruto à perfeição. Isso é extremamente solene e perscrutador. Em um caso, o Diabo tira a boa semente do coração (Lucas 8.12). Em um outro caso, eles “crêem por algum tempo, e no tempo da tentação se desviam” (Lucas 8.13). Noutro, eles “são sufocados com os cuidados, e riquezas e deleites da vida” (Lucas 8.14). Você, meu leitor, está descrito em um desses casos? Não ignore essa questão; rogamos a você: encare-a honestamente, e certifica-se *qual* dos vários solos representa seu coração.

Mas há alguns ouvintes de “boa terra”. E *como são eles identificados*? O que disse o infalível Filho de Deus a respeito deles? Como Ele os descreveu? Ele disse, “que os que caíram em boa terra são aqueles que descansam na Palavra de Deus, e não duvidam de Suas promessas; que foram totalmente persuadidos de que estão salvos, e, todavia, prosseguem vivendo a mesma espécie de vida como dantes”? Não, não foi isso que Ele disse. Antes, declarou, “E o que caiu em boa terra, esses são os que, ouvindo a palavra, a conservam num coração honesto e bom, e dão fruto com perseverança” (Lucas 8.15). Ah, caros leitores, o teste é o fruto: não conhecimento, não jactâncias, não ortodoxia, não gozo, mas fruto; e “fruto” *tal* que a mera natureza não pode produzir. É o fruto da Videira, a saber, a

<sup>23</sup> Outro trocadilho: ‘talk’ (falar) e ‘walk’ (caminhar) (N. do T.).

<sup>24</sup> Zc 3.2 (N. do T.).

*semelhança* a Cristo, sendo conformados à Sua imagem. Que o Espírito Santo possa sondar cada um de nós.

“Podem os verdadeiros crentes ser infalivelmente assegurados que estão no estado de graça, e que perseverarão nisso para a salvação?” Resposta: Aqueles que verdadeiramente confiam em Cristo, e esforçam-se por andar com toda boa consciência diante dEle (1 João 2.3), podem, sem revelação extraordinária, pela fé fundamentada sobre a verdade das promessas de Deus, e pelo Espírito capacitando-os a discernir em si próprios aquelas graças às quais as promessas de vida são feitas (1 João 3.14, 18, 19, 21, 24; Hebreus 6.11-12 etc.), e testemunhando com seus espíritos que são os filhos de Deus (Romanos 8.16), ser infalivelmente assegurados de que estão no estado de graça e nele perseverarão para salvação (1 João 5.13; 2 Timóteo 1.12).

“Segurança é a plena convicção do crente de que, mediante a obra de Cristo somente, recebida pela fé, está ele em posse de uma salvação na qual será eternamente mantido. E tal segurança repousa somente sobre as promessas àquele que crê”.

O leitor atento perceberá uma considerável diferença de doutrina nas duas citações dadas acima. A primeira é produto dos puritanos, a última é uma bela amostra do que a alardeada iluminação do século vinte produziu. Uma é extraída da Confissão de Fé de Westminster (a declaração doutrinária dos Presbiterianos), a outra é tirada da “Bíblia de Scofield”<sup>25</sup>. Na primeira, a balança da Verdade é proveitosamente preservada; na segunda, a obra e o testemunho do Espírito Santo são inteiramente ignorados. Esse exemplo é somente um dos fatos que poderíamos citar, o qual tristemente ilustra quão longe nós andamos para trás. A resposta dada pelos puritanos é calculada de modo a levar a sondagens no coração; a definição (se assim se pode chamá-la) do popular dispensacionista é própria para animar o iludido. Isso nos leva a considerar, mais definitivamente, a *natureza* da segurança.

---

<sup>25</sup> Bíblia de estudo (com notas de rodapé) muito popular entre os evangélicos norte-americanos, editada por C. I. Scofield, adepto da controvertida teologia dispensacional de J. N. Darby. Essa edição das Escrituras Sagradas foi a grande responsável pela propagação daquela doutrina, a qual doutrina muito se disseminou também entre as igrejas brasileiras, dependentes de suas matrizes estadunidenses. (N. do T.).

## 12. Sua Natureza

Começemos com a seguinte questão: Segurança *do quê*? Que as Sagradas Escrituras são a inspirada e infalível Palavra de Deus? Não, esse não é o nosso assunto. Seguro de que a salvação é somente pela graça? Não, pois nem é esse o nosso tema imediato. Antes, a segurança de que não mais estou em um estado natural, mas em um estado de graça; e isso, não como uma mera persuasão conjectural, mas descansando em evidência segura. É uma percepção bem-autenticada que não apenas minha mente foi iluminada no que concerne às grandes verdades da Palavra de Deus, mas que uma obra sobrenatural foi operada na minha alma, a qual fez de mim uma nova criatura em Cristo Jesus. Uma segurança de salvação conforme as Escrituras é aquele conhecimento que o Espírito Santo comunica ao coração através daquelas, que *minha* “fé” não é natural, mas “a fé *dos eleitos de Deus*” (Tito 1.1), que meu amor por Cristo é sincero e não fictício, que meu proceder no dia-a-dia é o de um homem regenerado.

A segurança dos santos é, como disseram os teólogos de Westminster, “pelo Espírito habilitando-os a discernir em si próprios aquelas graças às quais as promessas de vida são feitas”. Procuremos amplificar tal declaração. No começo de Mateus 5 descobrimos o Senhor Jesus pronunciando ser *bem-aventurada* uma determinada classe de pessoas. Não são elas chamadas de “crentes” ou “santos”, mas, antes, são descritas por seus caracteres; e é somente comparando a nós mesmos e a outros com a descrição que o Senhor Jesus deu ali, que estamos aptos a *identificar* os tais. Primeiro, Ele disse: “Bem-aventurados os pobres de espírito”. Ser “pobre de espírito” é ter o sentimento de que em mim, ou seja, na minha carne, “não habita bem algum” (Romanos 7.18). É a percepção de que estou expressamente destituído de toda e qualquer coisa que me poderia recomendar favoravelmente à atenção de Deus. É reconhecer que sou um fracasso espiritual. É a consciência, precisamente agora (não de anos atrás, quando fui primeiramente despertado), que estou sem força e sabedoria, e que sou uma criatura desamparada, completamente na dependência da graça e da misericórdia divinas. Ser “pobre de espírito” é o oposto do laodiceianismo, que consiste da autocomplacência e da auto-suficiência, imaginando que “rico sou... e de nada tenho falta”<sup>26</sup>.

“Bem-aventurados os que choram”. Uma coisa é crer na teoria de que, espiritualmente, sou um indigente, vivendo na miséria; outra, bem distinta, é ter um agudo senso disso na minha alma. Onde o último existe, há profundos exercícios do coração, os quais evocam o amargo choro: “Emagreço, emagreço, ai de mim!” (Isaías 24.16). Há profunda angústia por haver tão pouco de crescimento na graça, de frutos para a glória de Deus, um vil retorno pela Sua abundante mercê para comigo. Isso é acompanhado por uma descoberta que cada vez mais se aprofunda nas profundezas da corrupção que ainda está em mim. A alma descobre que, quando quer fazer o bem, é o mal que está consigo (Romanos 7.21). É afligido pelas moções da incredulidade, pelos inchaços do orgulho, pelo agitar da rebelião contra Deus. Em vez de paz, há guerra no íntimo; em vez de se dar conta das suas aspirações espirituais, o bem-aventurado é diariamente derrotado; até que o coração ferido clama, “Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?” (Romanos 7.24).

<sup>26</sup> Ap 3.17 (para uma melhor compreensão da razão do neologismo ‘laodiceianismo’, empregado pelo autor, sugerimos a leitura do trecho dos vv. 14-21 daquele capítulo) (N. do T.).

“Bem-aventurado os mansos”. Mansidão é *condescendência*. É o oposto de obstinação. Mansidão é docilidade e brandura de coração, que me tornam submisso e sensível à vontade de Deus. Observe então, caro leitor, essas três primeiras marcas do “bem-aventurado” não consistem em ações exteriores, mas em graças interiores; não em feitos vistosos, mas em estados de alma. Repare também que estão longe de serem características que farão de seu possuidor agradável e popular ao mundo. Quem sente a si mesmo como um indigente espiritual não será bem recebido pelos prósperos laodicenses. Aquele que diariamente lamenta por sua insuficiência, esterilidade, pecaminosidade, não será cortejado pelo que se acha justo. Quem é verdadeiramente manso não será procurado pelo pretensioso. Não, ele será zombado pelos fariseus e visto com menosprezo por aqueles que se jactam de estarem “fora de Romanos 7 e vivendo em Romanos 8”. Essas belas graças, as quais são de grande valia à vista de Deus, são desprezadas pelos inchados adeptos de hoje.

Não precisamos agora rever as outras marcas do “bem-aventurado” mencionadas pelo Redentor no início de Seu precioso Sermão do Monte, mas em uma outra daremos apenas uma olhada. “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça... Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem... por minha causa” (Mateus 5.10,11). Observe que tal antagonismo não é evocado pela injustiça, ou por uma ofensa bem fundamentada. Aqueles que são intratáveis, egoístas, altivos, maledicentes, cruéis, não têm direito algum de se abrigar atrás dessa beatitude, quando as pessoas os retaliam. Não, é onde a semelhança a Cristo no caráter e na conduta é atacada; onde a santidade prática condena os caminhos mundanos dos adeptos vazios, que excita sua inimizade; onde a humilde porém vital piedade não pode ser tolerada por aqueles que são destituídos da mesma. Bem-aventurado, disse Cristo, é o espiritual, a quem o carnal odeia; a gentil ovelha, a quem os cães abocanham.

Agora, caro leitor, busque graça para honestamente medir-se por esses critérios. Tais graças celestiais adornam a sua alma? Tais marcas daqueles a quem o Filho de Deus afirmou serem “bem-aventurados” estão estampadas no seu caráter? Você é de fato “pobre de espírito”? Nós dissemos “de fato”: pois é fácil adotar expressões e dar nomes a nós mesmos — se você fica ofendido quando algum outro aplica-os a você, isso mostra que você não é o que diz ser. Você “chora” por sua falta de conformidade a Cristo, pela debilidade de sua fé, pela frieza de seu amor? Você é “manso”? A sua vontade foi quebrantada e o seu coração, submetido a Deus? Você tem fome e sede de justiça? — você usa os meios da graça, sua pesquisa das Escrituras, suas orações, evidenciam isso? Você é “misericordioso”, ou crítico e severo? Você é “puro de coração”? Fica afligido diante da investida de uma imaginação impura? Se não, você não tem direito de se considerar “bem-aventurado”; antes, está sob a maldição de um Deus santo e que aborrece o pecado.

*Não* é se estão essas graças espirituais desenvolvidas *plenamente* dentro de você — isso nunca se dá nesta vida. Mas elas estão presentes de todo? Não é se você está completamente esvaziado do eu, mas se é seu desejo sincero e sua oração ardente assim ser. Não é se você “chora” tão profundamente quanto deve sobre o pecado residente e suas atividades, mas se você *sente* toda “a chaga” do seu próprio coração (1 Reis 8.38). Não é se você tem toda a mansidão que se possa desejar, mas há prova inequívoca de que sua raiz foi realmente comunicada à sua alma? Há um crescimento: “primeiro a erva, depois a espiga, e por último o grão cheio na espiga<sup>27</sup>”. Mas aquilo que não têm existência não pode ter crescimento algum. A “semente” (1 Pedro 1.23) foi plantada no seu coração? *Esse* é o ponto em que cada um de nós é chamado para se decidir — não para assumir, ou dar por certo, mas

<sup>27</sup> Mc 4.28 (N. do T.).



para fazê-lo “firme” (2 Pedro 1.10). E isso é feito quando fielmente examinamos nossos corações para descobrir se há ou não neles aquelas graças espirituais às quais são dirigidas as promessas de Deus.

Enquanto a certeza do Evangelho é o oposto da presunção carnal e das dúvidas incrédulas, está, todavia, longe de se opor ao completo auto-exame. Mas ai!, tantos são ensinados, e por homens altamente reputados por sua ortodoxia, que, se não está de fato errado, é, porém, altamente pernicioso para um cristão olhar para dentro de si. Há uma *balança* da verdade a ser observada aqui, como em tudo o mais. Que alguém pode se tornar introspectivo demais é prontamente admitido, mas que um cristão não deve nunca sondar seu próprio coração, testar sua fé, fazer escrutínio de seus motivos, e certificar-se de que há a “raiz da matéria” (Jó 19.28), contradiz muitas Escrituras claras. Regeneração é uma obra que Deus desempenha *dentro* de nós (Filipenses 1.6), e como o destino eterno depende da mesma, convém a cada alma séria esforçar-se ao máximo e averiguar se esse milagre da graça foi ou não operado dentro dela. Quando Paulo ficou em dúvida acerca do estado dos gálatas, ele disse: “Meus filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado *em vós*” (Gálatas 4.19). Assim escreveu ele aos colossenses: “Cristo *em vós*, esperança da glória” (Colossenses 1.27).

“Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, afim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em (ou ‘por’) Deus” (João 3.20,21). Eis uma das diferenças vitais entre quem é regenerado e quem não o é: o crer e o não crer. Não crer está longe de ser um erro de julgamento, ou engano especulativo no qual uma mente *honest*a possa cair; isso procede de inimizade de coração contra Deus. O homem natural, quando deixado a si próprio, odeia a luz perscrutadora de Deus (v.19), temeroso de que sua consciência seja inquietada, a falácia de sua presunçosa confiança exposta, e destrocada sua falsa paz. Porém, é exatamente o contrário com quem tem “um coração honesto e bom<sup>28</sup>”. Aquele que age sincera e conscientemente, desejando saber e fazer toda a vontade de Deus sem reservas, recebe bem a Luz.

O genuíno cristão crê no que a Escritura diz a respeito do coração natural, a saber, que é “enganoso... mais do que todas as coisas” (Jeremias 17.9), e a mais segura prova de que acredita *sim* nesse fato solene é que está profundamente preocupado de que “o seu coração enganado *o* desviou” (Isaías 44.20), e levou-o a crer que tudo estava bem com sua alma, quando em verdade ele estava “em fel de amargura, e em laço de iniquidade<sup>29</sup>”. Ele crê no que a Palavra de Deus diz acerca de Satanás, o grande enganador, e treme, pois, afinal de contas, o Diabo o enganou com uma falsa paz. Uma tal possibilidade, uma tal probabilidade, ocasiona-lhe muito exercício na alma. Como Davi antigamente (e todos os outros cristãos autênticos), ele falou com o seu próprio coração (Salmo 4.4), e seu “espírito *investigou* [fez uma busca diligente]” (Salmo 77.6). Ele volta-se para a luz da Escritura Sagrada, ansioso por ter seu caráter e conduta passando pelo escrutínio da mesma, desejando ter seus feitos manifestados, para saber se procedem do amor a si próprio ou de real amor a Deus.

Não é que estejamos aqui buscando encorajar qualquer confiança no eu, antes desejamos promover real confiança para com Deus. Uma coisa é assegurar-me de que amo a Deus, e outra bem distinta é eu achar satisfação em tal amor. O auto-exame que a Escritura ordena (em 1 Coríntios 11.28, por exemplo), *não* é com o propósito de encontrar algo dentro

<sup>28</sup> Lc 8.15 (N. do T.).

<sup>29</sup> At 8.23 (N. do T.).



de mim que me faça mais aceitável para com Deus, nem para servir de base para minha justificação perante Ele; mas é com o fito de descobrir se Cristo está sendo formado em mim. Há dois extremos dos quais se deve guardar: uma ocupação indevida com a obra *interna* do Espírito tal, que o coração seja tirado da obra de Cristo *por* seu povo; e uma ênfase tal que seja só sobre a justiça imputada de Cristo, enquanto a justiça *comunicada* pelo Espírito é ignorada e depreciada. É impossível que a Terceira Pessoa da Trindade ocupasse Sua habitação dentro de uma alma, sem efetuar uma radical mudança dentro dela: e é *isso* que preciso deixar claro. É a obra do Espírito dentro do coração que é a única prova infalível de salvação.

É perfeitamente verdadeiro que enquanto olho para dentro de mim e busco fielmente examinar meu coração na luz da Escritura, a obra do Espírito *não será tudo* o que hei de descobrir ali. Não, de fato: ainda permanece muita corrupção. O cristão genuíno acha clara evidência das duas naturezas, dois princípios contrários em ação dentro de si. Isso é destacado claramente, não somente em Romanos 7 e Gálatas 5.17, mas admiravelmente também em Cantares de Salomão: “Por que olhas para a Sulamita como para as fileiras de *dois* exércitos?” (Cantares de Salomão 6.13). Portanto, em seu presente estado, a Noiva diz: “Eu sou morena<sup>30</sup>, mas agradável, ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Quedar, como as cortinas de Salomão” (Cantares de Salomão 1.5). E novamente, “eu dormia, mas o meu coração velava” (Cantares de Salomão 5.2) — linguagem estranha ao homem natural, mas bem inteligível ao espiritual. E por essa razão também que a alma renovada tão freqüentemente descobre que se enquadra no caso da oração de Marcos 9.24: “Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade.”

É porque o cristão verdadeiro acha dentro de si mesmo tanta coisa que está em conflito, que é difícil para ele estar certo de seu real estado. E por isso ele clama mesmo: “Examina-me, Senhor, e prova-me; esquadrinha os meus rins e o meu coração” (Salmo 26.2). Aqueles que estão cheios de segurança e de confiança carnis, de vã presunção, não sentem necessidade alguma de pedir a Deus que *os* “prove”. Tão completamente Satanás os enganou, que eles imaginam que seria um ato de incredulidade assim proceder. Pobres almas, que “ao mal chamam bem, e ao bem mal; que fazem da escuridade luz, e da luz escuridade” (Isaias 5.20). Uma das mais seguras marcas de regeneração é aquela que leva a alma a freqüentemente clamar “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos; e vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno”.

Talvez alguns de nossos leitores estejam prontos para dizer: “eu não vejo que precise haver tanta dificuldade em se averiguar se alguém está na condição de salvo ou na de perdido — estou descansando sobre João 5.24, e isso é suficiente para mim”. Mas permita-nos assinalar, caro amigo, que João 5.24 *não é uma promessa* que Cristo deu a um discípulo individualmente, antes, é uma declaração doutrinária que Ele fez aos ouvidos de uma multidão de composição mista. Se quem objeta replicar: “eu creio que o versículo contém sim uma promessa, e estou me apoderando dela”, então possamos nós amavelmente perguntar: Você tem certeza de que ela pertence *a você*? Que João 5.24 contém uma preciosa promessa, alegremente reconhecemo-lo, mas a quem é feita? Examinemo-la: “Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida”.

<sup>30</sup> As versões inglesas são mais fiéis ao original, pois trazem aqui ‘dark’ (negra, escura) ou ‘black’ (preta). As Bíblias portuguesas, eufemisticamente, traduzem o termo hebraico original por ‘morena’ (N. do T.).

Tal promessa é feita a um caráter cabalmente definido, a saber, “quem *ouve a minha palavra*”. Agora, caro leitor, pode ser dito verdadeiramente que você é um que “ouve” Sua Palavra? Tem certeza? Não seja desencaminhado pelo mero som das palavras. A referência aqui não é ao ouvir do ouvido externo, mas à resposta do coração. Nos dias em que Ele residiu temporariamente na terra, houve muitos de quem o Senhor Jesus teve de dizer que “ouvindo [com o ouvido externo], não ouvem” com o coração (Mateus 13.13). Assim ainda é. “Ouvir” espiritualmente, “ouvir” salvificamente, é dar atenção (Mateus 18.15), é *obedecer* (Mateus 17.5; João 10.27; Hebreus 3.7). Ah,  *você é obediente*? Sonda as Escrituras diligentemente a fim de descobrir Seus mandamentos? Não para satisfazer a curiosidade ociosa, mas com o desejo de pô-los em prática? Ama-os? Está realmente *cumprindo-os*? Não uma ou duas vezes, mas com regularidade, como o principal texto da sua vida — pois repare que não é “ouvir”, mas “ouve”.

Alguém objeta: “tudo isso é afastar-se da *simplicidade* de Cristo; você está tirando-nos da Palavra, e procurando fazer com que fiquemos ocupados conosco mesmo”. Bem, não diz a Escritura: “Tem cuidado de ti mesmo” (1 Timóteo 4.16)? Porém, pode-se responder: “Não pode haver qualquer *certeza* enquanto nós, desgraçados, estivermos ocupados conosco mesmos; prefiro permanecer na Palavra escrita”. Quanto a isso, não temos objeção alguma: o que estamos insistindo aqui é na necessidade vital de certificar-se de que as porções da Palavra que você cita ou que nela está descansando, dizem honestamente *respeito a você*. O leitor pode me apontar “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo” (Atos 16.31) e perguntar: não é isso claro o suficiente? Mas você já notou, caro amigo, a quem o apóstolo dirigiu aquelas palavras, e a todas as circunstâncias de então?

Não foi a uma multidão promíscua, nem a uma alma negligente e despreocupada que os apóstolos disseram: Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo. Antes, foi a uma alma despertada, profundamente exercitada e penitente, que se colocara no pó, e em profunda angústia clamou: “Que é necessário que eu faça para me salvar?”<sup>31</sup> Entretanto, qual é o *uso* que você está fazendo de Atos 16.31? Você responde: “Este: aquelas palavras são divinamente simples, eu creio em Cristo, logo estou salvo; *Deus* assim o diz, e o Diabo não pode me abalar”. Possivelmente o Inimigo não esteja preocupado também; pode bem ser que esteja contente por você reter uma confiança carnal. Porém, observe, caro amigo, os apóstolos não disseram ao surpreendido carcereiro para “crer em Jesus”, nem para “crer em Cristo”, mas para “crer *no Senhor Jesus Cristo*”.

O que quer dizer “crer” *salvificamente*? Temos procurado responder a essa questão em detalhes em nossos artigos recentes sobre “A Fé Que Conduz À Salvação”. Mas deixemos agora dar uma breve resposta. João 1.12 deixa-nos claro que “crer” é “receber”, receber o “*Senhor Jesus Cristo*” (Colossenses 2.6). Cristo não é o Salvador de ninguém antes que seja recebido como SENHOR. O contexto imediato mostra claramente o caráter particular no qual Cristo é visto aqui: “Veio para o que era *seu*” (João 1.11); Ele era o legítimo Proprietário, porque o Senhor. Mas “os seus não o receberam”; não, eles declararam: “Não queremos que este reine sobre nós” (Lucas 19.14). Ah, caro amigo, isso é perscrutador. Você *recebeu o “Senhor Jesus Cristo”*? Não perguntamos: “Você está descansando em sua obra completa?” mas, sim, se você se curvou ao Seu cetro e reconheceu Sua autoridade de uma maneira *prática*. Você *rejeitou seu próprio* senhorio pecaminoso? Se não, certamente *não creu no “Senhor Jesus Cristo”*, e, por conseguinte, as promessas de Atos 16.31 não pertencem a você.

<sup>31</sup> At 16.30 (N. do T.).

“Mas se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Romanos 8.9). *Isso* faz parte da Palavra de Deus tanto quanto Atos 16.31. E não o ouvimos ser citado com tanta freqüência! E como pode qualquer um *saber* que o Espírito de Cristo habita nele? Somente descobrindo dentro de si os *frutos* de sua graça regeneradora e santificante. *Não* que tais “frutos” ou “boas obras” do cristão sejam de alguma maneira ou em certo grau meritórios. Não, não; mas são a *evidência* se sua filiação divina.

### 13. Sua Base

A tarefa a qual esses artigos põem diante de nós não é de modo algum fácil de se executar. Por um lado, desejamos nos guardar de tirar de “pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos<sup>32</sup>”; por outro, é nossa ardente oração que possamos estar livres da culpa de lançar uma pedra de tropeço diante de qualquer um dos “pequenos” de Deus<sup>33</sup>. O que ocasiona nossa dificuldade é o desejo de desmascarar certa profissão vazia e o de sermos usados por Deus para escrever aquilo que, sob a atuação livre de Seu Espírito, possa ser usado para remover as escamas dos olhos<sup>34</sup> daqueles que, ainda que não regenerados, estão descansando com confiança carnal em algumas das promessas divinas dadas àqueles que estão em Cristo — pois quando um pecador está fora dEle nenhuma das promessas lhe pertencem: v. 2 Coríntios 1.20. Entretanto, convém-nos buscar sabedoria de cima para que possamos escrever de modo tal que qualquer um dos de Cristo que ainda não estejam estabelecidos na fé não concluam que ainda estejam mortos em ofensas e pecados<sup>35</sup>.

Tendo perante nós o duplo objetivo supracitado, façamos a seguinte questão: Uma simples fé em Cristo é suficiente para salvar uma alma agora e para toda a eternidade? Correndo o risco de que alguns leitores deixem este artigo de mão e se recusem a continuar na sua leitura, respondemos sem hesitar: Não, não é. O Próprio Senhor Jesus Cristo declarou: “Se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis” (Lucas 13.3). Arrependimento é parte essencial da salvação tanto quanto crer o é. Outra vez, lemos: “ó homem vão, queres tu saber que a fé sem obras é morta?” (Tiago 2.20). Uma “fé simples” que fique só nisso, uma fé que não purifique o coração (Atos 15.9), que não opere por caridade (Gálatas 5.6), e que não vença o mundo (1 João 5.4), não salva a ninguém.

Muita confusão é causada em muitos arraiais por causa do fracasso em se definir claramente *do que é* que o pecador precisa ser salvo. Com demasiada freqüência, o pensamento de muitos está restrito à questão do Inferno. Mas essa é uma concepção mui inadequada, e freqüentemente prova ser a mais enganosa. A única coisa que sempre pode levar qualquer criatura ao Inferno é o pecado não arrependido e não *perdoado*. Já na primeira página mesmo do Novo Testamento o Espírito Santo singularmente nela registrou que o encarnado Filho de Deus foi chamado “JESUS; porque ele salvará o seu povo *dos seus pecados*” (Mateus 1.21). Por que é que aquilo que Deus colocou no frontispício é relegado ao último lugar pela maioria dos modernos evangelistas? Perguntar a uma pessoa se ela foi salva do Inferno é muito mais ambíguo do que inquirir se foi salva de seus pecados.

Tentemos ampliar este título, pois milhares de cristãos professos nestes dias têm senão uma idéia a mais vaga do que seja ser liberto *do pecado*. Primeiro, significa ser salvo do *amor* ao pecado. O coração do homem natural está unido a tudo que é oposto a Deus. Ele pode não reconhecê-lo, pode não estar cômico disso; todavia, tal é um fato. Tendo sido formado em iniquidade e concebido em pecado (Salmo 51.5), o homem não pode senão estar enamorado do que é agora parte e parcela de seu próprio ser. Quando o Senhor Jesus explicou por que o não salvo está sob condenação, Ele declarou: “Os homens *amaram mais as trevas* do que a luz” (João 3.19). Nada a não ser uma sobrenatural transformação do coração pode

<sup>32</sup> Mt 15.26 (N. do T.).

<sup>33</sup> Lc 17.1,2 (N. do T.).

<sup>34</sup> At 9.17,18 (N. do T.).

<sup>35</sup> Ef 2.1 (N. do T.).

libertar alguém de seu terrível estado. Somente um Redentor onipotente pode nos levar a “abominar” (Jó 42.6) a nós mesmos e a sentir desgosto pela iniquidade. Isso Ele faz quando salva uma alma, pois “o temor do Senhor é *aborrecer o mal*” (Provérbios 8.13).

Segundo, sermos salvos de nossos pecados é sermos *libertos* de fazer concessão a eles. É a invariável tendência do coração natural desculpar-se pelo malfeito, atenuá-lo e encobri-lo. No início, Adão declinou de reconhecer sua culpa, e procurou lançá-la sobre sua esposa. Deu-se o mesmo com Eva: em vez de honestamente admitir sua perversidade, tentou colocar o ônus sobre a serpente. Mas quão diferente é a atitude da pessoa regenerada para com o pecado! “Porque o que faço *não o aprovo*” (Romanos 7.15): Paulo cometia pecado, mas não aprovava, muito menos procurou justificá-lo. Ele desaprovava toda amizade para com aquele. Pelo contrário; o real cristão arrepende-se de seu delito, confessa-o a Deus, chora sobre ele, e ora ardentemente para ser guardado de repetir o mesmo. Orgulho, frieza, preguiça, ele odeia; todavia, dia a dia descobre que esses estão confirmando seu poder sobre ele; todavia, todas as noites ele retorna à Fonte que foi aberta “contra o pecado, e contra a impureza” (Zacarias 13.1), para seja purificado. O verdadeiro cristão deseja obedecer a Deus à perfeição, e não pode satisfazer-se com nada menos que isso; e em vez de suavizar suas falhas, ele as lamenta.

Terceiro, sermos salvos de nossos pecados é sermos *libertos* de seu *poder reinante* ou domínio. O pecado ainda habita no cristão, tentando, aborrecendo-o, magoando-o, e diariamente o apanhando em falso: “todos tropeçamos em muitas coisas” (Tiago 3.2). Entretanto, o pecado não é o senhor total do cristão, pois ele o resiste e o combate. Enquanto longe de ser completamente exitoso nessa peleja, todavia, por outro lado, há uma enorme diferença entre ele e os desamparados escravos de Satanás. Seu arrependimento, suas orações, suas aspirações por santidade, seu esforço rumo ao alvo que está posto perante si, tudo testemunha para o fato de que o pecado *não* tem “domínio” sobre ele (Romanos 6.14). Sem dúvida, há grandes diferenças entre os filhos de Deus: em Sua alta soberania, Ele concede mais graça a um que a outro. Alguns de Seus filhos estão mais infectados pelos pecados de constituição do que outros. Alguns que estão mais amplamente livres de transgressões exteriores ainda gemem sobre as interiores. Alguns que estão grandemente guardados dos pecados de comissão têm, todavia, de lastimar os de omissão. Todavia, o pecado não mais tem domínio completo sobre qualquer que pertence aos domésticos da fé<sup>36</sup>.

A última proposição talvez possa desencorajar alguns que tenham uma consciência sensível. Quem é realmente honesto consigo mesmo e tem seus olhos abertos o suficiente para ver a terrível pecaminosidade do eu, e que está se tornando mais e mais familiarizado com tal esgoto de iniquidade, com tal massa de corrupção que ainda o habita, muitas vezes sente que o pecado o governa mais completamente agora do que nunca. Quando ele anela confiar em Deus de todo seu coração, a incredulidade parece paralisá-lo. Quando ele deseja estar completamente entregue à abençoada vontade de Deus, murmurações e rebeliões agitam-se dentro de si. Quando ele gostaria de passar uma hora meditando nas coisas divinas, imaginações malignas o fustigam. Quando ele deseja ser mais humilde, o orgulho procura enchê-lo. Quando quer orar, sua mente vagueia. Quanto mais ele combate contra esses pecados, mais a vitória parece estar longe. Para ele, parece que o pecado é muitíssimo senhor seu, e Satanás lhe diz que sua profissão é vã. O que devemos dizer a uma tão cara alma que esteja profundamente exercitada sobre esse problema? Duas coisas.

---

<sup>36</sup> Gl 6.10 (N. do T.).

Primeiro, o próprio fato de que você está cômico desses pecados e tão preocupado quanto ao seu fracasso de derrotá-los, é um sinal *saudável*. É o cego que não pode ver; é o morto que não pode sentir — tanto o natural quanto o espiritual. Somente aqueles que tenham sido ressuscitados para a novidade de vida<sup>37</sup> são capazes de terem real tristeza pelo pecado. Além do mais, tais experiências como as que mencionamos acima evidenciam *crescimento espiritual*: um crescimento no conhecimento de si. Como o sábio nos diz, “o que aumenta em ciência aumenta em trabalho” (Eclesiastes 1.18). Na luz divina vemos a luz (Salmo 36.9). Quanto mais o Espírito Santo revela a mim as altas reivindicações da santidade de Deus, mais eu descubro quão longe estou de satisfazê-las. Deixe a luz do meio-dia adentrar uma sala escura, e o pó e a sujeira outrora invisíveis serão agora claramente vistos. Assim é com o cristão: quanto mais a luz divina entra em seu coração, mais ele descobre a imundície espiritual que ali reside. Amado irmão, ou irmã, não é que você esteja se tornando mais pecaminoso, mas que Deus está agora dando a você uma mais clara e mais plena vista de sua pecaminosidade. Louve-O por isso, pois os olhos da maioria de nossos companheiros (incluindo os religiosos) estão cegos, e não podem ver o que tanto angustia você!

Segundo, lado a lado com o pecado em seu coração está a *graça*. Há uma nova e santa natureza dentro do cristão tanto quanto a velha e profana. A graça está ativa dentro de você, tanto quanto o pecado. A nova natureza está influenciando sua conduta tanto quanto a velha. Por que é que você deseja tanto *ser* conformado à imagem de Cristo, confiar nEle plenamente, amá-Lo fervorosamente, e servi-Lo com diligência? Tais anelos não procedem da carne. Não, meu angustiado irmão ou irmã, o pecado *não é* seu senhor *completamente*; se fosse, todas as aspirações, orações, e combates pela santidade estariam banidos de seu coração. Há “fileiras de dois exércitos” (Cantares de Salomão 6.13) lutando para ganharem o controle sobre o cristão. Como se deu com nossa mãe Rebeca — “os filhos lutavam dentro dela” (Gênesis 25.22) — assim é conosco. Porém, a própria “luta” mostra que a questão não está ainda decidida: tivesse o pecado *conquistado*, a alma não mais estaria apta a resistir-lhe. O conquistador desarma seu inimigo a fim de que esse não possa mais pelear novamente. O próprio fato de que você ainda está “combatendo” prova que o pecado não venceu você! Pode parecer-lhe que logo ele vencerá: mas a questão está fora de dúvida — Cristo ainda salvará você da própria *presença* do pecado.

Tendo procurado nos parágrafos acima dar atenção à injunção encontrada em Hebreus 12.12,13 para tornar “a levantar as mãos cansadas, e os joelhos desconjuntados”, e fazer “veredas direitas” para os pés dos pequenos de Deus, “*para que* o que manqueja se não desvie inteiramente”, vamos novamente dirigir nossa atenção àqueles que “não têm dúvidas” sobre a *sua* aceitação em Cristo, e que talvez não sintam necessidade pessoal alguma pelo que foi dito acima. O Senhor declarou que uma árvore é conhecida por seus frutos<sup>38</sup>, assim não pode haver qualquer coisa errada em examinar a árvore do nosso coração, para averiguar *que* espécie de “fruto” ela está agora produzindo, e descobrir se o tal procede da mera natureza, ou se emana apenas da graça residente. Pode-se imediatamente objetar: Mas nada espiritual pode sair de nós mesmos. De nossa *natureza* mesma, não; mas de uma pessoa *regenerada*, sim. Mas como uma árvore má pode ser diferente? Cristo disse: “fazei a árvore boa, e o seu fruto bom” (Mateus 12.33). Isso é tipificado por enxertar um galho novo num tronco velho<sup>39</sup>.

Todas as pretensões ao presente gozo da segurança da fé por aqueles cujas vidas diárias são inconvenientes para os padrões do Evangelho não têm alicerce. Aqueles que estão

<sup>37</sup> Rm 6.4 (N. do T.).

<sup>38</sup> Lc 6.44 (N. do T.).

<sup>39</sup> V. Rm 11.17,18 com Jo 15.1-6 (N. do T.).



confiantes de haverem adentrado aquela Felicidade Eterna a qual consiste muitíssimo de uma perfeita liberdade de todo pecado, mas que agora se *permitem* à prática do pecado (persuadindo a si próprios de que Cristo tenha totalmente expiado o mesmo), estão iludidos. Ninguém que verdadeiramente deseja ser livre do pecado no futuro, não anseia sinceramente por abandoná-lo no presente. Quem não almeja ter santidade aqui está tremendamente enganado se imagina que a desejará no futuro. A glória não é senão a graça consumada; a vida celestial não é senão o desenvolvimento pleno da vida regenerada na terra. Nem a morte nem a segunda vinda de Cristo efetuará qualquer mudança radical no cristão: somente será perfeito quem *já* o foi e é. Qualquer, então, que afete segurança de sua salvação, que se jacte de ter recebido perdão e de presentemente possuir a vida eterna, mas que não tenha uma experiência de profundo pesar pelo pecado, de real indignação contra ele, e ódio de si mesmo devido às transgressões, não sabe absolutamente nada do que seja a *santa segurança*.

Ao considerar a *base* da segurança do cristão, devemos distinguir atentamente entre a base de sua *aceitação perante* Deus, e seu próprio conhecimento *de que é* aceito por Ele. Nada senão a justiça de Cristo por Ele revelada em Sua vida virtuosa e em Sua morte vicária pode dar a qualquer pecador uma posição legal diante do Deus trinamente Santo. E nada que não seja a comunicação de uma nova natureza, uma obra sobrenatural da graça no interior, pode fornecer prova de que a justiça de Cristo *foi posta* à minha conta<sup>40</sup>. A quem Deus legalmente salva, ele salva experimentalmente; a quem ele justifica, Ele também santifica. Onde a justiça de Cristo é *imputada* a um indivíduo, um princípio de santidade é comunicado a ele; o primeiro pode somente ser verificado pelo segundo. É impossível obter um conhecimento escriturístico de que os méritos da obra consumada de Cristo são levados à minha conta, exceto provando que a eficácia da obra do Espírito Santo esteja evidente em minha alma.

“Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição” (2 Pedro 1.10). Por que *essa ordem*, a “vocação” vindo antes da “eleição”? É o inverso do que encontramos em Romanos 8.29,30: “aos que (1) destinou, a estes também (2) chamou”; mas aqui em Pedro ordena-se ao cristão para fazer cada vez mais firme (1) sua “vocação” e (2) sua “eleição”. Por que essa alteração na ordem? A resposta é simples: em Romanos 8.29,30, trata-se da execução dos eternos conselhos de Deus; mas em 2 Pedro 1, é a obtenção pelo cristão de um conhecimento experimental do mesmo que se tem em vista. Eu tenho de voltar do efeito para a causa, para examinar o fruto a fim de descobrir a natureza da árvore. Eu não tenho acesso imediato ao livro da vida do Cordeiro<sup>41</sup>, mas se posso conseguir prova clara de que tenho sido chamado eficazmente por Deus das trevas da inimizade do pecado para a luz da reconciliação, então *sei* que *meu* nome está lá escrito.

E *como* devo fazer “cada vez mais firme a... vocação e eleição?” O contexto da passagem diz-nos mui claramente. Nos versículos 5-7 lemos: “E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência. E à ciência temperança, e à temperança paciência, e à paciência piedade, e à piedade amor fraternal; e ao amor fraternal caridade”. Aí temos um resumo daquelas graças que compõem o caráter cristão. A palavra “acrescentar” significar “suprir em conexão com”, exatamente como num coral um número de componentes e vozes se unem para gerar harmonia; ou, como num arco-íris as várias cores, lado a lado, misturam-se num todo belo. Nos versículos anteriores o apóstolo havia falado da graça divina manifestada para com Seus eleitos: pela regeneração

<sup>40</sup> Rm 4.22-24 (N. do T.).

<sup>41</sup> Ap 20.12 (N. do T.).

eles haviam “escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo<sup>42</sup>”. Agora ele adiciona: não fiquem descansados e satisfeitos com uma salvação negativa, mas esforcem-se pela perfeição, ponham toda a energia para acrescentar à fé essas virtudes. A fé não pode ficar sozinha, mas deve ser suplementada e adornada pelas outras graças espirituais.

Nos versículos 8,9 o Espírito moveu o apóstolo para pôr diante de nós as conseqüências da conformidade ou não com as obrigações especificadas nos versos 5-7. “Estas coisas” no versículo 8 são as sete graças dos versos precedentes. Se “toda a diligência” for devotada à aquisição e ao cultivo dessas belas virtudes, então uma conseqüência certamente virá: como a causa está para o efeito, assim a produção de fruto depende da diligência do cristão. Assim como a negligência de nosso alimento diário levar-nos-á à magreza e debilidade, tal como a falta de exercícios deixa os músculos flácidos, assim o descuido da injunção divina do versículo 5 produz esterilidade da alma, falta de visão, e perda da santa segurança. Isso nos leva agora ao verso 10.

O “portanto, irmãos”, do versículo 10 aponta para um contraste da triste tragédia apresentada no verso 9. Aí vemos os lamentáveis resultados de estar em apostasia de alma. Na vida cristã, não há que se ficar parado: quem não progride, regride. Quem não atenta diligentemente aos preceitos divinos, logo perde o bem das promessas divinas. Quem não acrescenta ou associa à sua “fé” as graças mencionadas nos versículos 5-7, em breve cairá sob o poder da incredulidade. Quem não cultiva o jardim de sua alma, descobrirá rapidamente que o joio tomará conta. Quem negligencia as exortações de Deus perderá o gozo de Sua salvação, e resvalará a um tal estado de dúvida que irá seriamente questionar sua filiação divina. Para impedir isso o apóstolo diz: “Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição”.

Então, o significado óbvio dessa exortação em 2 Pedro 1.10 é: ajam, esforcem-se para assegurar evidência satisfatória de que vocês estão entre os efetivamente chamados e eleitos de Deus. Que não haja nenhuma dúvida ou incerteza acerca disso: vocês professam ser filhos dEle, então justifiquem sua profissão cultivando o caráter e mostrando a conduta consentâneos. Isso é prova certa de que algo mais do que meramente descansar sobre João 5.24 ou Atos 16.31 é exigido de nós! É somente na medida que o cristão manifesta o fruto de uma genuína conversão que ele está apto a considerar a si mesmo e a ser considerado pelos outros como um dos chamados e eleitos por Deus. É apenas na proporção em que acrescentamos a nossa fé as outras graças cristãs que temos base sólida na qual colocar a segurança de que pertencemos à família de Cristo. Não é aqueles que são governados pela obstinação, mas “todos os que são guiados pelo Espírito de Deus esses são filhos de Deus” (Romanos 8.14).

“Em tempos tão críticos aos interesses da religião vital, e entre tão terríveis apostasias da fé como as que diariamente somos convocados a contemplar, surge uma mui angustiante pergunta no peito do humilde: Não há método algum, sob a divina graça, pelo qual o crente possa chegar a uma bem alicerçada segurança concernente às grandes verdades do Evangelho? Não lhe é possível estar firmemente estabelecido naquelas grandes verdades, de modo que possa não somente estar sempre preparado ‘para responder... a qualquer que... pedir a razão da esperança’ que há nele<sup>43</sup>, mas também desfrutar desse conforto em sua própria mente, para que sua fé não se apóie ‘em sabedoria dos homens, mas no poder de

<sup>42</sup> 2Pd 1.4b (N. do T.).

<sup>43</sup> 1Pd 3.15 (N. do T.).

Deus<sup>44</sup>? A essa pergunta repondo: Sim, bendito seja Deus, há. Um infalível método é descoberto, a um só tempo capaz de dar-lhe segurança contra a possibilidade de se apostatar e lhe proporcionar conforto e satisfação à própria mente, a respeito das grandes verdades divinas; a saber, pela *obra do Espírito no coração*; pelas doces influências do qual pode ele encontrar ‘gozo e paz em crença, para que... [abunde] em esperança pela virtude do Espírito Santo<sup>45</sup>’ (Robert Hawker, 1803).

A segurança cristã, então, é um conhecimento bíblicamente fundamentado de que estou no Caminho Estreito que leva à vida<sup>46</sup>. Desse modo, é baseado na Palavra de Deus; contudo, consiste do Espírito Santo capacitando-me a discernir em mim mesmo um caráter ao qual as promessas divinas são dirigidas. Temos agora a mesma palavra para medirmo-nos a nós mesmos da qual Deus se valerá para nos julgar no Dia Vindouro. Portanto, convém a cada alma séria, em oração e de forma cuidadosa, verificar nas Escrituras as marcas que Seus filhos portam, por um lado, e, por outro, as características de sua própria alma e vida, e determinar se há qualquer semelhança entre elas. Encerraremos esta seção com uma citação do santo Samuel Rutherford (1637).

“Tu podes te comparar e reprovar a ti caso não haja as marcas que seguem: se prezas a Cristo e Sua verdade tanto que venderias tudo e comprá-Lo-ia, e por ela sofrerias; se o amor a Ele te leva a não pecar mais do que a lei ou o inferno o fariam; se és humilde, e nega a sua própria vontade, sabedoria, reputação, argumentos, honra, o mundo e sua vaidade e glória. Tua profissão não deve ser estéril e vazia de boas obras. Em tudo debes ter por alvo *honrar a Deus*; debes comer, dormir, comprar, vender, sentar, ficar de pé, falar, orar, ler e ouvir a Palavra com um propósito de coração de que Ele deve ser honrado. Familiarize-te com a oração diária; entregue todos os teus caminhos e ações a Deus pela oração, súplica e ação de graças<sup>47</sup>; e não consideres o ser zombado como muita coisa, pois Cristo Jesus também o foi antes de ti”.

---

<sup>44</sup> 1Co 2.5 (N. do T.).

<sup>45</sup> Rm 15.13 (N. do T.).

<sup>46</sup> Mt 7.13,14 (N. do T.).

<sup>47</sup> Fp 4. 6 (N. do T.).

## 14. Sua Obtenção

Escrevendo a um grupo de santos, o apóstolo foi inspirado a declarar: “Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará (ou ‘completará’) até ao dia de Jesus Cristo” (Filipenses 1.6). *Isso* é o que distingue os filhos de Deus regenerados dos adeptos vazios, daqueles que tendo “nome de que vive”, contudo estão espiritualmente mortos (Apocalipse 3.1). Isso é o que diferencia os cristãos verdadeiros dos iludidos. E no que essa “boa obra” que começou no *interior* do salvo consiste? Ela é descrita de modo variado em diferentes Escrituras. É o coração sendo purificado pela fé (Atos 15.9). É o amor de Deus sendo derramado no coração pelo Espírito Santo (Romanos 5.5). É as leis divinas sendo escritas nos seus corações (Hebreus 8.10). Desse modo, a *natureza* da segurança cristã é um conhecimento bem fundamentado de que sou um filho dEle. A *base* dessa segurança é que há uma harmonia inequívoca entre *meu* caráter, experiência e vida, e a descrição que as Sagradas Escrituras fornecem dos caracteres, experiências e vidas dos filhos de Deus. Portanto, a *obtenção* da segurança se faz por um escrutínio imparcial de mim mesmo e de minha honesta comparação com as marcas de que a Bíblia fala terem Seus filhos.

Uma segurança confiável e satisfatória somente pode ser obtida ou alcançada por meio de um completo auto-exame. “Portanto, ó cristão, não descanses até que consigas exigir descanso de si próprio. Não sentes sem a segurança. Fica só, e traga o teu coração às barras do tribunal: força-o a responder os interrogatórios postos para ele; põe as qualificações dos santos de um lado, e as de tua alma de outro, e então julga que semelhança há entre eles. Tens a mesma Palavra diante de ti, pela qual julgas a ti agora, como tu deverás por ela ser julgado naquele grande dia. Podes ler lá os mesmos artigos sobre os quais deverás ser julgado; julgue a ti mesmo por eles, então. Podes ali saber de antemão em quais termos os homens serão absolvidos ou condenados. Julgue agora se tu estás em posse daquilo que te livrará, ou se estás na condição daqueles que hão de ser condenados; e, de acordo com isso, absolva ou condena a ti mesmo. Todavia certifica de que julgas por um critério verdadeiro, e não se equivoque sobre a descrição que a Escritura faz do santo, para que não absolva nem condene a ti mesmo por engano” (*The Saint’s Everlasting Rest*, Richard Baxter, 1680).

A necessidade de tal auto-exame é de fato grande, pois multidões estão iludidas, mui certas de que são cristãs, todavia sem aqueles sinais. “Eles dizem ser salvos, e apegam-se a isso, e pensam que é uma desgraça duvidar de tal; todavia, não têm razão alguma para assegurar sua confiança. Há uma grande diferença entre presunção e segurança plena. A segunda é justa: está fundada em chão firme. A primeira toma-a como certa, descaradamente pronuncia possuí-la sem ter direito algum de forma alguma. Toma cuidado, rogo-te, de presumir que estás salvo. Se teu coração está renovado, se tu odeias as coisas que outrora amavas, e amas as coisas que antes detestavas; se realmente arrependeste; se há uma mudança de mente completa em ti; se nascestes de novo, então tens razão para regozijar: mas se não há mudança vital alguma, nenhuma piedade interior; se não há nenhum amor a Deus, nenhuma oração, nenhuma obra do Espírito Santo, então dizeres tu: ‘Sou salvo’, é senão afirmação sua, e essa pode te iludir, mas não livrará a ti” (C. H. Spurgeon, comentando 1 Crônicas 4.10).

Ó que esforços Satanás demonstra para manter as pessoas fora dessa vitalmente importante e de todo necessária tarefa de auto-exame. Ele sabe muito bem que se muitas de suas iludidas vítimas começarem a fazer isso com sinceridade, logo descobririam que

nenhum milagre da graça divina foi operado nelas, o que as levaria a buscarem ao Senhor de todo coração. Ele sabe também que os autênticos cristãos ganhariam muita vantagem contra o poder do pecado residente caso sondassem a fundo seus próprios corações. Muitos são desviados dessa sadia ocupação pelo maligno exemplo dado por muitos que hoje trazem o nome de Cristo. Não poucos argumentam, se ele ou ela (que alega ser um cristão ou cristã há bem mais tempo e parece conhecer a Bíblia muito melhor que eu), é tão mundano, tão governado pela “concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida<sup>48</sup>”, e tão certo de que vai para o Céu, por que deveria eu estar preocupado?

Porém, *o estado do coração dos homens* é o que faz com que tantos se desobriguem de sua incumbência. Alguns são tão ignorantes que não sabem o que é auto-exame, nem o que um servo de Deus quer dizer quando procura persuadi-los a *examinarem* a si mesmos (2 Coríntios 13.5). Outros têm tanto amor ao pecado e tanta aversão aos santos caminhos de Deus, que nem se arriscam a pôr os seus estados à prova, para que não sejam forçados a saírem do curso de que tanto gostam, para um que tanto aborrecem. Outros estão tão absorvidos pelas coisas do mundo, e tão ocupados com o seu sustento e o de suas famílias, que dizem, “rogo-te que me hajas por escusado” (Lucas 14.18). Outros são tão indolentes que não podem ser instigados a qualquer consideração para se esforçarem o tanto que é necessário para se conhecer o próprio coração.

O orgulho afasta a muitos. Têm um elevado conceito de si mesmos. Estão tão certos de *sua* salvação, tão inteiramente convencidos de que tudo está em ordem entre suas almas e Deus, que julgam qualquer busca por *prova* e teste de si mesmos pela Escritura para ver se *possuem* as marcas daqueles que são “novas criaturas em Cristo Jesus<sup>49</sup>”, como mui desnecessária e supérflua. Foram criados numa atmosfera religiosa onde ninguém dentre aqueles que professavam o nome de Cristo expressava quaisquer dúvidas a respeito de seu estado. Foram ensinados que tais dúvidas são do Diabo, que isso é questionar a veracidade da Palavra de Deus. Ouviram tantos afirmarem que “eu *sei* que meu Redentor vive”, que sentem-se no dever de ecoar isso, esquecendo-se de que o primeiro que proferiu tais palavras (Jó 19.25) foi um de que Deus disse, “Ninguém há na terra semelhante a ele, homem sincero e reto, temente a Deus, e desviando-se do mal” (Jó 1.8).

Dezenas de milhares foram ensinados de que é errado para o cristão olhar para dentro de si, e cegamente seguem o conselho de tais médicos “que não valem nada<sup>50</sup>”. Como pode haver erro em examinar o meu coração para ver se Deus *escreveu* ou não Suas leis dentro de mim (Hebreus 8.10)? Como pode estar errado olhar para dentro de mim para ver se Deus *começou* ou não a “boa obra” em mim (Filipenses 1.6)? Como pode estar errado testar a mim mesmo pela Parábola do Semeador para ver *qual* dos quatro solos representa *meu* coração? Como pode ser mal medir a mim mesmo pela Parábola das Dez Virgens, e averiguar se o “azeite” da graça regeneradora e santificadora está dentro da “vasilha” da minha alma (Mt 25.4)? Visto que Deus Mesmo declara, “se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Romanos 8.9), como pode haver erro em certificar-me de que O tenho habitando em mim mesmo?

Corretíssimo o que disse certa feita um puritano: “A Escritura abunda em mandamentos e avisos para que tenhamos a mais extrema diligência em nossa busca e inquirição, para sabermos se fomos feitos participantes de Cristo ou não, ou se Seu Espírito

<sup>48</sup> 1 Jo 2.6. Modernamente diríamos, no lugar do apóstolo, ‘sexo, dinheiro e poder’ (N. do T.).

<sup>49</sup> 2Co 5.17 (N. do T.).

<sup>50</sup> Jó 13.4 (N. do T.).

habita ou não em nós, o que implica tanto na dificuldade de se alcançar uma confiança segura acerca disso quanto no perigo de sermos enganados, e ainda a certeza de um bom desfecho para o uso diligente e regular dos meios para aquele fim” (John Owen, comentando Hebreus 3.14, 1670). Ai!, é a isso que muitos tão tenazmente se opõem nessas últimas duas ou três gerações. Uma religião despreocupada, bem calculada para ser aceitável para o negligente, tem sido zelosamente propagada, representando a salvação da alma e a certeza disso como uma matéria mui simples.

Fica muito evidente àquele ensinado nas coisas de Deus que a imensa maioria dos evangelistas dos dias que correm, escritores de folhetos, e “obreiros pessoais” [*“personal workers”*] não crêem em metade do que as Escrituras Sagradas declaram a respeito da impotência espiritual do homem natural, ou a absoluta necessidade de um milagre da graça sendo operado dentro dele antes que *possa* voltar-se salvificamente a Cristo. Ao invés disso, imaginam erroneamente que o homem caído é um “agente moral *livre*”, possuindo poder tanto para aceitar a Cristo como para rejeitá-Lo. Supõem que tudo de que se precisa é informação e coerção: pregar o Evangelho e persuadir os homens para crerem nele. Mas nunca ouviram sobre o Espírito Santo? Ah sim, e *dizem* crer que só Ele pode eficazmente convencer alguém do pecado e regenerar. Porém, suas ações são condizentes com isso? Certamente não, pois não somente não há, na prática, nenhuma espera definitiva em Deus e uma sincera busca por Ele para receber o poder de Seu Espírito, mas atuam energicamente, falam e escrevem ao não salvo como se o Espírito Santo não existisse.

Ora, fica claramente *suposto* por tais “neófitos<sup>51</sup>” que pecadores perdidos podem receber a Cristo a qualquer hora em que tomem a decisão de assim fazer, e, igualmente, dizem a esses constantemente que nada mais é necessário senão crer que Cristo morreu por eles e descansar em João 3.16 para terem a salvação; também tem sido inculcada a idéia de que o cristão professo pode desfrutar da plena certeza da fé a qualquer hora que desejar, e que nada mais é exigido para tal do que “descansar em João 5.24” etc. Um verso da Escritura Sagrada é suficiente para desmentir essa popular ilusão: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Romanos 8.16). Se as promessas de Deus escritas fossem suficientes por si mesmas para produzir segurança, então que necessidade há de a terceira pessoa da Divindade “testificar” com o espírito do cristão de que esse *é* um filho de Deus?

Como praticamente nenhum lugar é dado a tal versículo no ministério moderno, deixe-nos ponderar sobre seus termos: “o mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”. A clara suposição dessas palavras é que a real existência da filiação do santo é, pelo menos às vezes, uma matéria de dolorosa incerteza, e que a sobrenatural intervenção do Espírito é requerida para autenticar o fato, e assim aquietar todo temor. Estar plenamente seguro do estupendo fato de que Deus é meu Pai espiritual, demanda algo mais do que o testemunho dos meus próprios sentimentos, ou as opiniões dos homens; e, reverentemente acrescentamos, algo mais do que descansar sobre uma divina promessa. Milhões “descansam” nas palavras “isto *é* o meu corpo<sup>52</sup>”, e nenhum argumento consegue persuadi-los de que o pão da mesa do Senhor não foi verdadeiramente transformado na carne literal de Cristo.

Quem seria tão competente para autenticar a obra do Espírito no coração a não ser o Próprio Espírito? Qual é, então, a forma do Seu testemunho? Não é por visões e vozes, nem

<sup>51</sup> O autor deixa implícito que os tais se enquadram em 1Tm 3.6 (N. do T.).

<sup>52</sup> 1Co 11.24 (N. do T.).



por qualquer inspiração direta ou nova revelação da verdade. Nem é por trazer algum versículo da Escritura (de que não estava pensando) vividamente diante da mente, de modo que o coração salte de gozo. Se o cristão não tivesse nenhum fundamento mais seguro em que se colocar, bem poderia entrar em desespero. Satanás pode trazer um verso bíblico à mente (Mateus 4.6), e produzir em suas vítimas fortes emoções de alegria, e comunicar uma falsa paz à alma. Portanto, o testemunho do Espírito, para ser decisivo e conclusivo, deve ser algo que o Diabo não pode copiar. E o que é? É isto: Satanás não pode produzir graça divina e comunicar santidade real ao coração.

“O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito”. “Testificar com” é um termo legal, e significa produzir evidência válida e convincente. “Nosso espírito” aqui faz referência à consciência renovada. Concernente aos homens naturais é dito, “os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, *testificando* juntamente com sua *consciência*” (Romanos 2.15). Mas a consciência do homem natural é parcial, quase cega, estúpida. A graça a torna branda, maleável, e mais apta a fazer seu ofício. O desejo do homem regenerado, e ao qual ele exercita a si mesmo, é “sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens” (Atos 24.16). Onde uma tal consciência é (pela graça) mantida, podemos dizer com o apóstolo: “Nossa glória é esta (o quê? descansar em João 3.16? Não, mas): *o testemunho da nossa consciência*, de que com simplicidade e sinceridade de Deus... temos vivido no mundo” (2 Coríntios 1.12).

O amado Paulo estava fora da trilha certa quando descobriu algo *em si mesmo* que lhe deu chão para a sua “glória”? Segundo muitos professores (?) dos dias de hoje, estava. É uma grande pena que tais homens não dêem menos atenção aos escritos humanos, e mais às Sagradas Escrituras, porque então leriam “Dos seus caminhos se fartará o infiel de coração, mas o homem bom se fartará de si mesmo” (Provérbios 14.14). Se esse texto for desprezado por estar no Antigo Testamento, então lemos também no Novo Testamento: “Mas prove cada um a sua própria obra, e terá *glória só em si mesmo*, e não noutra” (Gálatas 6.4). Mais uma vez, “não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade. E *nisto* conhecemos que somos da verdade, e *diante dele asseguraremos nossos corações*” (1 João 3.18,19). Qual é o método que Deus coloca aqui perante Seus filhos para assegurar seus corações diante dEle? Não é dizendo-lhes para se apropriarem de uma de Suas promessas, mas é por *andar na Verdade*, e então seus próprios espíritos testificarão de suas filiações divinas.

“O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”. Além do testemunho de uma consciência renovada que é desfrutado pelo cristão quando (pela graça) está ele caminhando na Verdade<sup>53</sup>, O Espírito acrescenta Sua confirmação. Como? Primeiro, Ele estabeleceu indicações claras nas Escrituras pelas quais podemos fixar a questão: “Porque todos os que são *guiados* pelo Espírito de Deus esses são filhos de Deus” (Romanos 8.14) — por que, então, se nos diz que “descansar em João 5.24” é tudo de que se precisa? Segundo, por operar nos santos graças tais peculiares aos filhos de Deus: em Gálatas 5.22 elas são expressamente designadas “o fruto do Espírito”. Terceiro, por Sua consolação espiritual: “andando no temor do Senhor e consolação do Espírito Santo” (Atos 9.31, e cf. Romanos 15.13). Quarto, por produzir no cristão as afeições as quais os filhos submissos experimentam por um Pai sábio e amoroso (Romanos 8.15).

---

<sup>53</sup> 3Jo 4 (N. do T.).

Para resumir: o abençoado Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus por nos habilitar a discernir (à luz da Escritura) os *efeitos* e *frutos* de Sua operação sobrenatural dentro de nós. Os suspiros por santidade vindos do coração renovado, os anelos por uma conformidade mais plena à imagem de Cristo, as lutas contra o pecado, são todas inspiradas por Ele. Assim, por gerar em nós a natureza divina, por ensinar-nos a negar “a impiedade e as concupiscências mundanas”, e a viver “neste presente século sóbria, e justa, e piamente” (Tito 2.12), o Espírito leva-nos à segura conclusão de que somos filhos de Deus. Por esse meio Ele mostra-nos que há uma real correspondência entre nossa experiência e a verdade revelada. “Nisto conhecemos que estamos nele, e ele em nós, pois que nos deu *do* seu Espírito” (1 João 4.13).

## 15. Seus Sujeitos

Sob esse título propomo-nos a brevemente considerar o caráter daquelas pessoas a quem o privilégio da segurança cristã pertence de direito. Outra vez aqui, há que se guardar de dois extremos. De um lado está aquela classe enganada pelo *slogan* “creia que você está salvo, e você é salvo”, a qual é mais bem combatida quando se salienta que a genuína segurança nunca é maior que a *evidência* da mesma. De outro, há aqueles que estão receosos de que tal evidência seja inatingível enquanto o corpo do pecado os habita. Aos tais perguntaríamos: É impossível averiguar se a saúde do nosso corpo está boa ou não? Não há certos sintomas e sinais que são um claro indício? Se estivesse com dúvidas, e com medo de que alguma enfermidade fatal esteja começando a tomar conta de mim, eu procuraria um médico. Se esse meramente olhasse para mim e então levianamente dissesse: Sua saúde está boa, eu o deixaria de lado e procuraria um outro mais competente. Eu requereria uma vistoria total: que tomasse a minha pressão sanguínea, que verificasse se meu coração está bem, que testasse meus órgãos vitais. Assim deve ser com a alma.

Ao procurar determinar pela Palavra de Deus quem tem o direito de possuir a segurança cristã, deixe-nos perguntar e responder a várias questões. Quem são aqueles com quem o grande Deus mora? “Com (não o altivo e jactancioso, mas) o contrito e abatido de espírito” (Isaías 57.15); “Eis para quem olharei: para o pobre e abatido de espírito, e que *treme* da minha palavra” (Isaías 66.2) — você é desse tipo? Ou você brinca ou discute sobre seu conteúdo sagrado? A quem Deus realmente perdoa? Quem se arrepende e se converte (Atos 3.19), ou seja, que dão às costas ao mundo e às práticas pecaminosas, e rendem-se a Ele; aqueles em cujos corações Deus põe Suas “*leis*” e as escreve em seus entendimentos e, por conseguinte, amam, meditam e guardam Seus mandamentos: note como Hebreus 10.16 precede 10.17!

Quem é o homem a quem Cristo assemelhou àquele que edificou sua casa na rocha? Não apenas aquele que “*crê*”, mas “aquele que... escuta estas minhas palavras, e as *pratica*” (Mateus 7.24). Quem verdadeiramente nasceu de novo? “Todo aquele que pratica a justiça” (1 João 2.29); aqueles que “amam os irmãos” com tal amor, como descrito em 1 João 3.17,18. A quem Deus revela experimentalmente o eterno propósito da Sua graça? “O segredo do Senhor é para os que *o temem*, e ele *lhes* fará saber o seu concerto” (Salmo 25.14). “Àquele que bem ordena o seu caminho eu mostrarei a salvação de Deus” (Salmo 50.23). Quais são as marcas que identificam uma fé salvífica? Se ela está “purificando os corações” (Atos 15.9), se “opera por caridade” (Gálatas 5.6), se “vence o mundo” (1 João 5.4), é desse modo apenas que sei que minha fé é viva e espiritual.

O nascimento do Espírito pode somente ser conhecido pelos seus efeitos (João 3.8). Assim, é comparando com o que Deus, na Sua Palavra, prometeu fazer *em* Seus eleitos com o que o Seu Espírito operou ou não em meu coração, que posso verificar se a segurança da salvação é minha legítima porção. *Isso* se dá “comparando as coisas espirituais com as espirituais” (1 Coríntios 2.13). Coisas maravilhosas Deus preparou “para os que o *amam*” (1 Coríntios 2.9); quão importante é pois para mim certificar-me de que O amo. Muitos supõem que porque têm (ou tinham) pavor do castigo eterno, portanto amam a Deus. Nada disso: o verdadeiro amor a Ele nunca é gerado por temores do inferno nem esperanças quanto ao Céu: se não O amo pelo que Ele é em Si Mesmo, então eu não O amo em absoluto! E se O amo, meu desejo, minha intenção, meu alvo será *agradá-Lo* em tudo. Muito poderia ser acrescido à

presente seção de nosso tópico, mas acreditamos que foi dito o suficiente para capacitar almas honestas e exercitadas a aprenderem como identificar aqueles de quem a Escritura ensina terem direito à segurança quanto à salvação.

## 16. Seus Impedimentos

“*Questão:* Todos os crentes verdadeiros em todos os tempos estão assegurados de presentemente estarem no estado de graça, e de que serão salvos? *Resposta:* Segurança da graça e da salvação não é da essência da fé (2 Pedro 1.10), e os verdadeiros crentes podem esperar por muito tempo antes de obtê-la (1 João 5.13); e, após o gozo da mesma, pode ser ela enfraquecida e interrompida, por causa de muitas perturbações, pecados, tentações e deserções (Salmo 77.7-9; 31.22 etc.); todavia, nunca são deixados sem a presença e o suporte do Espírito de Deus, que não permite que mergulhem em total desespero (Salmo 73.13-15; 1 João 3.9; Isaías 54.7-11)” — Catecismo Maior da Confissão de Fé de Westminster.

Assim como a ausência ou perda de saúde corporal não é sempre atribuível à mesma causa ou ocasião, também a ausência ou diminuição da segurança não é sempre explicável da mesma maneira; e exatamente como qualquer médico que usasse somente um remédio único para a cura de todas as enfermidades demonstraria incompetência crassa, assim também qualquer “obreiro cristão” que prescreva o mesmo tratamento a todas as enfermidades da alma no mesmo instante declararia a si mesmo como sendo médico “que não vale nada” (Jó 13.4). Há *graus* distintos de saúde, tanto do corpo quanto da alma; e isso deve ser atribuído, primeiramente, à alta soberania de Deus, que distribui Seus dons, sejam naturais ou espirituais, conforme Lhe agrade. Todavia, quando não podemos conferir saúde a nós mesmos, devemos usar dos *meios* legítimos que, sob a bênção divina, conduzam a tal. Assim também podemos, devido a nosso desatino pecaminoso, minar e destruir nossa saúde. O mesmo é válido no campo espiritual.

Em muitos casos, a falta de segurança cristã, ou um grau muito baixo dela, é devido a um *pobre estado de saúde*. Enfermidades do corpo reagem na mente. Baixa vitalidade física é habitualmente acompanhada por abatimento de espírito. Um fígado enfermo produz depressão e desânimo. Muitas pessoas cujas almas estão agora “deprimidas” tirariam grande proveito de mais exercícios ao ar livre, de uma outra dieta e de algumas doses de óleo de rícino. Todavia, longe de nós de dizer que tal procedimento resultaria na recuperação ou no aumento da segurança, pois os efeitos espirituais não podem ser produzidos por agentes materiais. Entretanto, a remoção de um impedimento físico freqüentemente ajuda. Quem pode ler a Palavra com proveito quando sofrendo de uma dor de cabeça insuportável! O que desejamos deixar claro é que, pelo menos em alguns casos, o que é considerado como falta de segurança nada mais é que incapacidade física de desfrutar das coisas divinas. Nem mesmo queremos dizer com isso que ninguém seja abençoado com o gozo do Senhor quando sua saúde corporal está em baixa. Nada disso: há casos contundentes que mostram o contrário. Mas ainda fica que muitos estão perdendo muito bem espiritual por não considerarem as mais elementares leis de bem-estar físico.

A segurança de alguns dos queridos filhos de Deus tem sido impedida por *um ministério defeituoso*. Eles estão sob ensino que foi por demais unilateral, falhando em preservar um devido equilíbrio entre os aspectos objetivo e subjetivo da Verdade. Foram encorajados a se ocuparem muitíssimo mais com eles próprios do que com Cristo. Sabendo que muitos estão enganados, receosos de que também o possam estar, seus principais esforços são dirigidos ao auto-exame. Enfadados também pelas ruidosas jactâncias dos adeptos vazios, percebendo ser de nenhum valor a confiança carnal bradada pelos frívolos religiosos ao seu redor, hesitam em declarar a segurança da salvação para que não fiquem

culpados de presunção ou cheios de si pelo Diabo. Sim, eles chegam a considerar dúvidas, temores e incertezas como a melhor evidência de humildade espiritual.

Agora, se de jeito nenhum estamos dispostos a sancionar aquela idéia, por outro lado não temos hesitação alguma em dizer que a preferimos muito mais às presunçosas alegações que ora vêm sendo feitas por tantos. É antes preferível, de longe, compartilharmos a sorte com um grupo de pessoas humildes, cabisbaixas, que sentem desgosto por si mesmas, que exclamem, “Eis um ponto que anelo saber, que causa em mim pensamentos angustiosos: Amo ou não ao Senhor, sou Seu, ou não?<sup>54</sup>”, do que se irmanar com aqueles que não têm dúvida alguma de sua aceitação por Cristo, e que são auto-complacentes e altivos, cujo andar no dia-a-dia está desfavoravelmente o mais parecido com o anterior. De longe melhor estar curvado sob o peso de um senso de meu estado vil e lamentar todos os meus dias pela minha falta de conformidade a Cristo, do que permanecer ignorante sobre meu real estado e andar com coração e cabeça levianos, sorrindo o tempo todo.

Porém, há seguramente um meio termo feliz entre passar a maior parte dos meus dias no Castelo da Dúvida<sup>55</sup> e no Pântano do Desânimo de modo que praticamente me torne um estranho ao “gozo do Senhor<sup>56</sup>”, e experimentar uma falsa paz vinda de Satanás que nunca seja perturbada pela voz da consciência. A santa segurança e a humildade de coração não são incompatíveis. O mesmo apóstolo que clamou, “Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?” (Romanos 7.24). Também declarou: “Eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito” (2 Timóteo 1.12). “Como contristados, mas sempre alegres” (2 Coríntios 6.10), é como resumiu sua experiência dual. Também estamos “contristados” diariamente se Deus nos abriu os olhos para ver algo do volume de corrupção que ainda habita em nós; “contristados” também quando percebemos quão longe, quão aquém do exemplo que Cristo nos deixou estamos. Todavia, também estamos “alegres”, porque Deus não nos deixou ignorantes de nosso pavoroso estado, de modo que implantou dentro de nós anelos por santidade, e porque sabemos que tais anelos serão plenamente realizados quando estivermos libertos do corpo desta morte<sup>57</sup>.

A segurança dos outros santos é grandemente amortecida pelos *assaltos de Satanás*. Há três coisas principais que nosso grande inimigo procura realizar: incitar-nos ao pecado, obstruir o exercício de nossas graças, e destruir nossa paz e gozo. Se ele fracassa enormemente nas duas primeiras, na terceira ele amiúde logra muito sucesso. Transfigurando-se em anjo de luz<sup>58</sup>, ele vem à alma pregando a santidade de Deus e a extrema pecaminosidade do pecado, tendo por objetivo confundir a consciência e levá-la ao desespero. Ele pressiona o cristão quanto à prevalência e terribilidade de sua incredulidade, a frieza de seu coração para com Deus, e os muitos aspectos nos quais sua conduta e suas ações não são condizentes. Ele o lembra de numerosos pecados, tanto de omissão quanto de comissão, e quanto mais sensível for sua consciência, mais penetrantes são os dardos de Satanás<sup>59</sup>. Ele o desafia a comparar seu caráter com aquele dos santos de que fala a Escritura, e então lhe diz que sua profissão não tem valor, que ele é um hipócrita, e que é zombaria pôr o santo nome de Cristo em seus lábios poluídos.

<sup>54</sup> No original: “Tis a point I long to know, Oft it causes anxious thought, Do I love the Lord or no, Am I His, or am I not?”. Trecho de um hino de John Newton, muito cantado nas igrejas norte-americanas há um século atrás (N. do T.)

<sup>55</sup> Outra passagem de “O Peregrino”, de Bunyan. V. nota n.º 20 (N. do T.)

<sup>56</sup> Mt 25.21,23 (N. do T.)

<sup>57</sup> Rm 7.24 (N. do T.)

<sup>58</sup> 2Co 11.14 (N. do T.)

<sup>59</sup> Ef 6.16 (N. do T.)



Tantos sucumbem aos esforços de Satanás para tirar a paz e destruir sua segurança por não saberem como enfrentar seus ataques, e por esquecerem de que a Escritura mui longe está de representar as vidas terrenas dos filhos de Deus como impecáveis e perfeitas. Como regra geral, a melhor coisa a se fazer é *reconhecer serem verdadeiras* as acusações de Satanás quando declara que ainda sou em mim mesmo um grande pecador. Quando ele me pergunta se tal e tal concupiscência da carne é consistente com um coração no qual um milagre da graça divina foi operado, devo responder: Sim, pois a “carne” em mim nunca foi erradicada ou depurada. Quando ele perguntar: Como pode tais dúvidas serem condizentes com um coração ao qual Deus comunicou fé salvífica? lembra-lhe como a Escritura nos diz de alguém que veio a Cristo dizendo: “Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade” (Marcos 9.24).

Mas o impedimento mais comum à segurança é *a indulgência de algum pecado conhecido*. Quando um cristão deliberadamente segue algum curso que a Palavra de Deus proíbe, quando vive em alguma prática injustificável, e Deus o tem freqüentemente tocado quanto a isso, e sua consciência fica dolorosamente aguçada, e, todavia, ele persevera na mesma, então não admira que esteja destituído da segurança e do conforto do Espírito. Acalentar o pecado necessariamente obscurece *as evidências* da filiação divina, pois isso rebaixa tanto o grau de nossas graças que as torna não discerníveis. Pecado tolerado turva o olho da alma de modo que ela não pode ver ser próprio estado, e entorpece o coração de modo que ele não possa sentir sua própria condição. Mais ainda: provoca Deus, e assim Ele retira de nós a benevolente luz de Sua face: “Mas as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça” (Isaías 59.2).

Nesse ponto, a triste história de Davi nos apresenta um caso solene. Sua horrenda queda trouxe consigo dolorosas conseqüências: “Enquanto eu me calei, envelheceram os meus ossos pelo meu bramido em todo o dia. Porque de dia e de noite a tua mão pesava sobre mim; o meu humor se tornou em sequidão de estio” (Salmo 32.3,4). Mas, bendito seja Deus, sua vida terrena não terminou quando ele estava nesse lamentável estado: “Confessei-te o meu pecado, e a minha maldade não encobri. Dizia eu: Confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu perdoaste a maldade do meu pecado” (Salmo 32.5). Mais luz sobre os profundos exercícios da alma pelos quais Davi passou nos é dada no Salmo 51. Ali o ouvimos clamar: “Esconde a tua face dos meus pecados, e apaga todas as minhas iniquidades. Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto. Não me lances fora da tua presença, e não retires de mim o teu Espírito Santo. Torna a dar-me a alegria da tua salvação, e sustém-me com um espírito voluntário” (vv. 9-12). Isso nos leva a considerar a *manutenção* da segurança.

## 17. Sua Manutenção

De novo, há aqui dois extremos contra os quais se deve guardar: a letargia fatalista do não posso ajudar a mim mesmo, e a desfaçatez humanística que afirma que o remédio está em minhas próprias mãos. A segurança espiritual é um dom divino, entretanto o cristão é responsável pela preservação do mesmo. É verdade que não posso falar de paz à minha própria consciência<sup>60</sup>, ou aplicar o bálsamo de Gileade<sup>61</sup> ao meu coração ferido, todavia posso fazer muitas coisas para entristecer e repelir o grande Médico. Não podemos trazer a nós mesmos para perto de Deus, mas podemos e de fato nos desviamos dEle. De nós mesmos não podemos viver para a glória de Deus<sup>62</sup>, mas podemos viver para a nossa própria. De nós mesmos não podemos andar segundo o Espírito<sup>63</sup>, mas segundo a carne, podemos. Não podemos fazer a nós mesmos frutíferos para toda boa palavra e obra<sup>64</sup>, mas podemos, pela desobediência e auto-indulgência, trazeremos insipidez a nossas almas e frieza às nossas afeições. Não podemos dar saúde a nossos corpos, mas podemos usar *meios* pelos quais, pela bênção divina, a mesma seja favorecida.

1. A santa segurança não pode ser mantida a menos que o cristão guarde o seu coração “acima de tudo” (Provérbios 4.23<sup>65</sup>). “Vigiai e orai, *para que* não entreis em tentação” (Marcos 14.38). “Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo” (Hebreus 3.12). Deve haver “um combate atento, contra toda obra pecaminosa, em seus estratagemas e poder, com toda a contribuição da vantagem e eficácia que Satanás e o mundo lhe dão. Isso o apóstolo aplica peculiarmente com avisos e exortações para nós, para termos cuidado com aquela, para que não sejamos por ela endurecidos; visto ser todo o seu desígnio prejudicar ou destruir nosso interesse e perseverança em Cristo, e assim nos afastar do Deus vivo” (John Owen).

Mais especialmente, o cristão precisa mesmo orar e combater os pecados *presunçosos*. A mão direita deve ser arrancada, o olho direito tirado (Mateus 5.29,30); um membro com gangrena deve ser amputado, ou a morte cedo virá. Clame poderosamente a Deus para que lhe dê graça que o habilite a mortificar os pecados que o rodeiam<sup>66</sup>. Lembre que correr deliberadamente para o lugar de perigo, expor-se voluntariamente a si próprio aos ataques do pecado, é tentar ao Senhor. “Não entres na vereda dos ímpios, nem andes pelos caminhos dos maus. Evita-o, não passes por ele; desvia-te dele e passa de largo” (Provérbios 4.14,15). Ó que caminhar prudente é exigido em um mundo que abunda de armadilhas por todos os lados!

2. Santa segurança não pode ser mantida a menos que o cristão seja diligente em *alimentar suas graças*. Um cristão é alguém que é feito participante daquelas graças espirituais que “acompanham a salvação” (Hebreus 6.9), e para a confirmação de seu conforto e alegria é necessário que *saiba* estar ele mesmo na posse delas. A melhor evidência de que estamos num estado de graça, é *crescer em graça*. Por isso, há a necessidade de alimentar constante e diariamente, e de trabalhar para aperfeiçoar e reforçar toda graça pela qual nós permanecemos em Cristo. A graça negligenciada definhará, e estará preste a morrer

<sup>60</sup> Sl 28.3; Zc 9.10 (N. do T.)

<sup>61</sup> Jr 8.22; 46.11 (N. do T.)

<sup>62</sup> Ef 1.11,12 (N. do T.)

<sup>63</sup> Rm 8.4 (N. do T.)

<sup>64</sup> 2Co 9.8 e Cl 1.10 com 2Ts 2.17 (N. do T.)

<sup>65</sup> Bíblia de Jerusalém (N. do T.)

<sup>66</sup> Hb 12.1 (N. do T.)

(Apocalipse 3.2<sup>67</sup>); sim, em alguns graus seus, e quanto à sua obra em demonstrar o amor de Deus para conosco, ou nossa união com Cristo, ela decairá completamente. Uma das igrejas do Apocalipse havia perdido seu primeiro amor, como também abandonado suas primeiras obras<sup>68</sup>. Em consequência, trata-se de mandamento para que devamos crescer em graça, e fazemos isso quando a graça cresce e prospera em nós. E isso se dá de duas formas:

“Em primeiro lugar, quando qualquer graça individual é cultivada. Quando a fé que estava fraca, torna-se forte; e o amor que era tênue e frio, torna-se fervoroso e inflamado, o que não se dá senão por exercício diligente dessas mesmas graças, e uma constante aplicação de nossas almas por elas para Cristo Senhor. Em segundo, acrescentando uma graça à outra: ‘e vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência’ etc. (2 Pedro 1.5); isso é a verdadeira obra da diligência espiritual. Tal é a natureza das graças evangélicas, porque nos une juntamente a Cristo, e quando elas operam em nós pelo único e mesmíssimo Espírito, o exercício de uma nos leva a estimular e exercitar mais uma outra na alma” (John Owen).

3. *Estando nossas contas acertadas com Deus.* “Cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo os corações purificados da má consciência, e o corpo lavado com água limpa” (Hebreus 10.22). Repare na íntima conexão que há entre essas coisas. Não pode haver uma aproximação sincera e pura a Deus como adoradores enquanto a culpa do pecado estiver sobre nossas consciências. Nada mais eficazmente restringe nossa liberdade de nos aproximarmos do trinamente Santo do que a lamentável percepção de que minha conduta o está desagradando. “Amados, se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus” (1 João 3.21).

Mas lute quanto possa, ande tão cautelosa e cuidadosamente quanto queira, em “muitas coisas” o cristão tropeça (Tiago 3.2) diariamente, tanto em pecados de omissão quanto de comissão. Todavia, bendito seja Deus, foi feita provisão pelo nosso amado Pai, mesmo para esse nosso triste fiasco. “Se *confessarmos* os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça” (1 João 1.9). Tão logo estejamos cômicos de haver errado, devemos ir de coração amolecido a Deus: nada escondendo, mas livremente reconhecendo cada ofensa. Nem devemos temer fazê-lo amiúde, diariamente, sim, com constância. Se o Senhor nos manda perdoar os pecados de nossos irmãos “até setenta vezes sete” (Mateus 18.22), tem Ele menos misericórdia? “O que encobre suas transgressões, nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia” (Provérbios 28.13).

4. *Cultivando comunhão diária com Deus.* “A nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo. Estas coisas vos escrevemos, para que o vosso gozo se cumpra” (1 João 1.3,4). Observe a conexão entre essas duas declarações: gozo cumprido (o qual, naquela epístola, em grande parte se refere a andar na clara segurança de nossa filiação divina) é o fruto da comunhão com o Pai e Seu Filho. Mas qual é o significado do termo “comunhão”? Muitos parecem ter senão idéias vagas e utópicas de seu sentido. Unidade de coração e mente, interesses e gostos comuns, unidade de vontade e propósito, amor recíproco, é o que se quer indicar. É uma comunhão “na luz” (1 João 1.5-7). Isso foi perfeitamente realizado e exemplificado pelo Senhor Jesus. Ele caminhou em comunhão ininterrupta com o Pai: deleitando-Se em Sua vontade (Salmo 40.8), guardando Seus preceitos (João 14.31), sempre fazendo aquelas coisas que eram agradáveis à Sua vista (João 8.29). E essa mesma epístola

<sup>67</sup> Tradução do Novo Mundo (N. do T.)

<sup>68</sup> Ap 2.1-5 (N. do T.)

declara: “Aquele que diz que está nele, também deve andar como ele andou” (1 João 2.6). Que padrão é colocado diante de nós aqui! Todavia, após isso devemos lutar com oração e constância.

Comunhão é *participação* na luz e amor de Deus. É recusar as coisas que Ele detesta e escolher aquelas em que Ele Se deleita. É a perda da minha vontade na Sua. É um sair de si mesmo, e um abraçar a Deus em Cristo. É a aceitação de Sua opinião sobre as coisas, é pensar Seus pensamentos conforme Ele, vendo o mundo e tudo nele, tanto a vida presente quanto a futura, de Seu ponto de vista. É, portanto, ser moldado em conformidade com Sua santa natureza. É viver para Sua glória. E, desse modo, trata-se de uma comunhão de *alegria*, e “a alegria do Senhor é a vossa força” (Neemias 8.10): força para superar tentações, para desempenhar as obrigações da vida, para suportar suas tristezas e reveses. Quanto mais perto caminhamos com o Senhor, mais brilhantes serão as evidências de nossa divina filiação.

## *18. Seus Frutos*

A santa segurança livra-nos daquelas dúvidas e medos que roubam de muitos cristãos seu legítimo gozo no Senhor. Isso fica claro pelo contraste apresentado em Romanos 8.15: “Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Abba, Pai”. Indecisão é ruim o bastante em qualquer de nossos negócios, mas acima de tudo quando está em conexão com nossos interesses eternos. Mas a verdadeira segurança põe-nos livre da dolorosa escravidão da incerteza, e mesmo rouba da morte seus terrores. Ela torna a alma apta a dizer, “Regozija-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegra no *meu* Deus; porque me vestiu de vestidos de salvação” (Isaías 61.10).

A santa segurança produz paciência na tribulação: “E com gozo permitistes a espoliação dos vossos bens, *sabendo que em vós mesmos* tendes nos céus uma possessão melhor e permanente” (Hebreus 10.34). Onde o coração esteja ancorado em Deus, aquecendo-se na luz brilhante de Sua face, o cristão não temerá as más notícias, permanecerá calmo sob as provações, e não será perturbado pelas perseguições. “Quando vivo numa firme e arraigada segurança acerca do estado da minha alma, parece-me que sou tão destemido quanto um leão. Posso rir em toda tribulação; nenhuma aflição me atemoriza. Mas quando meus confortos se extinguem, fico com um espírito tão receoso que posso correr para dentro até de uma toca de rato” (Latimer para Ridley, 1551).

A santa segurança resulta em um gozo em Deus, que faz com que seu possuidor despreze aqueles quiméricos prazeres os quais os mundanos ama tão cegamente. “Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja vacas; todavia, eu me alegrarei no Deus da minha salvação” (Habacuque 3.17,18). “Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição... *porque assim* vos será amplamente concedida (tanto agora quanto no futuro) a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pedro 1.10,11).

**[Nota da edição inglesa: Este capítulo completa de fato o tratamento do Sr. Pink sobre o tema. Mais adiante, ele decidiu ampliar um ou dois pontos principais na esperança de que alguns pudessem ser ajudados por meio disso. O que segue complementa o capítulo 18.]**

Em vista do erro que agora abunda tão grandemente, e da confusão que anuvia tantas mentes, é difícil esperar que alguém possa desaprender em poucas horas o que vem equivocadamente recebendo como Verdade de Deus por muitos anos. Sem dúvida, não poucos de nossos leitores desejariam ter a oportunidade de uma conversa pessoal sobre o assunto, de modo que pudessem expor suas dificuldades e fazer questões sobre algo que não está ainda claro para eles. Decidimos, portanto, escrever dois artigos adicionais na forma de diálogos, introduzindo caracteres largamente diferentes, que expressassem um desejo de discutir a matéria.

## ***19. Diálogo 1: Sr. Confiança Carnal***

Sr. Confiança Carnal: “Bom dia, Sr. Editor. Eu desejo ter uma conversa com o senhor a respeito daqueles artigos sobre ‘Segurança’, publicados na revista *Studies* do último ano”.

O Escritor: “Sente-se, por favor. Antes de qualquer coisa, permita-nos, com cortesia, mas de modo franco, informar ao senhor que nosso tempo já está totalmente ocupado em procurar ministrar aos queridos filhos de Deus, todavia, nunca a ponto de não poder fazer tudo ao nosso alcance para ajudar uma alma carente”.

Sr. Confiança Carnal: “Ó, eu não estou buscando auxílio; a intenção da minha visita é mostrar algumas coisas em seus artigos que tenho plena certeza de estarem erradas”.

O Escritor: “Está escrito, caro amigo, ‘Se alguém cuida saber alguma coisa, ainda não sabe como convém saber’ (1 Coríntios 8.2), portanto creio que Deus sempre me dará graça para, de boa vontade, considerar e ponderar os outros pontos de vista, e deles receber algo que *Ele* possa ter para mim. Todavia, por outro lado, não estou disposto a *debater* com ninguém acerca das coisas divinas”.

Sr. Confiança Carnal: “Bem, estou seguro de que estou certo, e que o senhor está errado, e sinto ser a minha obrigação lhe dizer isso”.

O Escritor: “Muito bem, estou pronto a ouvir o que você tem a dizer, somente lembrando-lhe outra vez que não posso entrar em discussão com você, pois as coisas de Deus são santas demais para se *disputar* a respeito delas; contudo, uma discussão amigável, no espírito correto, pode se provar mutuamente proveitosa. Antes de começar, busquemos a ajuda do Espírito Santo, para que Ele possa graciosamente subjugar a carne em cada um de nós, conduzir nossa conversa de modo que as palavras de nossas bocas e as meditações de nossos corações sejam ‘agradáveis’ perante a face de Deus (Salmo 19.14); lembrando que haveremos de dar conta de cada palavra ociosa nossa no dia do juízo<sup>69</sup>”.

Sr. Confiança Carnal: “Penso que em seus artigos você fez com que uma matéria que é realmente muito simples se tornasse muito difícil e complicada. De acordo com suas idéias, uma pessoa tem de passar por muitos transtornos para descobrir se é salva ou não, ao passo que se um homem crer na Palavra de Deus ele pode obter segurança instantaneamente”.

O Escritor: “Mas todos aqueles que crêm na Palavra de Deus estão de fato *salvos*? Os russelitas (‘testemunhas de Jeová’ – Ed.) e outros hoje em dia não alardeiam com insistência sua fé na inspiração divina da Bíblia? O próprio Diabo não crê na mesma?<sup>70</sup>”

Sr. Confiança Carnal: “Não foi isso que quis dizer; o que quis dizer é que, se descanso em algum versículo das Escrituras Sagradas que seja uma promessa dirigida a mim, então sei que Ele não me decepcionará”.

O Escritor: “Em princípio, é exatamente a mesma coisa: o papista não descansa com plena confiança na declaração de Cristo ‘isto é o meu corpo’<sup>71</sup>? A fé salvífica não é fé na

<sup>69</sup> Mt 12.36 (N. do T.)

<sup>70</sup> Cf. Tg 2.19 (N. do T.)



autenticidade de qualquer versículo que seja, mas antes uma fé na Sua Pessoa, que nos deu as Escrituras, fé no Cristo que nos é dado a conhecer por elas”.

Sr. Confiança Carnal: “Sim, eu sei disso, e creio *sim* em Deus e em Seu Filho, e *sei* que sou salvo porque Ele assim o diz”.

O Escritor: “Onde nas Escrituras Deus disse que *você* está salvo?”

Sr. Confiança Carnal: “Em João 5.24, em Atos 16.31, e em muitas outras partes”.

O Escritor: “Voltemos a essas passagens, por favor. Em João 5.24 o Senhor Jesus descreve alguém que ‘passou da morte para a vida’. Ele diz-nos duas coisas acerca daquele indivíduo, que servem para *identificá-lo*. Primeiro, ‘ele ouviu minha palavra’. Isso é bastante definitivo. Mas naturalmente significa muito mais do que simplesmente escutar Sua Palavra pelo ouvido externo”.

Sr. Confiança Carnal: “Ah, é bem aqui que o senhor quer mistificar o que é simples, e deixar as almas perplexas com o que está bem claro”.

O Escritor: “Desculpe-me, mas o senhor está enganado. Somente desejo *compreender corretamente* as palavras que Deus usou, e para isso é necessário comparar cuidadosamente Escritura com Escritura e descobrir como cada palavra é *empregada* pelo Espírito”.

Sr. Confiança Carnal: “Eu objeto; isso pode estar totalmente certo para o senhor, mas as pessoas comuns não têm tempo disponível para estudar com profundidade: Deus sabe disso, e escreveu Sua palavra em linguagem clara para que a gente normal possa entendê-la: ‘Ouvir’ quer dizer ‘ouvir’, e isso é tudo”.

O Escritor: “Creio que o senhor é bem sincero no que disse, e que expressou a opinião que muitos sustentam nos dias que correm; mas, se você me permite assim dizer, ela é muito defeituosa. Deus não dá prêmio algum à preguiça. Deus ordena suas coisas de tal forma que nada é obtido sem diligência e indústria. Muito trabalho e cuidado devem ser devotados a um jardim se se quer obter algo dele. O mesmo vale em tudo o mais: que tempo e dificuldade é exigido para que mantenhamos nossos corpos funcionando em ordem! Podem, então, os interesses eternos de nossas *almas* ser mais levemente descartados, ou garantidos com mais facilidade? Não nos ordenou Deus: ‘*Compra* a verdade’ (Provérbios 23.23)? Não nos disse claramente: ‘Se clamares por entendimento, e por inteligência alçares a sua voz; se como a prata a buscares e como a tesouros escondidos a *procurares*, então entenderás o temor do Senhor, e acharás o conhecimento de Deus’ (Provérbios 2.3-5)?”

O Escritor: “Note *como* os israelitas de antigamente foram alimentados no deserto: Êxodo 16. Deus não os proveu de pães prontos para comer. Não, antes, Ele deu o maná do céu, o qual era ‘uma coisa *miúda*, redonda’ (v.14). Trabalho e paciência foram exigidos para colhê-los (v. 17). Repare também que ‘aquecendo o sol, derretia’ (v. 21), de modo que tinham de levantar cedo para consegui-lo! Além disso, o maná não podia ser guardado: ‘ninguém dele deixe para amanhã’: ‘criou vermes, e cheirava mal’ (vv. 19,20) quando tentaram preservá-lo para o dia seguinte. Então, após ter sido colhido, o maná tinha de ser moído em moinhos, ou ser pisado num gral, e ‘em panelas o cozia, e dele fazia bolos’ (Números 11.8). Tudo isso

---

<sup>71</sup> 1Co 11.24 (N. do T.)

tipificava o fato de que se uma alma quer comer do Pão da Vida<sup>72</sup>, ela deve dedicar-se ardentemente a isso, e, como Cristo diz: ‘*Trabalhai... pela comida que permanece para a vida eterna*’ (João 6.27).

O Escritor: “Desse modo, isso está em conexão com a obtenção de um correto entendimento de qualquer versículo da Escritura: deve haver esforço, precisa-se exercitar a paciência, e ocupar-se no seu estudo em oração. Voltando a João 5.24: alguém que passou da morte para a vida, diz Cristo, é ‘quem *ouve* a minha palavra’. Voltemo-nos então a outras passagens onde esse termo é encontrado: ‘tornaram às maldades de seus primeiros pais, que *não quiseram ouvir* as minhas palavras’ (Jeremias 11.10); ‘visto que não escutastes as minhas palavras, eis que eu enviarei, e tomarei a todas as gerações do norte’, etc. (Jeremias 25.8,9); e veja-se 35.17; Zacarias 1.4; Mateus 7.24; João 10.27. Em todos esses versículos, e em muitos outros que se poderiam citar, ‘ouvir’ significa *considerar* o que Deus diz, para *agir de acordo com* o que Ele diz, para *obedecê-Lo*. Assim, quem ‘ouve’ a voz de Cristo *atenta* para o Seu mandamento de dar às costas a tudo que se opõe a Deus e se sujeitar a Ele”.

Sr. Confiança Carnal: “Bem, voltemos para Atos 16.31, que é bastante simples. Não há lugar ali para quaisquer sofismas. Deus diz: ‘Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo’: Deus diz isso para *mim*; eu creio em Cristo, e assim devo ser salvo”.

O Escritor: “Mais devagar, caro amigo. Como você pode provar que Deus diz isso *para você*? Tais palavras foram faladas sob circunstâncias incomuns, e para um indivíduo em particular. Aquele indivíduo foi trazido para o fim de si mesmo; ele foi profundamente convencido de seus pecados; ele ficou em terrível angústia de alma; ele se pôs no pó, pois é-nos dito que ele veio ‘todo trêmulo, [e] se prostrou ante Paulo e Silas’ (Atos 16.29). Ora, é lícito tomar as palavras dos apóstolos dirigidas a um *tal* homem e aplicá-las indiscriminadamente para todo mundo? É justificável para nós ignorar toda a passagem em que está inserido aquele versículo, tirando-o do seu contexto e dando-o àqueles que não tem qualquer uma das características observadas no carcereiro de Filipos?”

Sr. Confiança Carnal: “Recuso-me a permitir que o senhor me intimide, e me mova da simplicidade do Evangelho. João 3.16 diz: ‘Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu Filho unigênito, *para que todo aquele que nele crê* não pereça, mas tenha a vida eterna’. Ora, eu *creio* no Filho, logo tenho plena certeza de que possuo a vida eterna”.

O Escritor: “O senhor está ciente do fato de que nesse mesmo Evangelho de João nos é contado que ‘muitos, vendo os sinais que fazia, creram no seu nome. Mas o mesmo Jesus não confiava neles’ (João 2.23,24)? Há muitos que ‘crêem’ em Cristo que não foram salvos por Ele: vide João 8.30 e repare no versículo 59! João 12.42,43! Há um crer em Cristo que salva, mas há um que não; por conseguinte, convém que toda alma sincera e zelosa diligentemente examine *sua* ‘fé’ pela Escritura e verifique de *que* espécie ela é. Há muito em risco para se aceitar qualquer coisa como verdadeira. Onde está envolvido o destino eterno, seguramente nenhuma dificuldade pode ser grande demais para procedermos à verificação disso”.

Sr. Confiança Carnal: “Eu *estou* seguro, e ninguém me fará duvidar disso”.

O Escritor: “Sua fé está purificando o coração (Atos 15.9)? É demonstrada por aquelas obras exigidas por Deus (Tiago 2.17)? Está levando o senhor a vencer o mundo (1 João 5.4)?”

---

<sup>72</sup> Jo 6.35 (N. do T.)

Sr. Confiança Carnal: “Ó, eu não declaro que sou perfeito, mas eu *sei* em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia<sup>73</sup>”.

O Escritor: “Não perguntei se o senhor era perfeito; mas, se foi feito uma nova criatura em Cristo, as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo (2 Coríntios 5.17)? O senhor está andando no caminho da obediência? Pois a Palavra de Deus diz: ‘Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade’ (1 João 2.4)”.

Sr. Confiança Carnal: “Eu não estou ocupado comigo mesmo, mas com Cristo; não estou preocupado com o meu caminhar, mas com o que Ele fez para os pobres pecadores”.

O Escritor: “Estar ‘ocupado com Cristo’ é, antes, uma expressão vaga. O senhor está ocupado com Sua autoridade, tomou sobre si o seu jugo<sup>74</sup>, está seguindo o exemplo que Ele deixou para o Seu povo? Cristo não pode ser *dividido*: Ele não é apenas um Sacerdote em quem se confiar, mas é também Profeta para ser considerado, e Rei para que se sujeite a Ele. Antes que Ele possa ser verdadeiramente ‘recebido’, o coração deve estar esvaziado de todos aqueles ídolos que se põe em competição contra Ele. Não é a adulação de nossos lábios, mas a afeição de nossas almas, que Ele requer; não é um assentimento intelectual, mas a entrega do coração a Ele que salva”.

Sr. Confiança Carnal: “O senhor está afastando-se da simplicidade do Evangelho; está fazendo acréscimos de sua própria estipulação. Não há nada que Deus requeira do pecador exceto que creia no Senhor Jesus Cristo”.

O Escritor: “O senhor está enganado. O Senhor Jesus disse: ‘*Arrependei-vos*, e crede no Evangelho’ (Marcos 1.15)”.

Sr. Confiança Carnal: “Isso foi *antes* da Cruz, mas na *presente* dispensação o arrependimento não é exigido”.

O Escritor: “Então, de acordo com suas idéias, Deus alterou o plano de salvação. Mas o senhor está errado. *Após* a Cruz, Cristo incumbiu Seus discípulos para que ‘em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações’ (Lucas 24.47). Se voltarmos ao livro de Atos, descobriremos que os apóstolos pregavam arrependimento nesta dispensação. No dia de Pentecostes, Pedro ordenou aos judeus que foram convencidos que se arrependessem (Atos 2.38). Revendo seu ministério em Éfeso, Paulo declarou que havia testificado tanto aos judeus quanto aos gregos ‘o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus’ (Atos 20.21 ARA); enquanto em 17.31 (ARA) se nos diz que Deus ‘manda agora que *todos* os homens em todo lugar se *arrependam*’”.

Sr. Confiança Carnal: “Então o senhor insiste em que se uma pessoa não se arrependeu, não está salva ainda?”

O Escritor: “Cristo Mesmo assim o diz: ‘Se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis’ (Lucas 13.5). Assim também, se alguém não se converteu, ainda não está salvo: ‘Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados’ (Atos 3.19). Deve haver uma volta atrás, deve haver um retorno de Satanás para Deus, do mundo

<sup>73</sup> 2Tm 1.12 (N. do T.)

<sup>74</sup> Mt 11.29 (N. do T.)

para Cristo, do pecado para a santidade. Onde *tal* não acontece, todo o crer do mundo não salvará a ninguém. Cristo não salva ninguém que ainda ame ao pecado; porém, Ele está pronto para salvar aqueles que estão desgostosos com o pecado, que anelam ser purificados de sua torpeza repugnante, que desejam avidamente serem libertos de seu poder tirânico. Cristo veio para salvar Seu povo de *seus* pecados<sup>75</sup>”.

Sr. Confiança Carnal: “O senhor fala como se eu fosse um desamparado escravo da bebida alcoólica ou de algum outro desejo, mas quero dizer-lhe que nunca fui vítima de qualquer coisa tal”.

O Escritor: “Há outras concupiscências no homem caído além daquelas que irrompem em grosseiros pecados exteriores, tais como orgulho, cobiça, egoísmo, justiça própria; e a menos que sejam mortificados, levarão alguém ao Inferno tão certamente quanto o farão sacrilégio, imoralidade ou assassinato. Nem é o bastante mortificar tais afeições desordenadas: o fruto do Espírito<sup>76</sup>, as graças da piedade, devem também brotar no coração e na vida; pois está escrito: ‘Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor’ (Hebreus 12.14). E, portanto, é uma obrigação premente para cada um de nós atente à divina exortação: ‘Examinai-vos a vós mesmos, se permanecéis na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estejais reprovados’ (2 Coríntios 13.5).

“Note com muito cuidado, caro amigo, que o ponto em que se insistia com os coríntios era se ‘Cristo está em vós’, e não sua confiança em que Ele morreu por eles. Exatamente como o cristão somente pode descobrir que seu nome esteja escrito no Livro da Vida antes da fundação do mundo<sup>77</sup>, discernindo se Deus escreveu Suas leis em seu coração (Hebreus 10.16), assim eu posso verificar que Cristo *morreu por mim* somente certificando-me de que Ele agora vive em mim. E é óbvio que se o Santo reside em mim, Sua presença deve haver operado uma radical transformação tanto no caráter quanto na conduta. *Isso*, acima de tudo o mais, é o que buscamos deixar claro e enfatizado em nossos artigos sobre ‘Segurança’, a saber, a imperiosa necessidade de verificarmos se o Senhor Jesus ocupa o trono de nossos corações, tem o lugar supremo em nossas afeições, e regula cada detalhe de nossas vidas. A menos que seja *esse* o nosso caso, então é vã a nossa profissão, e toda nossa conversa sobre confiar na obra completa de Cristo é somente palavreado vão”.

Sr. Confiança Carnal: “Eu considero tudo isso que o senhor disse tão-somente como linguagem de um fariseu. Está ocupado com sua própria fantasia de piedade e deleitando-se em sua própria retidão sem valor”.

O Escritor: “Desculpe-me, mas antes regozijo no que o Espírito de Cristo operou em mim, e oro para que Ele leve adiante essa obra da graça para a glória de Seu nome. Mas devemos por termo à nossa discussão. Respeitosamente, insisto para que o senhor atenda à exortação dirigida a todos os cristãos professos: ‘Procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição’ (2 Pedro 1.10)”.

Sr. Confiança Carnal: “Não farei nada desse tipo: *odeio* a própria palavra ‘eleição’. Sei que estou salvo, ainda que não esteja à altura do padrão impossível que o senhor quer estabelecer”.

<sup>75</sup> Mt 1.21 (N. do T.)

<sup>76</sup> Gl 5.22 (N. do T.)

<sup>77</sup> Ef 1.4 com Ap 20.12; 21.27 (N. do T.)

O Escritor: “Adeus. Que agrade ao Senhor abrir seus olhos cegados, revelar-lhe Sua santidade, e trazê-lo a Seus pés em piedoso temor e tremor<sup>78</sup>”.

---

<sup>78</sup> 1Co 2.3; 2Co 7.15; Ef 6.5; Fp 2.12 (N. do T.)

## 20. Diálogo 2: As Questões do Sr. Coração Humilde

Sr. Coração Humilde: Bom dia, senhor. Posso lhe pedir que me conceda uma hora de seu valioso tempo, por favor?

Editor: “Entre, seja bem-vindo. O que posso fazer pelo senhor?”

Sr. Coração Humilde: “Estou dolorosamente afligido no espírito: eu anelo tanto estar apto a chamar a Deus de ‘meu Pai’, porém receio que possa ser culpado de mentira se assim proceder. Muitas vezes há em que tenho uma pequena esperança de que Ele começou uma boa obra dentro de mim, mas ai!, na maior parte, encontro uma tal massa de corrupção atuando dentro de mim, que sinto certeza de que nunca fui feito uma nova criatura em Cristo. Meu coração é tão frio e duro para com Deus, que parece impossível que o Espírito Santo possa ter irradiado o amor divino em mim; incredulidade e dúvidas tão amiúde me dominam, que seria presunção minha achar que possuo a fé dos eleitos de Deus. Todavia, *quero* amar, confiar e servir a Ele; mas parece que não posso”.

Editor: “Fico muito contente por sua visita. De fato, é raro encontrar uma alma honesta nos dias de hoje”.

Sr. Coração Humilde: “Desculpe-me, senhor, mas não quero que tenha uma errônea impressão a meu respeito; um coração *honesto* é exatamente a bênção que ardentemente desejo, mas estou dolorosamente consciente, por demonstração mui clara, de que não o possuo. *Meu* coração é enganoso<sup>79</sup> acima de tudo, e estou cheio de hipocrisia. Frequentemente imploro a Deus para me tornar santo, e imediatamente após, minhas ações desmentem o que eu disse. Amiúde agradeço a Deus por Suas misericórdias, e então logo fico aborrecido e murmuro quando a Sua providência atravessa a minha vontade. Eu tive muitas batalhas antes de vir aqui para ver o senhor nesta noite, quanto a se realmente estaria procurando ajuda, ou se meu secreto desejo era ganhar a sua estima; e não estou certo agora sobre qual era o meu real motivo”.

Sr. Coração Humilde: “Para ir direto ao assunto, senhor, caso eu não esteja me intrometendo. Li e reli seus artigos sobre ‘Segurança’ que apareceram na revistas do último ano. Algumas coisas naqueles artigos pareceram me dar algum conforto, mas outras quase me levaram ao desespero. Algumas vezes sua descrição de uma alma nascida de novo concordava com a minha própria experiência, mas em outras parecia tão longe de ter os requisitos necessários quanto os pólos estão apartados uns dos outros. Assim, não sei onde estou. Eu procuro atentar para 2 Coríntios 13.5 e ‘examino-me’ a mim mesmo, e quando ajo assim, não posso ver nada que não seja um monte de contradições; ou, dizendo-o mais precisamente, para cada coisa que achei que parecia mostrar que eu era regenerado, achei dez outras provando que eu poderia não sê-lo. E agora, senhor, lamento noite e dia, pois sinto-me como o mais miserável dos homens”.

Editor: “Hipócritas não são exercitados acerca de suas motivações, nem perturbados pelo engano de seus corações! De qualquer maneira, dou graças por vê-lo tão profundamente preocupado acerca dos interesses eternos de sua alma”.

---

<sup>79</sup> Jr 17.9 (N. do T.)



Sr. Coração Humilde: “Ai, senhor! Não estou preocupado nem a metade do que deveria estar. Isso é uma outra coisa que causa em mim muita angústia. Quando o Senhor Jesus nos conta que a alma humana vale mais do que o mundo inteiro (Marcos 8.36), sinto que devo estar totalmente cegado por Satanás e completamente sob o domínio do pecado, visto que sou tão negligente. É verdade que às vezes fico alarmado acerca de meu estado e temeroso de em breve estar no Inferno; às vezes, também, pareço procurar Deus mais ardentemente e ler Sua Palavra mais diligentemente; mas ai!, minha benignidade ‘é como a nuvem da manhã e como o orvalho da madrugada, que cedo passa’ (Oséias 6.4). Os cuidados desta vida logo tomam o lugar dos pensamentos acerca da vida vindoura. Ó senhor, eu quero a realidade, não a ficção; eu quero ter a certeza, mas não posso”.

Editor: “Isso não é uma tarefa tão simples quanto muitos querem nos fazer acreditar”.

Sr. Coração Humilde: “Certamente que não. Eu consultei vários professores da Bíblia, somente para descobrir que eram ‘médicos que não valem nada’ (Jó 13.4); também aconselhei-me com alguns que se jactam de jamais terem tido dúvida, e me citaram Atos 16.31, e ao dizer-lhes que eu cria sim, eles proclamaram: ‘paz, paz<sup>80</sup>’, mas não houve paz alguma em meu coração”.

Editor: Ah, caro amigo, não é à toa que Deus nos ordena a *diligentemente* fazer cada vez mais firme nossa vocação e eleição (2 Pedro 1.10). E mesmo após darmos diligência, ainda precisamos que o Espírito Santo testifique com nosso espírito de que somos filhos de Deus (Romanos 8.16). Além disso, a segurança espiritual pode ser facilmente perdida, ou pelo menos obscurecida, como fica claro no caso do escritor do Salmo 23, pois em uma data posterior ele teve de clamar a Deus, ‘Torna a dar-me a alegria da tua salvação<sup>81</sup>’.

Editor: “Antes de procedermos mais, não seria melhor procurarmos auxílio do Senhor? Sua santa Palavra diz: ‘Reconhece-o em *todos* os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas’ (Provérbios 3.6). E agora, caro Irmão, pois estou certo de que o senhor realmente o é, o que é que mais o leva a duvidar de que tenha passado da morte para a vida<sup>82</sup>?”

Sr. Coração Humilde: “Minhas experiências íntimas, a perversidade de meu coração, as muitas derrotas que encaro diariamente”.

Editor: “Talvez o senhor esteja procurando perfeição na carne”.

Sr. Coração Humilde: “Não, dificilmente, pois sei que a ‘carne’ ou velha natureza ainda está no cristão. Mas eu me encontro com alguns que alegam estar vivendo ‘a vida vitoriosa’, que dizem não ter dúvida alguma, nem aparecimento de ira, descontentamento, ou quaisquer sentimentos ou desejos malignos; que Cristo os controla tanto que paz sem nuvens e alegria é o que eles têm todo o tempo”.

Editor: “Tolere-me pela eventual franqueza, mas tais pessoas ou estão hipnotizadas pelo Diabo, ou são enormes mentirosos. A Palavra de Deus diz: ‘Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós’ (1 João 1.8). E outra vez: ‘Na verdade que não há homem justo sobre a terra, que faça o bem, e nunca peque’ (Eclesiastes 7.20). E de novo: ‘todos tropeçamos em muitas coisas’ (Tiago 3.2). O amado

<sup>80</sup> Jr 8.11 (N. do T.)

<sup>81</sup> Sl 51.12 (N. do T.)

<sup>82</sup> Jo 5.24 (N. do T.)

apóstolo Paulo, quando já estava bem avançado na vida cristã, declarou: ‘Acho então esta lei em mim, que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros’ (Romanos 7.21-23)’.

Sr. Coração Humilde: “Isso alivia um pouco minha mente, todavia eu dificilmente chego à raiz da minha dificuldade. O que me inquieta tanto é isso: quando Deus regenera alguém, ele se torna uma nova criatura em Cristo Jesus: a mudança operada em si é tão grande que o termo usado é ‘passou da morte para a vida’. É óbvio que se Deus Espírito Santo habita numa pessoa, deverá ser produzida ali uma radical diferença, tanto interna quanto externamente, do que ele era anteriormente. Ora, é *isso* que *não consigo* achar em mim mesmo. Em vez de ser algo melhor do que era há um ano atrás, sinto que estou pior. Em vez de a humildade preencher meu coração, é o orgulho que, mui freqüentemente, o governa; em vez de ser passivo como o barro nas mãos do Oleiro para ser moldado por Ele<sup>83</sup>, sou como um potro selvagem; em vez de me regozijar sempre no Senhor<sup>84</sup>, amiúde estou cheio de amargura e queixumes”.

Editor: “Experiências tais como a que o senhor descreve *são* mui tristes e humilhantes, e devem ser lamentadas e confessadas a Deus. *Nunca* desculpadas ou atenuadas. Entretanto, não são incompatíveis com o estado cristão. Antes, são elas muitas das provas de que quem está experimentalmente familiarizado com ‘a chaga do seu coração’ (1 Reis 8.38) tem a mesma experiência dos mais proeminentes santos de Deus. Abraão reconheceu que era ‘pó e cinza’ (Gênesis 18.27). Jó disse: ‘[eu] me aborreço’ (Jó 42.6). Davi orou: ‘Tem misericórdia de mim, SENHOR, porque sou fraco; sara-me, SENHOR, porque os meus ossos estão perturbados’ (Salmo 6.2). Isaías exclamou: ‘Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou um homem de lábios impuros’ (Isaías 6.5). Na angústia do seu coração, Jeremias perguntou: ‘Por que saí da madre, para ver trabalho e tristeza, e para que os meus dias se consumam na vergonha?’ (Jeremias 20.18). Daniel confessou uma vez: ‘não ficou força em mim; transmudou-se o meu semblante em corrupção’ (Daniel 10.8). Paulo bradou: ‘Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?’ (Romanos 7.24). Uma das principais coisas que distinguem uma pessoa regenerada de outra que não o é pode ser comparada a dois quartos que foram varridos, mas não tiveram o pó espanado. Em um, as persianas são levantadas e a luz do sol adentra ali, expondo o pó que ainda está na mobília. No outro, as persianas são abaixadas, e alguém que estivesse caminhando pelo quarto não seria capaz de discernir sua real condição. É assim com o que foi renovado pelo Espírito: seus olhos foram abertos para ver a horrível imundície que se oculta em cada canto do seu coração. Mas no caso dos não-regenerados, ainda que eles tenham ocasionais tormentos de consciência quando agem erradamente, ignoram grandemente o terrível fato de serem uma total massa de corrupção aos puros olhos do trino Deus. É verdade que uma pessoa não-regenerada pode estar instruída na verdade da total depravação do homem caído, e pode ‘crer’ na mesma, todavia sua crença não humilha seu coração, não o preenche de angústia, não o torna repugnante a si mesmo, e não o faz sentir que o Inferno é o único lugar adequado para ele. Porém, é mui diferente do modo daquele que vê luz na luz *divina* (Salmo 36.9); ele nem mesmo elevará seus olhos ao Céu, mas baterá sobre o seu peito leproso, clamando: ‘O Deus, tem misericórdia de mim, pecador!’<sup>85</sup>”.

<sup>83</sup> Is 29.16 com Jr 18.1-4 (N. do T.)

<sup>84</sup> Fp 4.4 (N. do T.)

<sup>85</sup> Lc 18.13 (N. do T.)

Sr. Coração Humilde: “Poderia por gentileza o senhor passar para o lado positivo, e me dar uma breve descrição do que caracteriza um cristão genuíno?”

Editor: “Entre outros dons, todo cristão verdadeiro tem um tal conhecimento de Deus em Cristo, que opera por amor, que ele é incitado a sinceramente inquirir sobre *a vontade de Deus* e, para a saber, estuda Sua Palavra, com um desejo sincero e esforçando-se honestamente para viver na fé e praticá-la”.

Sr. Coração Humilde: “Eu não posso me vangloriar do meu conhecimento de Deus em Cristo<sup>86</sup>, todavia, pela graça divina, isso eu posso dizer: que não desejo nenhum outro Céu na terra senão conhecer e cumprir a vontade de Deus, e ter a certeza de que tenho *Sua aprovação*”.

Editor: “Isso é de fato um bom sinal de que sua alma foi realmente renovada, e sem dúvida Aquele que começou uma obra de graça em seu coração, tornará a grande mudança manifesta em sua vida e em suas ações. Não importa o que pensa ou diga, nenhum homem não-regenerado *realmente* deseja viver uma vida que seja agradável *a Deus*”.

Sr. Coração Humilde: “Deus me livre de lisonjear a mim mesmo, todavia confio que tenha amiúde encontrado deleite ao ler a Palavra de Deus ou ouvi-la sendo pregada, e sinceramente nela medito sim<sup>87</sup>, e anelo para que possa ‘crescer na graça<sup>88</sup>’. Contudo, às vezes, sou tentado com pensamentos vis e vãos, e luto para bani-los, meu coração insurgindo-se contra eles; mas, vez ou outra, rendo-me a eles. Eu detesto mentir e maldizer, e não posso suportar a companhia daqueles que odeiam a prática da santidade; porém, meu apartar deles parece nada mais do que hipocrisia farisaica, pois sou eu mesmo um grande e miserável fracasso. Rogo a Deus por libertação da tentação e por graça para resistir ao Diabo, mas temo que Ele não me escuta, pois mais freqüentemente do que nunca sou derrotado pelo pecado e por Satanás”.

Editor: “Quando o senhor assim fracassa em sua obrigação, ou cai em pecado, o que acha de si mesmo e de seus caminhos? Quão afetado o é por eles?”

Sr. Coração Humilde: Quando estou nessa deplorável condição, minha alma fica entristecida; o gozo do meu coração e a paz da consciência se vão. Mas quando me recobro um pouco dessa letargia pecaminosa, meu coração é enternecido com mágoa pela minha loucura; e dirijo-me a mim mesmo a Deus com grande temor e vergonha, implorando-Lhe perdão, valendo-me de 1 João 1.9, e humildemente implorando a Ele que ‘renova em mim um espírito reto<sup>89</sup>’.

Editor: “E porque é que o senhor fica tão atormentado quando o pecado toma conta de você?”

Sr. Coração Humilde: “Porque verdadeiramente desejo agradar ao Senhor, e é meu maior desgosto quando percebo que O desonrei e o desagradei. Sua misericórdia me mantém, até aqui, de descambar para pecados deliberados e públicos, todavia há muitíssima coisa *dentro de mim* que sei que Ele aborrece”.

---

<sup>86</sup> 2 Co 4.6 e Ef 4.13 (N. do T.)

<sup>87</sup> V. Sl 119 (N. do T.)

<sup>88</sup> 2 Pd 3.18 (N. do T.)

<sup>89</sup> Sl 51.10b (N. do T.)

Editor: “Bem, meu caro irmão e companheiro na senda da tribulação, Deus ordenou que o Cordeiro devesse ser comido com ‘ervas *amargas*’ (Êxodo 12.8). Assim foi com o apóstolo: ‘Como contristados, mas sempre alegres’ (2 Coríntios 6.10), resumia sua experiência dual: ‘contristados’ por suas falhas pecaminosas, tanto por omissão quanto por comissão; todavia ‘alegres’ pelas provisões que a graça divina fez por nós enquanto estamos neste lúgubre deserto — o trono de Misericórdia sempre aberto para nós, onde podemos nos aproximar, tirar o peso dos nossos corações, e relatar nossa desgraça<sup>90</sup>; a Fonte que foi aberta ‘contra o pecado, e contra a impureza’ (Zacarias 13.1), onde podemos recorrer por purificação. De fato, dou graças por saber que sua consciência confirma o que sua língua proferiu. O senhor expressou o bastante para demonstrar claramente que o Espírito Santo começou a boa obra<sup>91</sup> em sua alma. Mas recomendo-lhe também a ter no Senhor Jesus, o Mediador, por Quem somente qualquer pecador pode se chegar a Deus”.

Sr. Coração Humilde: “Pela graça divina eu desejo sim reconhecer e abraçar ao Senhor Jesus nos termos em que Ele é proclamado no Evangelho: crer em toda sua doutrina como meu Mestre, confiar e depender do sacrifício expiatório que Ele ofereceu como o grande Sumo Sacerdote, e submeter a Sua autoridade e governo como Rei. Mas, ai!, em conexão com o último ‘o *querer* está em mim, mas não consigo *realizar* o bem’ (Romanos 7.18)”.

Editor: “Nenhum cristão autêntico jamais atinge seu ideal nesta vida; ele nunca alcança aquele padrão perfeito que Deus pôs diante de nós em Sua Palavra, e que foi de maneira tão bendita exemplificado na vida de Cristo. Mesmo o apóstolo Paulo, perto do final de sua vida, teve de dizer: ‘não que já a tenha alcançado, ou que já seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo que para o que fui também preso por Cristo Jesus’ (Filipenses 3.12). Mas posso perguntar ao senhor se tem consciência de como alcançou os bons desejos que mencionou? O senhor supõe que uma tal disposição é *natural* sua, ou que resultou do seu próprio aprimoramento das capacidades?”.

Sr. Coração Humilde: “Não, senhor, não ousou atribuir à natureza o que é efeito e fruto da graça divina. Se eu possuo qualquer grau de santificação (que é do que anelo estar assegurado), então isso só pode ser pelo dom e pela operação divina. Estou muito bem familiarizado com meu indigno eu: sei muito bem que por natureza estou vivo para a vaidade e o pecado, mas morto para Deus e toda virtude real; que a loucura possui minha alma, que as trevas encobrem o meu entendimento; que sou plenamente incapaz de querer ou fazer o que é agradável à sua vista, e que meu coração natural é contrário ao caminho de salvação proposto no Evangelho, insurgindo-se contra seus preceitos e mandamentos que condenam a carne. Vejo, sei, sinto que em mim, isto é, em minha carne, *não habita* bem algum.”

Editor: “Então o senhor se dá conta de qual deve ser o resultado se Deus deixasse-o a si mesmo?”.

Sr. Coração Humilde: “Sim, realmente. Sem o auxílio de Seu Santo Espírito, eu certamente naufragaria na fé<sup>92</sup>. Minha oração diária é: ‘Sustenta-me, e serei salvo’ (Salmo 119.117). Meu ardente desejo é que possa vigiar e orar contra toda tentação<sup>93</sup>. Não há nada de que tenho

<sup>90</sup> O autor aqui faz paráfrase de Hb 4.16 (N. do T.)

<sup>91</sup> Fp 1.6 (N. do T.)

<sup>92</sup> 1Tm 1.19 (N. do T.)

<sup>93</sup> Mt 26.41 (N. do T.)

mais pavor do que apostatar-me, vir a ser relapso na minha obrigação, voltando a espojar-me na lama<sup>94</sup>.”

Editor: “Isso tudo é *demonstração clara da graça salvífica de Deus em ação dentro do senhor*, por que rogo a Ele que a continue, para que possa o senhor ser preservado com uma consciência sensível, operar sua própria salvação com temor e tremor<sup>95</sup>, e que obtenha uma certeza plena de Seu amor.

Sr. Coração Humilde: “Eu agradeço-lhe de coração, senhor, por sua paciência e ajuda. O que disse fez-me sentir mais leve de coração, mas desejo ir para casa e ponderar em oração sobre isso, pois não ousou me apegar a nenhuma palavra de *homem*. Eu quero que o Próprio Deus diga à minha alma: ‘Eu sou a *tua* salvação’ (Salmo 35.3). O senhor não gostaria de orar para que possa agradar-Lhe assim agir?”

Editor: “O senhor certamente terá espaço em minhas débeis petições. Que o Senhor lhe seja mui gracioso.”

---

<sup>94</sup> 2Pd 2.22 (N. do T.)

<sup>95</sup> Fp 2.12 (N. do T.)

## 21. Diálogo 3: O Editor Visita Coração Humilde

Ao comunicar Sua Palavra, Deus agradou-se de falar ‘muitas vezes, e de muitas maneiras’ (Hebreus 1.1). Nas Escrituras da Verdade temos instrução doutrinal clara e preceitos evidentes para regularmos nossa conduta, mas também encontramos ‘parábolas obscuras’ e símbolos misteriosos. Lado a lado estão história e alegoria, hinos de louvor e provérbios práticos, promessas preciosas e profecias complicadas. A variedade está estampada em todas as obras e caminhos divinos. Isso ilustra um princípio que deve guiar aqueles a quem o Senhor chama para ensinar Sua Palavra: deve haver variedade tanto na matéria de suas mensagens quanto nos métodos empregados para transmiti-las. Muitos são incapazes de apreender afirmações abstratas, relativamente poucos têm mentes treinadas para acompanhar a linha de argumentação lógica. O instrutor, então, deve se adaptar à capacidade de seus ouvintes. De modo bendito, achamo-lo exemplificado no ministério do perfeito Instrutor. O ensinamento do Senhor Jesus dava-se, em grande medida, pelo método de pergunta e resposta. Com isso em mente, sentimos que pode ser de sabedoria seguir os últimos artigos sobre “Segurança” por um outro na forma de diálogo.

“Boa noite, amigo Coração Humilde.” “Boa noite, Sr. Editor. É uma agradável surpresa pois não esperava o obséquio da visita de um servo de Deus: não me sinto digno de sua cortesia.”

Editor: “Segundo o que lhe prometi, estou procurando lembrar do senhor perante o Trono da Graça, e enquanto em oração nesta manhã, minha mente foi impressionada por essas palavras: ‘[tornai a] levantar as mãos cansadas, e os joelhos desconjuntados’ (Hebreus 12.12). Ultimamente, tenho ficado impressionado por aquele amável retrato profético de Cristo encontrado em Isaías 40.11: ‘Como pastor apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no seu regaço; as que amamentam, ele guiará mansamente.’ O Salvador devota cuidado e ternura especiais para com os fracos do rebanho, e nisso Ele nos deixou um exemplo que os sub-pastores precisam seguir.

Irmão Coração Humilde: “É de fato benévolo de sua parte, senhor, se dar ao trabalho com uma criatura tão pobre e sem valor como eu: deveria ter pensado que seu tempo teria sido mais proveitosamente empregado em ministrar àqueles que podem entender rapidamente a Verdade, e que nela crescem velozmente; quanto a mim, sou tão tolo e estúpido, tão cheio de dúvidas e temores, que seus labores para comigo sejam desperdício.”

Editor: “Ah, meu amigo, nem tudo que reluz é ouro. A grande maioria daqueles que ‘entendem rapidamente a Verdade’ somente o fazem intelectualmente — não há poder algum agindo no coração; e aqueles que ‘crescem velozmente’, crescem rápido demais para ser verdade, ou ter qualquer valia espiritual. A Verdade tem de ser *comprada* (Provérbios 23.23): *comprada* por freqüente meditação nela, por dar lugar a ela em nós mesmos, por profundos exercícios de consciência, por lutar com Deus em oração, para que Ele a aplique poderosamente na alma.”

Irmão Coração Humilde: “Sim, eu percebo, e isso me faz sentir tão mal porque a Palavra de Deus não foi escrita no *meu* coração. Eu repassei na minha mente, repetidamente, tudo que o senhor me disse na última entrevista, e estou certo de que não sou regenerado.”



Editor: “O que o leva a tal conclusão?”

Irmão Coração Humilde: “Isso: se tivesse sido regenerado, o Espírito Santo estaria morando em mim, e nesse caso Ele estaria produzindo Seu abençoado fruto em meu coração e vida. Está escrito: ‘O fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança’ (domínio próprio) — Gálatas 5.22; e quando eu me esforço para examinar e sondar a mim mesmo, descubro em mim o exato oposto daquelas graças celestiais.”

Editor: “As operações de Deus em graça e Seus caminhos na criação material têm muito em comum, e se observarmos a esses atentamente, poderemos aprender muito sobre aquelas. Ora, no domínio natural a produção do fruto é, freqüentemente, um processo lento. Dando uma olhada agora nas árvores, como o senhor as vê? Estão inanimadas, e parecem mortas. Todavia, não estão; a seiva vital está ainda em suas raízes, mesmo que sinal algum disso seja aparente para nós. Mas em um pequeno instante, sob o genial calor do sol, tais árvores ficarão cobertas de flores. Então, após alguns dias, tais belas flores terão todas elas desaparecido — arrancadas pelos ventos. Entretanto, se essas árvores forem examinadas atentamente descobrir-se-á que no lugar das flores há agora pequenos botões verdes. Muitas semanas terão de se passar para o proprietário das árvores ser alegrado ao ver os botões se desenvolverem, tornando-se frutos. Uma lição adicional pode ser aprendida de nossos jardins. O pomar nos ensina acerca da necessidade da paciência: o jardim instrui-nos a esperar e vencer as contrariedades. Eis um canteiro, cuidadosamente preparado, e semeado. Mais tarde, as sementes brotam e as plantas aparecem, das quais as flores crescerão. Mas lado a lado ali nascem muitas ervas daninhas também. O jardineiro desavisado não estava esperando isso, e fica propenso a ser desencorajado. Antes de lançar a semente, pensou que tivesse cuidadosamente desarraigado cada urtiga, cardo e planta detestável; mas agora o canteiro possui mais ervas daninhas que flores. Assim é, meu irmão, com o coração do cristão. Ainda que a incorruptível semente da Palavra de Deus esteja plantada ali (1 Pedro 1.23), todavia o coração — descuidado ao longo de todos os anos em que não estava regenerado — é coberto com ervas daninhas (as concupiscências da carne), e ao olho ungido o coração parece mais semelhante à porção com as ervas daninhas do Diabo do que com o ‘jardim do rei’ (2º Reis 25.4).”

Irmão Coração Humilde: “O que o senhor acaba de fazer alusão no campo natural é bem óbvio, mas não estou tão certo acerca da aplicação espiritual. A sua última ilustração não diminui a obra e o poder do Espírito Santo? O senhor freqüentemente cita em seus artigos que Cristo salva seu povo ‘dos seus pecados’ (Mateus 1.21); como, então, pode qualquer pessoa estar certa ao se considerar salva, enquanto está consciente de que muitos pecados ainda têm domínio sobre si?”

Editor: “Fico contente por haver levantado esse ponto, pois muitas almas queridas são freqüentemente perturbadas com isso. Concernente à obra e ao poder do Espírito Santo: luz é lançada aqui por várias expressões que Deus usa em Sua Palavra. Por exemplo, em 2 Coríntios 1.22 (cf. Efésios 1.13,14) lemos que Deus ‘deu o penhor do Espírito em nossos corações.’ Ora, um ‘penhor’ significa uma parte, e não um todo — como se fosse um pagamento parcial; a plenitude do poder e bênção do Espírito não é comunicada a cristão algum nesta vida. Assim, outra vez, em Romanos 8.23, ‘nós mesmos, que temos as primícias do Espírito’ — um penhor, uma amostra apenas, ou uma abundância maior no futuro.

“Deixe-me chamar-lhe a atenção às palavras que imediatamente seguem aquelas agora citadas de Romanos 8.23, a saber, ‘também gememos em nós mesmos’, o que é mais contundente porque isso mesmo é visto novamente em 2 Coríntios 5.4,5. Assim, aqueles que são habitados pelo Espírito de Deus são um povo que geme! É verdade que o não-regenerado ‘geme’ às vezes: quando sofrendo grande dor no seu corpo, ou quando sofre uma pesada perda; mas o ‘gemido’ do cristão é causado por algo bem diferente: ele geme sobre o restante de depravação ainda deixado nele, pela carne que, com êxito, tão amiúde resiste ao Espírito, por ver ao redor dele tanta coisa que desonra a Cristo. Isso está claro por Romanos 7.24 e seu contexto, por Filipenses 3.18 etc.”

Irmão Coração Humilde: “Mas há apenas alguns dias atrás, eu mencionei algumas dessas mesmas escrituras a alguém que considero um santo ilustre, e ele me disse que havia saído de Romanos 7 e ido para Romanos 8 há muito tempo atrás.”

Editor: “Mas, como vimos, o cristão em Romanos 8 ‘geme’ (v. 23)!”

Irmão Coração Humilde: “Aquele a quem me referi riu de mim por minhas dúvidas e temores, disse-me que eu estava desonrando a Deus por dar ouvidos ao Diabo.”

Editor: “É de se recear bastante que ele seja completamente estranho àqueles exercícios de coração que são experimentados por toda alma regenerada, e nada sabe daquela angústia de coração e esforços da alma que sempre precedem a segurança *espiritual*. O Senhor Jesus não riu de almas receosas, mas disse: ‘Bem-aventurados os que choram.’ É claro que, com o seu conhecimento, o senhor não entende o seu caso.”

Irmão Coração Humilde: “Mas o senhor quer dizer que todos os filhos de Deus são tão infelizes quanto eu?”

Editor: “Não, eu não quis dizer isso. O Espírito Santo não dá o mesmo grau de luz sobre a excessiva pecaminosidade do pecado para todos da mesma maneira, nem Ele revela tão plenamente a todos sua depravação interior. Além disso, assim como Deus designou diferentes estações do ano, também nenhum cristão verdadeiro é sempre o mesmo em sua alma: há alegres dias de primavera e sombrios dias de outono, tanto no campo natural quanto no espiritual. ‘Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito’ (Provérbios 4.18), entretanto ‘por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus’ (Atos 14.22). Ambos são verdadeiros, ainda que nem sempre estejamos cômnicos deles.”

Irmão Coração Humilde: “Eu não creio que qualquer real cristão esteja sempre afligido como eu: afligido com tanta freqüência com um espírito de rebelião, com descrença, com orgulho, com tais pensamentos e desejos vis que ficaria ruborizado ao mencioná-los.”

Editor: “Ah, meu Irmão, poucas almas regeneradas seriam honestas o bastante para reconhecer tanta coisa! O próprio fato de que tais obras interiores de pecado aflijam o senhor, é prova clara de que está regenerado, e que há dentro de si uma natureza ou princípio de santidade que despreza tudo que não é santo. É isso o que leva o cristão a ‘gerner’, contudo isso o torna companheiro dos sofrimentos de Cristo<sup>96</sup>. Enquanto aqui o Senhor Jesus foi ‘o Homem de dores’, e o que causou muito de Sua tristeza foi o pecado — não o Seu próprio,

<sup>96</sup> 1Pd 4.13; 5.1. V. também Cl 1.24 (N. do T.)

pois Ele não tinha nenhum: mas os pecados de outros. Isso então é uma razão porque Deus deixa a natureza pecaminosa em Seu povo mesmo após a regeneração: que ao lamentar-se sobre ela eles possam ser conformados ao Cabeça que sofreu.”

Irmão Coração Humilde: “Mas como isso se coaduna com o fato de Cristo salvar o Seu povo de seus pecados?”

Editor: “Mateus 1.21 de modo algum se choca com o que estou dizendo. Cristo salva Seu povo da culpa e punição de seus pecados, porque eles foram transferidos e vicariamente sofridos por Ele. Ele nos salva da contaminação do pecado: Seu Espírito nos move a ver, lamentar e confessar nossos pecados, e alegar o precioso sangue; e como isso é feito em fé, a consciência é purificada. Ele também nos salva do poder reinante do pecado, de modo que o cristão não é mais o absoluto e abjeto escravo de Satanás. Além disso, o cumprimento definitivo de sua abençoada promessa (como aquele de muitas outras) é ainda futuro: vem o tempo em que o Senhor Jesus livrará Seu povo da própria presença do pecado, para sempre.” (ver *A Forufold Salvation*, de A. W. Pink.)

Irmão Coração Humilde: “Quanto a esse ponto, gostaria que o senhor me explicasse essas palavras: ‘o pecado não terá domínio sobre vós’ (Romanos 6.14).”

Editor: “Observe primeiro o que aquele versículo não diz: não é ‘o pecado não vos perseguirá e importunará’ ou ‘o pecado não vos fará tropeçar e ocasionar a queda de muitos’: tivesse *isso* sido dito, todo cristão bem poderia entrar em desespero. Ter ‘domínio sobre’ significa o direito legal de mandar em um outro, tal como o de um pai sobre seu filho, ou de uma nação sobre uma outra que tenha sido completamente conquistada em guerra. Tal ‘domínio’ *legal* o pecado não tem sobre qualquer cristão: Cristo apenas é seu Senhor de direito. Mas o pecado amiúde usurpa Sua autoridade sobre nós, todavia, mesmo experimentalmente, ele não tem ‘domínio’ completo: ele não pode levar cristão nenhum à apostasia, isto é, renunciar a Cristo expressa e cabalmente. Ele não pode nunca dominar assim o crente de modo que fique totalmente amante do pecado e não se arrependa quando pratique a ofensa.”

Irmão Coração Humilde: “Obrigado; mas posso fazer uma outra pergunta: por que é que alguns dos filhos de Deus não são tão atormentados pelo pecado quanto eu?”

Editor: “Como o senhor pode estar seguro de que eles não o são? ‘O coração conhece a sua própria amargura’ (Provérbios 14.10).”

Irmão Coração Humilde: “Mas eu posso contar ao senhor de seus semblantes que transmitem paz, sobre a conversão deles, de seu gozo no Senhor, de modo que não pode ser esse o caso deles.”

Editor: “Alguns são abençoados com uma disposição natural mais jovial do que outros. Alguns têm menores contas com Deus, fazendo da confissão a Ele de cada pecado conhecido uma questão de consciência. Alguns são mais diligentes em utilizar os meios da graça: os que negligenciam a leitura da Palavra de Deus, a meditação nela, e aproximam-se do trono da graça somente ocasional e formalmente, não podem esperar ter peso na alma.”

Irmão Coração Humilde: “Admito que não posso refutar seus argumentos. O que o senhor diz é sem dúvida verdade no que concerne ao povo de Deus, mas meu caso é de longe pior do que percebe: eu tenho um tal esgoto de iniquidade dentro de mim, e com tanta frequência me

descubro indiferente quanto a tudo que seja espiritual, que temo grandemente que não possa haver segurança alguma para mim.”

Editor: “É o Diabo que lhe diz isso.”

Irmão Coração Humilde: “Como pode alguém distinguir entre as dúvidas importunadoras que o Diabo introduz, e as convicções de pecado e as dores de consciência produzidas pelo Espírito Santo?”

Editor: “*Pelos efeitos produzidos*. Satanás dirá ao senhor que não vale a pena continuar resistindo ao pecado, que é inútil orar mais. Ele procura gerar desespero, e conta a muitas almas atormentadas que elas bem poderiam cometer suicídio e por um fim a suas misérias. Porém, quando o Espírito Santo convence um cristão, Ele também opera em seu coração uma piedosa tristeza, e move-o a reconhecer suas transgressões a Deus. Ele leva-o ao trono da graça e dá novamente uma visão do sangue purificador de Cristo; e isso, não uma ou duas vezes, mas até o fim de suas vidas terrenas. ‘Porque sete vezes cairá o justo, e se levantará’ (Provérbios 24.16). Então, se isso está de acordo com sua própria experiência, o senhor deve ser um cristão.”

Irmão Coração Humilde: “Não posso senão ficar chocado com o fato de que *seu* conselho é o exato oposto do que foi dado a mim pela última pessoa a quem falei a respeito de minhas aflições. Trata-se de um homem mui sábio nas Escrituras, tendo passagens decoradas na ponta da língua. Ele me disse que o único caminho para ficar livre de minhas dúvidas era crer na Palavra, e que toda vez em que me sentisse miserável que me apossasse de uma de suas promessas”.

Editor: “Penso que conheço a companhia a qual esse homem pertence. Tudo o que eles crêem é numa fé *natural*, que repousa no poder da criatura; uma fé que é meramente o produto de nossa própria força de vontade. Mas *essa* não é ‘a fé dos eleitos de Deus’. A fé espiritual é o dom de Deus, e somente a operação imediata do Espírito Santo pode fazer com que ela se revele agindo em nós. Fuja de pessoas tais, meu Irmão. Evite tudo o que não dê lugar real algum no Espírito Santo, mas que o faça crer que o remédio esteja em seu próprio ‘livre-arbítrio’. Busque mais a companhia e a comunhão do próprio Deus, e rogue-Lhe, pelos méritos de Cristo, para aumentar a sua fé e manter sua mente nEle mesmo”.

## 22. *Diálogo 4: O Espírito Elevado de Coração Humilde*

“Boa noite, Sr. Editor. Espero que não esteja atrapalhando”. “Não, de forma alguma, o senhor é muito bem-vindo, Ir. Coração Humilde, e estou grato de ver pelo seu semblante que o seu coração está mais leve” (Provérbios 15.13).

Irmão Coração Humilde: “Fico alegre em dizer que agora é assim, pois o Senhor foi muito gracioso para comigo, e só posso pensar que isso se deu em resposta às suas orações, pois as Escrituras declaram: ‘a oração feita por justo pode muito em seus efeitos’” (Tiago 5.16).

Editor: “Se o Senhor se dignificou a ouvir minhas débeis intercessões em seu favor, que todo louvor seja dado a Ele. Mas diga-me algo de Sua bondade para com o senhor”.

Irmão Coração Humilde: “Que possa agradar ao Senhor dirigir meus pensamentos, ungir meus lábios, e ajudar-me nisso. Minha estória é bem longa, mas serei tão conciso quanto o caso o permitir. Uma pobre mulher, conhecida entre o povo de Deus como Irmã Temente, ficou viúva há alguns meses atrás, e sendo todos os seus filhos já falecidos, soube que não tinha ela ninguém para escavar seu jardim; assim, nesta primavera eu a visitei, e perguntei-lhe se me permitiria fazê-lo”.

Editor: “Fico contente em ouvir isso: se a piedade não for intensamente prática, então é somente um nome sem respaldo na realidade. Está escrito que ‘a religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo’ (Tiago 1.27). E essa pobre irmã fez proveito de sua amável oferta?”.

Irmão Coração Humilde: “Sim, com lágrimas correndo em sua face, ela me disse que estava mui incapaz de expressar sua gratidão. Depois de um tempo ela disse que não foi tanto minha oferta de ajuda que a moveu tão profundamente, mas que isso lhe deu uma pequena esperança de que ela não fora completamente abandonada por Deus. Perguntei-lhe por que sempre abrigou o pensamento de que Deus a tinha lançado fora, e então ela me disse que a maior parte do tempo sentia-se uma criatura tão vil e contaminada que um Deus santo não poderia olhá-la com complacência alguma. Ela disse que era tão constantemente atormentada por dúvidas e temores que Ele deveria tê-la entregado a uma coração maligno e incrédulo. Acrescentou que, a despeito de toda a sua leitura da Palavra e clamor ao Senhor por poder, seu caso lhe parecia ficar cada vez pior, de modo que parecia que o Céu deveria lhe estar fechado”.

Editor: “E que resposta você deu à sua triste queixa?”.

Irmão Coração Humilde: “Pois bem, veio à minha mente um versículo no qual não pensava há muito tempo: senti que isso era do Senhor, e buscando dEle sabedoria e sensibilidade, dirigi-me àquela cara alma como segue: ‘Irmã Temente, penso que a senhora está muito apressada em sua conclusão. Eu estava exatamente onde a senhora está agora. Lia na Palavra de Deus: ‘o reino de Deus não consiste em palavras, mas em virtude’ (1 Coríntios 4.20), e argumentava que se Deus tinha posto Seu reino em meu coração, então o poder do pecado seria quebrado; mas aí, eu encontrava pecado em mim mais forte do que antes. Lia que ‘quem está em caridade está em Deus, e Deus nele’ (1 João 4.16), mas não podia crer que Ele morasse em mim enquanto estava em tal cativo do medo servil. Eu lia ‘recebestes o

espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Abba, Pai’ (Romanos 8.15), mas não conseguia clamar ‘Abba, Pai’: assim estava receoso de que Deus não tivesse nada comigo. Lia que ‘qualquer que é nascido de Deus não comete pecado’ (1ª João 3.9), e ainda que tivesse me guardado de trazer opróbrio público sobre o nome de Cristo, todavia eu me descobria continuamente vencido pelo pecado no íntimo. Minha consciência culpada diariamente me condenava, e era eu um estranho à paz”.

Irmã Temente: “O senhor descreveu com precisão o meu triste fado; mas continue, por favor”.

Irmão Coração Humilde: “Permita-me então lhe fazer algumas questões honestas. A senhora é castigada, repreendida, fica sensível e sentida por causa do pecado? E após sentir as reprimendas de Deus, o seu espírito é revivificado e revigorado sob a Palavra, de modo a esperar por dias melhores?”.

Irmã Temente: “Sim, tenho consciência do cajado de Deus sobre mim, e confesso com Davi: ‘em tua fidelidade me afligiste’ (Salmo 119.75). E tempos há, todos também breves, quando parecia que eu era abrandada e revivificada, e tinha um pouco de esperança; mas o sol logo se escondia atrás das nuvens escuras”.

Irmão Coração Humilde: “Bem, isso prova que Deus habita sim na senhora, pois Ele declara: ‘Assim diz o alto e o sublime, que habita na eternidade, e cujo nome é santo: Num alto e santo lugar habito, e também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos, e para vivificar o coração dos contritos’ (Isaías 57.15)!”.

Irmã Temente: “Sim, esse versículo me é familiar, mas ele é contrário a mim, pois se Deus tivesse verdadeiramente me ‘vivificado’ de novo, os efeitos permaneceriam; antes, porém, estou árida e ressecada, sem vida e estéril”.

Irmão Coração Humilde: “Outra vez a senhora está sendo muito apressada em escrever ‘coisas amargas’ contra si mesma (Jó 13.26). Essas ‘vivificações’ da fé, esperança e caridade<sup>97</sup> na alma são provas da habitação do Espírito. Mas deixe-me agora lhe mostrar o versículo que me veio à minha mente no início da nossa conversa: ele se ajusta precisamente no seu caso: ‘E agora, por um pequeno momento, se manifestou a graça da parte do SENHOR, nosso Deus, para nos deixar alguns que escapem, e para dar-nos uma estaca no seu santo lugar; para nos iluminar os olhos, ó Deus nosso, e para nos dar um pouco de vida na nossa servidão’ (Esdras 9.8 ACF). Ah, querida irmã, a senhora não vê que esse ‘pouco de vida’, ainda que seja ‘por um pequeno momento’, é uma manifestação da morada de Deus em um coração quebrantado e contrito?”.

Editor: “Isso foi de fato uma palavra dita a seu tempo<sup>98</sup>, e indiscutivelmente dada pelo Espírito. Há muitos impedidos de desfrutar da segurança devido a medos desnecessários; porque o pecado está neles como um princípio ativo e incessante, eles imaginam não possuir princípio contrário de santidade algum; e por serem em parte carnis, julgam que não sejam espirituais. Porque a graça é senão um princípio debilmente ativo, concluem ser vazios dela; e porque por um bom tempo não desfrutam de vigorosa consolação, supõem que não têm direito a ela. Eles não conseguem distinguir entre os movimentos da carne e os do espírito: tão certo quanto o pecado manifesta a carne que há em nós, do mesmo modo afligir-se e lutar

<sup>97</sup> As três virtudes teológicas de 1Co 13.13 (N. do T.)

<sup>98</sup> Pv 15.23 (N. do T.)



contra ele, bem como arrepender-se e confessá-lo a Deus, mostra o espírito ou a nova natureza habitando em nós. Os suspiros e gemidos do cristão estão entre as melhores demonstrações de que ele é regenerado”.

Irmão Coração Humilde: “Posso perguntar ao senhor o que exatamente quer dizer quando diz que muitos são impedidos de desfrutar a segurança devido a medos desnecessários? Isso porque em Filipenses 2.12 Deus manda a Seu povo operar a sua salvação com temor e tremor”.

Editor: “Sua questão foi bem colocada. Devemos distinguir bem entre os temores do zelo piedoso e os temores da incredulidade: um é desconfiar de si mesmo, o outro é duvidar de Deus; o primeiro é oposto ao orgulho e à confiança carnal, o último é inimigo da verdadeira paz. Os onze apóstolos manifestaram o temor do zelo piedoso quando o Salvador anunciou que um deles haveria de trai-Lo, e cada um deles perguntou: ‘Porventura sou eu, Senhor?’<sup>99</sup> Davi deu lugar ao temor da incredulidade quando disse: ‘Algum dia perecerei pela mão de Saul’ (1º Samuel 27.1). Mas eu interrompi a sua narrativa; conte-me o que a Irmã Temente respondeu quando o senhor lhe mostrou Esdras 9.8”.

Irmão Coração Humilde: “Realmente, pareceu causar-lhe pouca impressão. Ela suspirou profundamente, e por um momento nada disse. Então prosseguiu: Temo que seria presunção minha dizer que já tenha sido revivificada, pois uma alma morta não o pode ser —deve ela primeiramente receber vida; provavelmente o despertar do meu espírito sob a leitura ou audição da Palavra nada mais é do que a alegria do ouvinte de pedregais (Mateus 13.20,21). A que eu retruquei: Mas quem nunca tenha tido vida não tem quaisquer anelos por Deus, jamais O busca, mas procura bani-Lo inteiramente de seus pensamentos. Verdade, ele pode ir à igreja, e manter uma forma de piedade perante os outros, porém, não há busca diligente alguma por Ele a sós, nenhuma aspiração por comunhão com Ele.

“Talvez, querida Irmã, possa ser um ‘dia das coisas pequenas’ (Zacarias 4.10) com a senhora. Com frequência há vida onde não há força. Uma criança pode respirar e chorar, todavia não pode conversar ou caminhar. Se Deus for o objeto de sua afeição, se o pecado for a causa do seu pesar, se a conformidade a Cristo for o anseio do seu coração, então uma boa obra foi começada na senhora (Filipenses 1.6). Se é o pecado que mora na senhora que a torna tão miserável dia após dia, se é por livramento de seus efeitos corruptores que a senhora anela e ora, se é contra concupiscências da carne que a senhora luta, então deve ser porque um princípio de santidade foi implantado em seu coração. Tais exercícios piedosos não estão em nós por natureza; eles são produtos da graça residente. Não se desespere, pois está escrito acerca de Cristo: ‘não esmagará a cana quebrada, e não apagará o morrão que fumeja’ (Mateus 12.20)”.

Irmã Temente: “Sim, uma coisa é compreender tais coisas intelectualmente, mas outra bem diferente é Deus aplicá-las em poder ao coração: é a isso que anseio, e é isso que me falta. Minha ferida é mortal demais mesmo para que qualquer homem a possa curar. Ó que eu pudesse estar certa quanto a se meu desgosto pelo pecado advém de convicções meramente naturais da consciência que todos os ímpios sentem mais ou menos, se são elas sugestões de Satanás com o intento de enganar-me, ou se de fato são os combates da nova natureza contra a velha. Nada além do grande poder pessoal e salvífico do Espírito Santo em meu coração me dará ou poderá me dar alívio genuíno”.

---

<sup>99</sup> Mt 26.21,22 (N. do T.)

Irmão Coração Humilde: “Fico grato de ouvi-la dizer isso. Confortos humanos podem satisfazer um adepto vazio, mas um tal emplastro não curará nenhum dos eleitos quando golpeados por Deus. É Seu propósito decepar qualquer braço de carne deles, despojá-los e trazê-los, em seu desamparo, como pedintes de mãos vazias perante o trono de Sua graça. Quanto a se a vida de Deus está ou não de fato implantada na sua alma, nisso reside o grande mistério: é o pivô sobre o qual o destino eterno deve girar. E nenhum veredicto humano pode satisfazer nesse ponto. Somente o Senhor Mesmo pode dar um tal testemunho que satisfaça um de Seus filhos. Mas quando Ele brilha na alma, quando Ele aplica Sua Palavra em poder, quando Ele diz, ‘teus pecados te são perdoados, vá em paz’<sup>100</sup>, então palavra alguma de um pregador é necessária. O Senhor guarda a senhora a Seus pés até que Ele lhe conceda isso.

“Até mui recentemente eu também estive muito exercitado sobre o grande perigo de Satanás me instilar uma falsa paz, e me fazer crer que tudo estivesse bem, quando na verdade não estava; ao mesmo tempo em que estava também muito perplexo em saber como distinguir entre as convicções da consciência natural e os exercícios de uma que é renovada. Mas o Senhor mostrou-me que, assim como uma árvore é conhecida por seus frutos, assim a natureza de uma causa pode ser determinada pelas características dos efeitos que ela produz. Aqueles que estão iludidos por uma falsa paz que Satanás lhes concede estão cheios de vaidade, presunção e confiança carnal: eles não imploram a Deus para sondá-los, estando tão certos de que vão para o Céu que consideram isso muito desnecessário. As convicções da consciência natural endurecem, fecham a boca à súplica, e levam ao desespero. As convicções de uma consciência renovada produzem penitente confissão, levam a Cristo, e resultam em honestidade e retidão perante Deus.

“Para concluir, deixe-me com sinceridade aconselhá-la, querida Irmã, a que não ligue para aqueles que professam ser sua experiência só de paz e alegria, caso lhes pergunte se são atormentados pela praga de seus próprios corações, eles rirão e dirão que não se importam com seus sentimentos, mas que vivem acima deles. Tais criaturas iludidas não são de maior ajuda a um santo que geme do que alguém angustiado por seus males corporais e que não recebe qualquer alívio dos supostos cientistas cristãos, quando esses lhe dizem que suas dores são ilusões vindas da mente, e que ele tem de pensar somente em saúde e felicidade: um e outro são igualmente médicos que não valem nada. Antes, derrame seus pesares diante dos ouvidos do Grande Médico, e em Seu próprio tempo perfeito Ele derramará azeite e vinho em suas feridas<sup>101</sup>, e lhe porá um novo cântico em sua boca<sup>102</sup>.”

Irmão Coração Humilde: “Desde então eu nada mais disse a ela sobre o assunto, crendo que é melhor deixá-la sozinha com Deus”.

Editor: “Fico contente de ouvir isso: que ninguém a não ser os cegos fanáticos tentarão fazer a obra do Espírito Santo no lugar dEle. Muito estrago é amiúde feito em tentar com que as almas forcem as coisas: quando Deus começa um trabalho, podemos seguramente deixá-lo em Suas mãos para continuá-lo e completá-lo. E quão feliz estou, caro Irmão, em perceber o orvalho do Espírito sobre sua própria alma. Parece que, com o senhor, ‘passou o inverno; a chuva cessou, e se foi; aparecem as flores na terra’, e ‘a voz da rola ouve-se em nossa terra’ (Cantares de Salomão 2.11,12)”.

<sup>100</sup> Mc 2.5 e 5.34 e contexto (N. do T.)

<sup>101</sup> Lc 10.34 (N. do T.)

<sup>102</sup> Sl 40.3 (N. do T.)

Irmão Coração Humilde: “Graças a Deus por ter misericórdia de um tal desgraçado: agora as coisas estão bem melhores comigo. É estranho, contudo, que ao começar a falar com a Irmã Temente, eu mesmo tivesse pouca ou nenhuma real segurança, mas quando ela mencionou as diversas coisas que tanto a atribulavam, Deus parecia pôr em minha boca as palavras de fato mais necessárias, e conforme lhe falava, Ele as selava no meu próprio coração”

Editor: “Sim, é o que lemos em Provérbios 11.25: ‘A alma generosa engordará, e o que regar também será regado’. Ao comunicar a Palavra de Deus a Seus filhos, nossos próprios corações são aliviados e nossa fé mesma é firmada. Ao que usa o que tem mais ser-lhe-á dado<sup>103</sup> .

“Eu há muito percebi a verdade do que o apóstolo diz em 2 Coríntios 1.4: ‘Que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus.’ É a maneira de Deus de usar Seu povo, e especialmente Seus servos, através de experiências árduas e dolorosas, a fim de que eles possam se valer, para Sua glória, da consolação com que Ele os conforta. São aqueles que conhecem mais da chaga de seus próprios corações, que são mais apropriados para falar uma palavra a seu devido tempo às almas fatigadas. É da abundância do coração que a boca fala<sup>104</sup>, e só quem passou pela fornalha que pode melhor lidar com aqueles que agora estão no fogo. Oremos para que Deus Se agrade de ser igualmente gracioso para com a Irmã Temente”.

**FIM**

---

<sup>103</sup> Cf. a parábola dos talentos em Mt 25.24-30 (N. do T.)

<sup>104</sup> Mt 12.34 e Lc 6.45 (N. do T.)

## UMA BREVE BIOGRAFIA

### Arthur Walkington Pink (1886-1952)

Evangelista e erudito bíblico nascido em Nottingham, Inglaterra, A. W. Pink foi dedicado a Cristo por sua mãe antes de nascer. Porém, quando jovem, afastou-se da fé de seus piedosos pais e aderiu à Teosofia (o movimento Nova Era de sua época). Entretanto, em 1908, passa por uma contundente experiência de conversão ao Evangelho e, simultaneamente, sente-se chamado para o ministério. Assim, em 1910, aos vinte e quatro anos de idade, cruza o Atlântico para entrar no Instituto Bíblico Moody, em Chicago, mas sai de lá após dois meses, para assumir uma igreja, a primeira de uma série de esforços fracassados no ministério pastoral. Em 1916, casou-se com Vera E. Russell.

Nos anos seguintes ao abandono do curso, veio a adotar uma posição teológica ardente e estritamente calvinista, após aplicar-se ao estudo do pensamento puritano. Logo estaria manejando uma prolífica pena, tornando-se professor itinerante da Bíblia em 1919, devotando, a partir de então, sua vida ao estudo e exposição do Livro Santo, que viria a ler mais de cinquenta vezes e num ritmo de até dez capítulos por dia (!). Em 1922, deu início a uma revista mensal com o título de *Studies in Scriptures*, voltada à exposição das Escrituras e cujos artigos viriam a ser a fonte da maioria de seus trabalhos, que circulou entre cristãos de língua inglesa espalhados pelo mundo e que nunca chegou a atingir uma tiragem de mil exemplares, e que circulou até à época de sua morte; foi, sem dúvida, seu maior monumento. De 1925 a 1928, atuou na Austrália, pregando, escrevendo e pastoreando duas congregações entre 1926 e 1928, quando retornou à Inglaterra. No ano seguinte, retornava aos Estados Unidos para mais oito anos de pastoreios mal-sucedidos no Colorado, em Kentucky e na Carolina do Sul. Para alguns, a razão da fraca acolhida de seu ministério nesse campo deveu-se à personalidade excêntrica (de fato, Pink não se encaixava em qualquer lugar).

Em 1934, retornou em definitivo à sua pátria natal, fazendo residência na Ilha de Lewis (Escócia) em 1940, onde permanece em isolamento praticamente até sua morte, sem nenhuma ligação formal com qualquer denominação — posição que não deve ser defendida nem justificada. A partir de então, seu serviço no Reino de Deus passou a ser escrever dúzias de livros e mais de dois mil artigos, todavia, sem sucesso editorial.

Em sua época, Arthur Pink era praticamente desconhecido e, certamente, não era apreciado. O estudo por conta própria da Bíblia firmou-lhe a convicção de que muito do moderno evangelismo era defeituoso. Fez frente à crescente aceitação do arminianismo mesmo em tradicionais redutos calvinistas, como as igrejas batistas, levando adiante, com zelo incansável, os princípios da então abandonada literatura reformada. Para ele, o declínio espiritual da Grã-Bretanha era resultante de um “evangelho” que nem feria (com convicção de pecado) nem curava (pela regeneração).

Após o seu falecimento em 1952, porém, ele veio a ter significativa influência. Tendo suas obras republicadas por *The Banner of Truth Trust*, veio a alcançar um público muito maior como conseqüência (quase 178 mil exemplares vendidos apenas de *The Sovereignty of God*, por exemplo). Seu biógrafo Iain Murray observou: “A difundida circulação de seus escritos após sua morte tornou-o um dos mais influentes autores evangélicos da segunda

metade do século XX”. Familiarizado com toda a gama da verdade, Pink raramente se desviou dos grandes temas: graça, justificação e santificação. A nossa geração tem com ele uma grande dívida, pela permanência da luz que ele lançou, pela divina graça, sobre a verdade da Bíblia Sagrada. Seus escritos lançaram a faísca que deu início ao reavivamento da pregação bíblica e levaram muitos leitores a focalizarem o coração na vida de acordo com a Palavra de Deus.

#### Frases de A. W. Pink:

- “A tendência da moderna teologia — se se pode chamá-la de teologia — é sempre rumo à deificação da criatura ao invés da glorificação do Criador”.
- “Não perguntamos: ‘Cristo é seu Salvador’, mas: ‘É Ele, real e verdadeiramente, seu Senhor?’ Se Ele não for seu Senhor, então, com a mais absoluta certeza, Ele não é seu Salvador”.
- “O fundamento de todo verdadeiro conhecimento de Deus deve ser uma clara apreensão mental de Suas perfeições como reveladas nas Escrituras. Não se pode confiar, adorar ou servir a um Deus desconhecido”.
- “O *Deus* deste século vinte não se assemelha mais ao Soberano Supremo das Escrituras Sagradas do que a bruxuleante e fosca chama de uma vela se assemelha à glória do sol do meio-dia. O *Deus* de que se fala atualmente no púlpito comum, comentado na escola dominical em geral, mencionado na maior parte da literatura religiosa da atualidade e pregado em muitas das conferências bíblicas, assim chamadas, é uma ficção engendrada pelo homem, uma invenção do sentimentalismo piegas. Os idólatras do lado de fora da cristandade fazem "deuses" de madeira e de pedra, enquanto que os milhões de idólatras que existem dentro da cristandade fabricam um *Deus* extraído de suas mentes carnis. Na realidade, não passam de ateus, pois não existe alternativa possível senão a de um Deus absolutamente supremo, ou nenhum deus. Um *Deus* cuja vontade é impedida, cujos desígnios são frustrados, cujo propósito é derrotado, nada tem que se lhe permita chamar Deidade, e, longe de ser digno objeto de culto, só merece desprezo”.

#### Livros traduzidos no Brasil:

- *Attributes of God* (Os Atributos de Deus, Editora PES)
- *Profiting from the Word of God* (Enriquecendo-se com a Bíblia, Editora Fiel)
- *Studies on Saving Faith* (Estudo sobre a Fé Salvífica, Site Monergismo.com)
- *The Doctrine of Justification* (A Doutrina da Justificação, Site Monergismo.com)
- *The Sovereignty of God* (Deus é Soberano, Editora Fiel)